

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**LITERATURA DE CORDEL E IDENTIDADE CULTURAL: O
OLHAR DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO
CURSO DE AGROPECUÁRIA DO IFPE *CAMPUS* VITÓRIA DE
SANTO ANTÃO**

RAFAEL AUGUSTO COSTA DE OLIVEIRA

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA**

**LITERATURA DE CORDEL E IDENTIDADE CULTURAL: O
OLHAR DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO
CURSO DE AGROPECUÁRIA DO IFPE *CAMPUS* VITÓRIA DE
SANTO ANTÃO**

RAFAEL AUGUSTO COSTA DE OLIVEIRA

Sob a orientação da Professora
Dra. Lucília Augusta Lino de Paula

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em Ciências**, no
Programa de Pós-Graduação em
Educação Agrícola, Área de
Concentração em Educação
Agrícola.

**Seropédica, RJ
Junho de 2011**

398.20981

O481

T

Oliveira, Rafael Augusto Costa de,
1981-

Literatura de cordel e identidade cultural: o olhar de alunos do Ensino Médio integrado ao curso de Agropecuária do IFPE Campus Vitória de Santo Antão / Rafael Augusto Costa de Oliveira - 2011.

109 f. : il.

Orientador: Lucilia Augusto Lino de Paula.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 98-103.

1. Literatura de cordel brasileira - Teses. 2. Literatura de cordel brasileira - Estudo e ensino - Teses. 3. Ensino profissional - Pernambuco - Teses. 4. Identidade de gênero na literatura - Teses. 5. Escolas técnicas - Aspectos sociológicos - Pernambuco - Teses. I. Paula, Lucilia Augusto Lino de,-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

Bibliotecário: _____ **Data:** ____ / ____ / ____

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

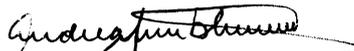
RAFAEL AUGUSTO COSTA DE OLIVEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

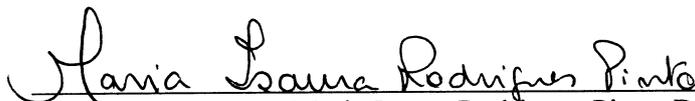
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14/07/2011.



Lucília Augusta Lino de Paula, Dra. UFRRJ



Andrea Sonia Berchiamini, Dra. UFRRJ



Maria Isaura Rodrigues Pinto, Dra. UERJ

*Eu canto vendo dinheiro,
E também canto sem ver...
Canto bebendo cachaça
Canto mesmo sem beber...
Canto como professor
E canto para aprender!*

Mestre Azulão

*A maior força é o Amor
O maior mistério é a morte
O maior pensamento é Deus
O maior destino é a sorte
O pior para o empregado
É ser vítima de um corte.*

*Urbano de Souza Costa, Seu Pirrito,
poeta popular de Glória do Goitá-PE*

*Vi uma mão fazer do barro
Um homem forte, um homem nu
Um homem branco como eu
Um homem preto como tu
Porém não foi a mão de Deus
Foi Vitalino de Caruaru*

Bráulio Tavares

AGRADECIMENTOS

*Agora conto a história
De um macho de coragem,
Valente e sem pabulagem
E natural da Vitória*

Cantiga popular

Ao Senhor Nosso Deus, Pater Noster.

A toda minha família, em especial aos meus avós Pirrito e Josina, aos meus pais Antonio e Amélia, à Tia Lena, à Tia Marta, ao Tio Teo, aos meus irmãos Rodrigo e André, aos meus queridos primos Kike, Nuno, Dee Dee Kelvin e Kenda.

Ao Monsenhor José Lins de Moura, por tudo.

Aos amigos glorienses Marquinhos, Joélito, George, Franklin e José Rafael, o Farel.

Aos amigos de sempre Mersinho, Nai, Chico, Julião, Rege, Geo, Pau de Cheia, Georgius, Nanda e Pablito.

Agradeço à minha Orientadora, professora Dra. Lucília Lino de Paula, que mesmo condicionada pelo modelo do programa do Mestrado, na maioria das vezes à distância, mas sempre de forma gentil e atenciosa, deu-me muitas orientações necessárias para a construção deste trabalho.

À querida professora Dra. Andrea Sonia Berenblum, agradeço pelos momentos ímpares, efêmeros, mas de grande aprendizado.

À querida professora Dra. Maria Isaura Rodrigues Pinto, por haver aceito o convite para integrar a Banca Examinadora.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nas pessoas dos coordenadores professores Gabriel Araújo e Sandra Sanchez, dos professores José dos Santos, Miriam Santos e Rosa Monteiro, e dos servidores Nilson e Marize, pelo apoio, orientações e colaboração.

Ao *Campus* Vitória de Santo Antão do Instituto Federal de Pernambuco, pela possibilidade e apoio para a concretização deste propósito.

Aos professores, servidores técnico-administrativos do Campus Vitória de Santo Antão do IFPE, pelo nosso dia-dia de luta.

Aos Cordelistas e Xilogravuristas que poetizam o Brasil e o mundo com sua arte.

Aos alunos do *Campus* Vitória de Santo Antão do IFPE, em especial aos alunos da 1ª série de curso de agropecuária de 2010, pela sua disponibilidade e confiança para falar o que pensam sobre o Cordel. Vocês foram o lenho na realização deste trabalho.

Agradeço a todos que me incentivaram a iniciar este Mestrado e dar continuidade, em especial aos colegas Sílvio, Edmilson, Eduardo, Pedro, Geraldo Magela, Gilberto e às colegas de trabalho Francisca, Cleide, Isa, Rosana, Salete, Maria José, Fabiana Tenório, Patrícia, Alessandra, Carla e aos grandes amigos que conheci no curso de mestrado, em especial a Marcos, Vanessa, Márcia, Daniela, Eudes, Márcio, Marineide, Rinaldo e Manuel.

RESUMO

OLIVEIRA, Rafael Augusto Costa de. **Literatura de cordel e identidade cultural: O olhar de alunos do Ensino Médio integrado ao curso de Agropecuária do IFPE Campus Vitória de Santo Antão.** 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

O presente trabalho investigou a influência da Literatura de Cordel, um dos símbolos da cultura nordestina, consagrada como a literatura popular do Brasil, no processo de construção da identidade cultural do aluno do Curso de Agropecuária integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Vitória de Santo Antão. Pesquisamos a Literatura de Cordel nas suas origens portuguesa e brasileira e tentamos expor diferenças e semelhanças entre ambas. Além disso, analisamos o Cordel como identidade cultural do povo nordestino e a ligação que pode ser estabelecida hoje com a educação, na sala de aula. A investigação foi realizada através de uma pesquisa qualitativa, que utilizou os seguintes procedimentos metodológicos: questionário e entrevista (gravada em áudio) semi-estruturados. Após a análise dos dados coletados, percebemos que a Literatura de Cordel está distante de nosso alunado, tanto daquele proveniente das regiões interioranas como da região metropolitana, na suas cidades, na sua cultura e também na escola.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Identidade Cultural; Educação Profissional.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Rafael Augusto Costa de. **Literature of Cordel and cultural identity: A view about of the students of the High School integrated in the agropecuary course of the of the IFPE - Vitória de Santo Antão's Campus.** 2011. 109p. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2011.

The present work's main objective is to observe the way of Literature of Cordel, symbol of the northeastern Brazilian culture, been seen as the popular literature of Brazil, is presented in the cultural identity process of the student of the High School integrated in the agropecuary course of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pernambuco - Vitória de Santo Antão's Campus. For this, we researched in Portuguese and Brazilian origins of Literature of Cordel and we tried to expose some differences and similarities between them. In addition, we analyzed Cordel as cultural identity of people of the Northeast and establishing liaison with education today, in the classroom. The investigation was executed through a qualitative research, whose data collect asked the following methods: semi-structured questionnaires and interviews (recorded in audio) with the participants. After the analysis of the collected data, we perceived that Literature of Cordel is distant from our student body, from the interior regions of the states as those from the metropolitan region, in their cities, in their culture and also in school.

Keywords: Literature of Cordel; Cultural Identity; Professional Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Logotipo do Grupo Manjoléu.....	3
Figura 2. Venda de Cordel	7
Figura 3. Capa do folheto A Princesa Magalona.....	10
Figura 4. Fac-símile de O Auto da Barca do Inferno (1502).	15
Figura 5. Capa de Guriatã, de Marcus Accioly.	19
Figura 6. Capa do folheto O Marco Cibernético construído em Timbaúba, de José Honório.....	22
Figura 7. Xilogravura de uma peleja. Autoria desconhecida.	25
Figura 8. Capa do romance Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros.O folheto vem com o nome de João Martins de Athayde, que comprou os originais à família de Gomes de Barros e “trocou” o nome do verdadeiro autor.	29
Figura 9. Capa do folheto Viagem a São Saurê, de Manoel Camilo.	31
Figura 10. Logotipo da ABLC.....	35
Figura 11. Esboço de Pablo Picasso para Dom Quixote e Sancho Pança.....	36
Figura 12. Capa do LP A peleja do Diabo com o Dono do Céu, de Zé Ramalho	38
Figura 13. Xilogravura de José Costa Leite	39
Figura 14. Capa do LP Aralume, do Quinteto Armorial, com xilogravura de Gilvan Samico.....	40
Figura 15. Cordéis.....	42
Figura 16. Capa de O Romance da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna	44
Figura 17. Logotipo da UNICORDEL.....	78
Figura 18. Fachada do IFPE Campus Vitória de Santo Antão	85
Figura 19. Capa do livreto Cabeleira e outros cordéis de cangaço, de Rafael de Oliveira ou Dom Pirrito II. Adaptação em cordel do clássico de Franklin Távora.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Quantitativo de alunos da 1ª série A, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).	65
Gráfico 2. Quantitativo de alunos da 1ª série C, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).	65
Gráfico 3. Quantitativo de alunos da 1ª série D, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).	65
Gráfico 4. Quantitativo de alunos da 1ª série F, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).	66
Gráfico 5. O conhecimento do cordel	68
Gráfico 6: Valorização da literatura de cordel	74
Gráfico 7. Hábito de leitura de cordel.....	79
Gráfico 8: A leitura de cordel.....	80
Gráfico 9: O conhecimento de cultivadores do cordel.....	83
Gráfico 10. O Cordel no IFPE Campus Vitória de S. Antão.....	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 CAPÍTULO I A LITERATURA DE CORDEL: ORIGENS E VEREDAS ..	6
1.1 De Dentro do Bucho	6
1.2 Nas Terras de Pindorama	10
1.3 O Danado do Folheto.....	18
1.4 Temas.....	23
1.5 Os Ciclos	28
1.6 Os Pés do Verso.....	34
1.7 A Xilogravura.....	39
2 CAPÍTULO II EX ARATORE ORATOR FACTUS EST.....	41
2.1 O Cordel: identidade cultural do povo nordestino	41
2.2 Algumas considerações sobre o Cordel e a Educação.....	52
2.3 O Campus Vitória de Santo Antão: Breve Contextualização	59
3 CAPÍTULO III O CORDEL E A ESCOLA: O VERSO NO MEIO DO POVO	63
3.1 Os Sujeitos da Pesquisa	63
3.2 Análise dos Dados: O Conhecimento sobre o Cordel	68
3.3 O Cordel na cidade	73
3.4 A leitura, a Temática e o Conhecimento do Folheto	78
3.5 O Cordel no IFPE <i>Campus</i> Vitória de Santo Antão	84
3.6 Entrevistas	87
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
6 ANEXOS.....	104
Anexo 1 - Questionário Estruturado Aplicado aos Alunos	105
Anexo 2 - Material Didático Aplicado na Vivência de Cordel em Sala de Aula .	106
Anexo 3 - Termo De Consentimento	108

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui presente
Se fez surgir de uma ideia
Mesmo com ou sem plateia
Não se deu como um ausente
Pois o verso é renitente
E voa como um balão
Mas dessa inquietação
Aterrissou no papel
VOU FALAR SOBRE O CORDEL
NOS PAÇOS DA EDUCAÇÃO

Sou professor federal
De Pernambuco, Vitória
Meu martelo tem história
E pede assim seu aval
Canto um marco cultural
Que do povo é tradição
Mas quero tomar lição
Como manda o coronel
VOU FALAR SOBRE O CORDEL
NOS PAÇOS DA EDUCAÇÃO

Quero saber como vai
O cordel nessas paragens
Soube que fez mil viagens
Da Alemanha ao Paraguai
De Cabrobó a Dubai
De Miami ao Japão
Mas como está no meu chão?
Li Habermas e Cantel
VOU FALAR SOBRE O CORDEL
NOS PAÇOS DA EDUCAÇÃO

Os alunos todo dia
À escola tomam rumo
E se folgarem, aprumo
Pra cumprirem sua via.
O cordel eu muito lia
Porém, meus alunos não?
Fiz essa interrogação
Ao jogral e ao menestrel
VOU FALAR SOBRE O CORDEL
NOS PAÇOS DA EDUCAÇÃO

Se o Cordel é a cultura
Do meu povo nordestino,

Quero saber do menino
Como o verso se costura,
Se tem creca ou atadura,
Se é molenga ou valentão.
Peço que leia a lição;
Tome assento no baixel
VOU FALAR SOBRE O CORDEL
NOS PAÇOS DA EDUCAÇÃO

Essa dissertação tem
Seus capítulos de um
A quatro, porém nenhum
Sofreu com algum desdém
Falei, defini também
E pesquisei com ação?
Tomei notas, fiz jargão
Pra levantar meu quartel
VOU FALAR SOBRE O CORDEL
NOS PAÇOS DA EDUCAÇÃO

E esse quartel segue à risca
Tudo com obediência
O que nos pede a ciência
Sem quebrar qualquer tarisca
A cultura aqui foi isca
Pra nossa dissertação.
Para o labirinto então
Seguindo esse carretel
VOU FALAR SOBRE O CORDEL
NOS PAÇOS DA EDUCAÇÃO

Acredito que não há forma melhor de introduzir uma investigação cujo tema é a literatura de cordel do que em versos, como os acima, de minha autoria.

O interesse pela Literatura de Cordel vem desde a minha infância, da convivência com meu avô Urbano de Souza Costa, Seu Pirrito, que no ocaso de sua vida começou a viver a alvorada da poesia popular. Meus pais também conheciam e vivenciavam o Cordel, assim como outras manifestações da Literatura, em casa. No entanto, apesar dessa forte influência no lar, somente aos vinte e dois anos passei a escrever Cordel. Primeiramente, mostrei aos amigos e familiares, que me incentivaram, depois passei a utilizá-lo na escola, a expor aos alunos, a lê-los para muitos. Incentivado por familiares e amigos, em 2010, fundamos o grupo Manjoléu, que desenvolve atividades de leitura e escrita de cordéis e loas de maracatu, cuja temática é a cidade da Glória do Goitá.



Figura 1: Logotipo do Grupo Manjoléu.

Quando da realização do curso de Letras nas Faculdades Integradas de Vitória de Santo Antão, meu interesse sobre a literatura de cordel aumentou, dada a influência do professor das Literaturas Portuguesa e Brasileira, Dr. Elcy Luiz da Cruz. Este professor, como um grande incentivador de ótimas ideias literárias, apresentava o mundo da poesia de Cordel, desde suas origens, nos apresentando os versos de Gil Vicente e outros, chegando até Patativa do Assaré.

Ao começar minha atuação como professor da Escola Agrotécnica Federal da Vitória de Santo Antão (hoje, IFPE Campus Vitória de Santo Antão), em 2005, ofereci um minicurso de Cordel, na Semana da Ciência e Tecnologia daquele ano. Foi um dos cursos mais procurados do evento: teve entre os inscritos, alunos e funcionários da Escola e uma turma inteira de alunas do curso de magistério de outra instituição. Muitos conheceram o Cordel naquele curso e demonstraram gostar muito. Esse interesse foi o ponto inicial para pensar em utilizar o Cordel em sala de aula.

O ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) me propiciou a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre a Literatura de Cordel, fazendo dela minha temática no projeto de dissertação. Era o momento de academicamente investigar o conhecimento e a percepção dos alunos sobre a Literatura de Cordel e verificar se esta manifestação cultural faz parte da vida desses jovens, se influencia de algum modo sua formação cultural.

Assim, o objetivo desta dissertação foi verificar como os alunos da 1ª série do Ensino Médio integrado ao curso de Agropecuária do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) *Campus* Vitória de Santo Antão – PE reconhecem a Literatura de Cordel, se atribuem a ela alguma importância, no momento em que ingressam na instituição. Perguntamo-nos se a Literatura de Cordel desempenha algum papel na construção da identidade cultural destes jovens. Esse questionamento se justifica não somente pela Literatura de Cordel estar associada à identidade cultural do povo nordestino, mas, especialmente, pela região da Zona da Mata pernambucana, onde nossa escola está inserida, ser reconhecida como importante celeiro cultural desta forma de expressão literária. Na Zona da Mata de Pernambuco, foram escritos os primeiros folhetos de Cordel e, além disso, é o local de nascimento de um sem-número de autores de cordel, e mais ainda de leitores cultivadores de tal arte literária.

O que se convencionou chamar de Literatura de cordel, uma das principais manifestações da identidade cultural nordestina, são textos em versos veiculados em folhetos impressos, expostos para venda em cordões nas feiras onde também são declamados (DUTRA & FIGUEIROA, 2002, p.47). O cordel é uma típica manifestação

cultural de cunho popular que, segundo Mark Curran (2000), cumpre a função de transmitir conhecimentos, informar e divertir.

O Cordel, segundo vários autores, tem origem ibérica, muitas de suas histórias são inspiradas nas gestas medievais, e no Brasil assumiu um caráter marcadamente popular, ainda que apresente uma estrutura estética rígida, onde apesar da forma em verso impera a narrativa (LOPES, 1982, p. 13).

O cordelista apresenta o mundo em que vive em versos, reinterpretando-o de forma a se tornar inteligível para o ouvinte ou o leitor, e em suas narrativas, que se passam em cenários imaginários ou reais, aborda uma série de temáticas que vão do cotidiano do homem do campo à filosofia, da religião à política, passando inclusive por conhecimentos escolares da literatura propriamente dita, da geografia, de fatos históricos, entre outros. Assim, a Literatura de Cordel é uma manifestação cultural que apresenta ao leitor ou ouvinte um retrato do tempo, da cultura, da realidade do homem nordestino, viva ele no meio rural ou urbano, aliando diversão e informação, fala e escrita, de maneira que contribui para a construção da identidade cultural do povo nordestino. Desta forma, justifica-se nosso questionamento quanto à contribuição da Literatura de Cordel na formação cultural dos jovens, como nordestinos e oriundos de uma região onde essa manifestação cultural é fortemente presente.

Selecionado nosso objeto de estudo, a Literatura de Cordel, e o recorte necessário, o conhecimento e a identificação dos alunos do IFPE, mais especificamente os oriundos do meio rural, com essa forma de manifestação cultural, empreendemos a investigação propriamente dita, não sem antes efetuarmos uma revisão da literatura sobre o tema.

A abordagem metodológica escolhida foi a análise qualitativa dos dados obtidos com a aplicação de instrumentos. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como principal instrumento. A pesquisa qualitativa também pressupõe o contato direto, constante e prolongado do investigador com o ambiente em que ocorre a investigação, no caso o IFPE (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.11). Julgamos tal abordagem mais adequada, visto que seu foco de interesse é amplo, assumindo postura descritiva, tendo um corte temporal-espacial do referido fenômeno por parte do pesquisador (NEVES, 1996, p.1). A mesma abordagem foi utilizada na fase exploratória, que visou proporcionar uma visão geral do fato a ser investigado, aproximando-nos da temática, dos sujeitos e, obviamente, da própria instituição *locus* da investigação, o IFPE campus Vitória de Santo Antão (GIL, 1999, p. 43).

Ao longo da minha atuação como docente da instituição, pude perceber que a Literatura de Cordel é mais presente entre os alunos do meio rural. Alguns alunos de origem rural têm conhecimento do cordel, porque seus pais e avós tiveram o costume de lê-lo não só como curiosidade, mas como prática cultural inserida na sua realidade. Encontrei alunos cujos pais possuem exemplares raros, quase seculares, de folhetos que foram herdados de seus ancestrais. Outros alunos têm um amigo ou um vizinho que faz versos de cunho popular.

Esta dissertação se divide em 5 partes, incluindo esta introdução, que apresenta o interesse do investigador pela temática, os objetivos e justificativas do projeto de pesquisa, finalizando com a síntese do desenvolvimento da dissertação. Ao longo do texto, apresentamos alguns dos autores com que efetuamos a necessária interlocução teórica.

O Capítulo Um apresenta a Literatura de Cordel, a polêmica sobre a sua origem, suas formas de manifestação, os temas e ciclos, finalizando com o papel da xilogravura.

O Capítulo Dois destaca essa literatura como expressão cultural da identidade do povo nordestino, contextualiza o lócus da investigação – o IFPE Campus Vitória de Santo Antão e aborda a questão do uso da Literatura de Cordel na escola.

O terceiro capítulo apresenta e analisa os dados da pesquisa, traçando o perfil dos alunos sujeitos da investigação.

Por último, nas considerações finais, apresentamos as conclusões a que chegamos com a investigação realizada, apontamos os futuros desdobramentos da pesquisa, indicando possíveis continuidades deste estudo.

1 CAPÍTULO I

A LITERATURA DE CORDEL: ORIGENS E VEREDAS

*Como posso pensar ser brasileiro
Enxergar minha própria diferença
Se olhando ao redor vejo a imensa
Semelhança ligando o mundo inteiro
Como posso saber quem vem primeiro
Se o começo eu jamais alcançarei
Tantos povos no mundo e eu não sei
Qual a força que move o meu engenho
Como posso saber de onde eu venho
Se a semente profunda eu não toquei?*

Bráulio Tavares e Siba – Sêmen

Para que possamos empreender um estudo que tenha a Literatura de Cordel como objeto de investigação, é necessário, primeiramente, indicar suas origens, sua presença no Nordeste brasileiro, contextualizado historicamente o tema da investigação, bem como conceituar esta manifestação cultural.

Sabemos que as primeiras manifestações da literatura popular, que mais tarde veio a ser conhecida como Literatura de Cordel, segundo vários autores, têm origem ibérica e datam do período medieval, provavelmente nos séculos XI e XII. Em seu surgimento, a literatura popular era eminentemente oral, recitada nas feiras, por jograis e menestrelis ambulantes. Conhecer as origens da Literatura de Cordel e de outras manifestações da literatura popular nos permite além de ressignificar conceitos também avaliar sua influência na construção da identidade cultural do povo nordestino.

Assim, este capítulo procura explicar as origens do Cordel, sua gestação ‘dentro do bucho’ questionando seu surgimento, apontando duas vertentes críticas opostas: a primeira que indica a origem em terras lusitanas e seu posterior abrasileiramento, ou aquela que defende a sua origem já no Nordeste brasileiro. Apresentamos ainda neste capítulo, as principais características do cordel, como seu formato, o ‘danado do folheto’, analisando seus temas e ciclos, passando pela métrica, os ‘pés dos versos’ e finalizando com sua evidente associação à xilogravura.

Das origens aos caminhos trilhados pelo Cordel, vemos que hoje o mesmo encontra-se em pleno processo de inovação, em busca de um público mais jovem e diferenciado, estratégias para a sobrevivência desta manifestação tipicamente popular e intrinsecamente associada à cultura nordestina e à identidade de seu povo.

1.1 De Dentro do Bucho

A tradição da literatura oral remonta à Antiguidade, sendo as obras homéricas, *A Ilíada* e *A Odisseia*, os exemplos mais famosos. Durante séculos a obra atribuída a Homero foi preservada através da transmissão oral, pelos *aedos* que declamavam os poemas nas festas e praças, em locais públicos e privados. É inquestionável a

importância dos poemas homéricos na construção da identidade cultural, moral e religiosa do povo grego. Outro exemplo de literatura oral, anônima e popular, vem do Oriente Médio, é a obra *As Mil e Uma Noites*, uma série de contos independentes interligados apenas pelo narrador. Estas obras, contadas e recontadas ao longo dos séculos, apenas bem mais tarde foram registradas na forma escrita e até hoje são consideradas obras primas da literatura universal.

Da mesma forma, na era medieval, a Europa produziu extensa e primorosa literatura, anônima e popular, difundida na forma oral, por poetas ou bardos conhecidos como trovadores, menestréis, jograis e segréis. As mais famosas são as lendas do Rei Artur, a Canção de Rolando e os feitos de El Cid campeador. Esta literatura popular era disseminada em todas as classes sociais, sendo cantada ou declamada em castelos, feiras ou tabernas. As cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer eram manuscritas e distribuídas para o público durante as apresentações. Desta forma, pode ser preservado até os dias de hoje, os famosos ‘cancioneiros’, ou mais precisamente, as coleções dessas cantigas como o *Cancioneiro da Vaticana* e o *Cancioneiro da Ajuda*.

Vemos assim que o que se convencionou chamar de ‘literatura popular’, marcadamente oral, está presente em vários povos e em diferentes épocas, na Europa e no Oriente, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, chegando a Era Moderna e persistindo até os nossos dias. A literatura popular surgiu e se desenvolveu na forma oral e paulatinamente ganhou a forma escrita, inicialmente manuscrita, antes de ser impressa, o que só ocorre com a invenção da Tipografia de Guttemberg, em 1450.

A literatura popular passa a ser impressa em folhetos de papel ordinário, para baratear os custos e aumentar as vendas, sendo comercializada a baixo preço, o que contribuiu para ampliar sua popularidade. Por esse motivo ela passa a ser denominada de ‘literatura de folhetos’ ou ainda *folhas volantes*, *folhas soltas* ou *cadernos manuscritos*, estes copiados à mão e não confeccionados de maneira tipográfica como os demais.



Figura 2. Venda de Cordel

Esse tipo de folheto de literatura popular era comum na Europa moderna, produzido em países como Espanha, França, Itália e Alemanha, onde recebeu outros nomes, como *pliegos sueltos*, na Espanha, por exemplo, ou *littérature de colportage*, como era conhecida na França, ou ainda como *corrido*, denominação comum na Argentina, México e em outros países hispano-americanos (PROENÇA, 1977, p.29). Em Portugal, os folhetos eram pendurados em barbantes ou cordéis, nas feiras, daí, segundo alguns autores, adveio o nome Literatura de Cordel (OLIVEIRA et al., 2008, p.218).

De antemão, é necessário destacar que a denominação ‘literatura popular’ não se restringe à ‘Literatura de Cordel’, pois esta é uma forma ou um gênero específico de um conjunto mais amplo e variado da literatura popular, que é universal e presente nas mais diversas culturas. Assim, o que se convencionou chamar de literatura popular abrange uma série de produtos literários, como a própria literatura de cunho oral, o texto do teatro mambembe de marionetes¹, dos mamulengos², o cancionário popular, os autos³, as loas dos maracatus rurais⁴, os causos, as lendas, os ditos populares e mais um conjunto imenso de manifestações literárias, orais ou escritas.

A Literatura de Cordel é uma denominação utilizada no Brasil e em Portugal para classificar uma corrente da literatura popular, ou pelo menos uma forma de como a literatura popular é confeccionada, o folheto impresso. É evidente que há outras formas de literatura popular, também importantes e meritórias, que transcendem a Literatura de Cordel.

Segundo uma vertente crítica que defende a origem ibérica da Literatura de Cordel, as primeiras manifestações da Literatura de Cordel surgiram em Portugal, e se caracterizavam como narrativas em forma de versos veiculadas em folhetos impressos, com cunho marcadamente popular (DUTRA & FIGUEIROA, 2002; LOPES, 1982). Ainda segundo esta vertente, surgida na Idade Média, a temática das narrativas da Literatura de Cordel é profundamente influenciada pelo imaginário medieval, como confirma Diégues Júnior:

“Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas.” (DIEGUES JÚNIOR, 1973, P.5)

Entretanto, a temática do Cordel, ainda que profundamente marcada por sua origem histórica, apresenta um espectro mais amplo, já presente em terras lusas. Márcia Abreu (1999, p. 23) destaca que a produção de Literatura de Cordel em Portugal abrangia ainda autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografias, sátiras, notícias.

Ainda segundo Abreu (1999), é na imensa obra do dramaturgo português Gil Vicente (1465-1536) que a Literatura de Cordel ganha seus primeiros exemplares em Portugal, em meados do século XVI. No livro *História da Literatura Portuguesa*, Antônio José Saraiva e Óscar Lopes (1955) nos informam que Gil Vicente era um autor palaciano, mas também popular, e sua obra bastante divulgada para além da Corte:

Ainda que representado nos salões do Paço, Gil Vicente fez sentir a sua influência num círculo muito mais amplo que o da Corte. As

¹ Teatro de bonecos feitos de madeira ou papelão e movimentados através de fios e cordões fixados às diferentes partes do boneco e atados a uma cruzeta manipulada pelo titeriteiro que se esconde na parte superior do palco.

² Teatro popular de origem nordestina, cujas apresentações acontecem em locais públicos num palco coberto de pano de chita, onde os atores ficam escondidos. O mamulengo é um teatro de bonecos feitos de pano, utilizados como uma luva, sendo que as mãos e a cabeça do mamulengo são feitas da madeira mulungu, muito comum no Nordeste brasileiro.

³ Peças teatrais populares sérias ou cômicas de origem lusitana, cujo texto apresenta a moral cristã como salvadora da humanidade.

⁴ Cantos entoados pelo Mestre do Maracatu Rural, que é acompanhado por uma pequena orquestra, enquanto os caboclos-de-lança (guerreiros da mata) fazem suas evoluções, com dança e movimentos de guerra.

suas peças, como vimos, corriam impressas pelo autor, em folhetos de cordel, e a sua *Compilação* de 1562 contava sem dúvida com um grande apreço público. É certo, portanto, que se popularizaram; não se deve excluir a hipótese de terem sido representadas também fora do Paço (hipótese perfeitamente viável, visto que o texto impresso estava ao alcance de muitos). (SARAIVA & LOPES, 1955, p. 223)

Outros autores contemporâneos de Gil Vicente também procuraram popularizar suas obras apresentando-as sob a forma de folhetos de Cordel, como Ribeiro Chiado, Afonso Álvares e Baltasar Dias. Acerca deste último, leiamos o que diz Márcia Abreu:

Baltasar Dias foi o grande autor popular dessa literatura e o maior autor português a publicar sob a forma de cordel. (...) Baltasar Dias pode ser entendido como um indivíduo “bicultural, ou seja, participava da cultura popular mas tinha fortes contatos com o mundo da erudição, situação relativamente comum nos anos seiscentos em Portugal. (ABREU, 1999, p. 35)

Esse repertório de origem medieval marcou a Literatura de Cordel não somente em terras lusitanas, mas também quando da sua migração para o Brasil, ainda no período colonial.

Nos séculos XVII e XVIII, período, que corresponde às gerações posteriores à de Gil Vicente, a Literatura de Cordel portuguesa assiste momentos de altos e baixos na sua produção. Durante o século XVII, a Igreja manifestou-se contra o teatro e a literatura populares, que mesclavam o sagrado e o profano, e muitas vezes ridicularizavam a hierarquia religiosa. Este momento apresentou uma queda ou um recuo, na história do Cordel português. Posteriormente, já no século XIX, devido à influência do Romantismo, há uma retomada do interesse por temáticas populares, por saberes e artes típicas do povo, apontados como característicos da identidade cultural das nações, com o folclore regional, nacional e mesmo europeu. Assim, muitas histórias, que mais tarde ganharam as rimas do Cordel brasileiro, foram traduzidas para o português, como as histórias da Donzela Teodora, Carlos Magno, Roberto do Diabo, Princesa Magalona, entre outras.

Essa origem híbrida, popular e erudita, da Literatura de Cordel portuguesa, denominada de literatura tradicional, é atestada por Câmara Cascudo (1953):

Literatura Tradicional é a que recebemos impressa há séculos e é mantida pelas reimpressões brasileiras depois de 1840. São pequeninas novelas, DONZELA TEODORA, IMPERATRIZ PORCINA, ROBERTO DO DIABO, PRINCESA MAGALONA, JOÃO DE CALAIS, a grossa HISTÓRIA DO IMPERADOR CARLOS MAGNO E DOS DOZE PARES DE FRANÇA, com as aventuras do invencível Bernardo del Carpio. Tiveram origem erudita, estudada na novelística francesa, espanhola, italiana e portuguesa. Vieram dos séculos XV ao XVIII, com formação diversa, fazendo as delícias do povo e o encanto dos pesquisadores que farejam rasto no rumo da Índia ou da Pérsia, apontando o que desapareceu e discutindo o imponderável. (CASCUDO, 1953, p.13)



Figura 3. Capa do folheto A Princesa Magalona

Entretanto, ainda que seja possível identificar um elo entre a literatura popular portuguesa, veiculada sob a forma de folhetos de cordel, e a posteriormente desenvolvida no Brasil, denominada Literatura de Cordel, não fica explícita e nem clara a hipótese de a Literatura de Cordel brasileira ser um tipo de ‘filha’ da lusitana, como defende uma vertente da crítica literária. (ABREU, 1999, p. 129). Vários autores reconhecem que a literatura de cordel brasileira tem características próprias e distintas da manifestação portuguesa, o que faz com que alguns autores, se oponham à crítica predominante e atribuam a Literatura de Cordel uma origem “naturalmente” brasileira, em um movimento que rejeita certa subalternidade cultural adjacente à adesão aos valores culturais etnocêntricos, alinhados à matriz europeia do colonizador.

Esta discussão sobre a origem da literatura de cordel é conflituosa, pois abarca deferentes perspectivas da crítica especializada no que tange ao desenvolvimento deste gênero literário e sua originalidade.

1.2 Nas Terras de Pindorama

*E assustado dei um pulo da rede,
Pressenti a fome, a sede,
Eu pensei: "vão me acabar".
Me levantei de borduna já na mão.
Ai, senti no coração,
O Brasil vai começar.*

Antônio Carlos Nóbrega – Chegança

As primeiras publicações de Cordéis brasileiros datam do final do século XIX e início do século XX, entre os anos de 1889 e 1907. Os poetas paraibanos Leandro Gomes de Barros (1865-1918)⁵ e Silvino Pirauá, foram autores dos primeiros Cordéis publicados na cidade do Recife, capital da província de Pernambuco. Uma justificativa para esse berço pernambucano seria o fato desta província ser dotada de um número razoável de tipografias.

Não é possível precisar as datas das primeiras publicações, assim como definir uma data para a criação da Literatura de Cordel brasileira, visto que sua manifestação é tradicionalmente oral e popular, carecendo de documentos impressos. Da mesma forma, é difícil saber como a Literatura de Cordel foi trazida ao Brasil e como se deu seu

⁵ Nasceu na fazenda Melancia, em Pombal, Paraíba, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife, Pernambuco, no dia 4 de março de 1918.

abrasileiramento, ou melhor, como ocorreu o percurso e o desenvolvimento do gênero no Brasil.

Devido a sua popularidade em Portugal, provavelmente, a Literatura de Cordel chegou ao Brasil com os primeiros colonizadores, ainda no século XVI, inicialmente na Bahia, então sede do Governo Geral e maior centro urbano da Colônia, onde encontrou um terreno fértil, se disseminando para outras capitanias do Nordeste. Por volta de 1750, apareceram os primeiros poetas populares que narravam sagas em versos, decoradas e recitadas nas feiras ou nas praças, às vezes, acompanhadas por música de violas.

A Literatura de Cordel, no Brasil colonial, desponta como manifestação cultural marcadamente oral, característica fundamental da cultura popular. Esses cantadores ambulantes, além dos versos decorados elaboravam improvisos, e foram os precursores da Literatura de Cordel no Brasil⁶. Cabe destacar que no período colonial a imprensa era proibida no Brasil, sendo apenas introduzida após a vinda da família Real portuguesa, em 1808.

Segundo a pesquisadora Maria Alice Amorim (2003), consta num artigo de Sílvia Romero, que no ano de 1879, já havia no interior da região Nordeste, a circulação de pequenos folhetos. Segundo a autora, para Câmara Cascudo, o folheto era comum desde 1873 na capital pernambucana, e Ariano Suassuna complementa que, em 1836, na cidade de Serra Talhada, sertão pernambucano, havia um folheto referente ao acontecimento da Pedra do Reino (AMORIM, 2003, p. 23).

Embora as observações encontradas por Amorim (2003) pareçam bastante coesas, é necessário também levarmos em conta certo desconhecimento quanto à forma que esses folhetos, citados por Sílvia Romero, Câmara Cascudo e Ariano Suassuna, eram confeccionados, provavelmente manuscritos, assim como ao seu distanciamento quanto à estrutura que o Cordel tem hoje. Estrutura essa basicamente influenciada pelas cantorias de viola, provenientes do sertão nordestino, e depois passadas para a forma escrita em folhetos. Obviamente, o processo de transformação daquela literatura tradicional, advinda de Portugal, alguns séculos antes, na Literatura de Cordel, que se disseminou no Nordeste brasileiro, até tornar-se uma das suas mais fortes manifestações culturais, foi lento e gradual.

Confirmando a assertiva de que os impressos pernambucanos marcaram os primórdios da Literatura de Cordel no Brasil, escreveu o poeta Antônio Américo de Medeiros, em seu folheto *Os Mestres da Literatura de Cordel*:

Nosso cordel começou
Com Silvino Pirauá
E Leandro Gomes de Barros
Como na História está
De Vitória pro Recife
Começou tudo por lá.

Pirauá filho de Patos
e Leandro de Pombal.
Todos dois paraibanos
deixaram a terra natal
Foram para o Pernambuco
pararam na capital.

⁶In: <http://educacao.uol.com.br/cultura-brasileira/literatura-de-cordel-1-poesia-popular-caracteristica-do-nordeste.jhtm> Acesso em 30/04/2011.

Porque Recife já tinha
algumas tipografias
Lá Pirauá enfrentou,
com vontade e energias,
publicou quatro folhetos
e vendeu em poucos dias.

A esse respeito, concordando que os primeiros impressos são da autoria de Leandro e Pirauá, também escreveu o cordelista cearense Klévisson Viana, em seu folheto *O Universo de Cordel*:

O romance popular
Que chamados de cordel
Antigamente corria
Na boca do menestrel
Penso, também, que era feito.
Manuscrito no papel

Leandro já em Recife
Ao ver a tipografia
Recurso que no sertão
É certo, não existia
Divisou ali caminho
De publicar um livrinho
E vender sua poesia

Com Silvino Pirauá
Outro vate de talento
De Patos na Paraíba
(terra de seu nascimento)
Os dois juntos começaram
No Recife publicaram
Aos primórdios de um invento

Lançaram quatro folhetos
Venderam de mão em mão
O sucesso foi tamanho
E grande a repercussão
Nascia, ali, o Cordel
Que era cópia fiel
Da cultura do sertão

É com os dois primeiros cordelistas citados, Leandro e Pirauá, que o Cordel ganha ‘novo’ formato no Brasil. Formato este que será elaborado no decorrer dos anos, tanto na sua forma de criação como também, na escolha dos temas a serem abordados. É mister observar que os primeiros folhetos impressos destacam, de antemão, arquétipos bastante peculiares como vemos em *A peleja de Manoel Riachão com o Diabo e Cancão de Fogo e seu testamento*. Em ambos os Cordéis, da autoria de Gomes de Barros, já podemos ver a inclusão de determinadas personagens, como a entidade do além, o Diabo, e o personagem pícaro, sob a alcunha de Cancão de Fogo.

De onde veio o cordel

Não se sabe exatamente
O cordel de onde veio
Alguns afirmam que os mouros
Lhe serviam de correio
Até a Península Ibérica
E de lá pra o nosso meio.

Pois lá na Península Ibérica
Cordão se chama cordel
Onde eram penduradas
As folhinhas de papel
Nascendo daí o nome
Desta cultura fiel.

Após a leitura dos versos do cordelista Arievaldo Viana, podemos perceber a dificuldade de definir a origem da Literatura de Cordel. Entretanto, podemos afirmar que ela desde seus primórdios no Brasil, já se materializava como ‘cópia fiel da cultura do sertão’, como os versos de Leandro e Pirauá.

Entretanto, é justamente no meio nordestino que encontramos uma certa especificação quanto ao uso do termo Cordel. Segundo Ricarte (2009, p.43), o uso do verbete “Cordel” não apresenta nenhuma característica *a priori* de como este tipo de literatura era vendida e divulgada no Brasil. Uma vez que, em terras brasileiras, inicialmente, os folhetos não eram vendidos pendurados e expostos em barbantes, mas em tabuleiros, no chão ou nas mãos do comerciante. O mesmo já dizia o poeta popular pernambucano, Urbano de Souza Costa (comunicação pessoal) sobre o uso do termo *folheto* como o mais comum na zona da mata norte de Pernambuco.

A pesquisadora Francisca Santos (2009) refere-se a esse processo da seguinte maneira:

Para esta poesia, que ficou popularmente conhecida por seus produtores e receptores durante quase todo o século XX como "folheto de feira" - mas que viria a ser posteriormente conhecida como "literatura popular em verso" ou "cordel" -, foi desenvolvida por parte de alguns intelectuais e políticas públicas do Estado, a partir da década de 1960, quando houve uma importante campanha para lhes dar visibilidade. Data deste período o início de um programa institucional de reabilitação desta poética, ligado a Casa de Rui Barbosa, sediada no Rio de Janeiro, fundando e elaborando, a partir da confecção de um catálogo, de estudos e de várias antologias, o que poderíamos chamar de uma historiografia do cordel (SANTOS, 2009).

Segundo Leitão (1984, p. 172), a Literatura de Cordel deve ser vista como *uma árvore*, que deu semente e que aqui foi plantada e germinada, adquirindo características tipicamente brasileiras, e não como *uma raiz*. Nesse sentido, as discrepâncias entre as Literaturas de Cordel nos dois países, Brasil e Portugal, nas composições material, literária e temática são evidentes. Para Abreu (1999, p.15-16) *as semelhanças entre as duas produções de cordel, em Portugal e no Brasil, na verdade, são mínimas e as diferenças inúmeras*.

Pinto (2009), discorre sobre essa questão polêmica que refere-se às origens e influências na Literatura de Cordel, como um embate ainda sem solução.

Embora seja preponderante o ponto de vista da crítica de que as “origens” do cordel estão na Península Ibérica, mais especificamente em Portugal, essa é uma questão irresolúvel em termos de um consenso geral. Contrariando a tão apregoada “filiação”, facilmente localizável em vários estudos, mesmo que de forma genérica e vaga, mais recentemente outras vozes discordantes (em número bem reduzido, é certo) se fazem ouvir (PINTO, 2009, p.2).

Nesse sentido, o conflito entre as correntes críticas que defendem a filiação lusa, e portanto encaram a literatura de cordel brasileira como fruto de um processo de abrasileiramento do modelo lusitano, e as que defendem a origem nacional do cordel brasileiro, e portanto sua originalidade, tem vieses ideológicos no que tange ao papel da colonização, da subalternidade e secundariedade da cultura brasileira. Segundo alguns autores, a questão da origem não é primordial, mas sim o percurso que o gênero Literatura de Cordel tomou no Brasil, adquirindo características próprias e originais.

É claro, que tendo adquirido características da Literatura de Cordel portuguesa, a brasileira apresenta semelhanças para com a lusitana. Observemos os dois textos abaixo:

Auto da Glória do Goitá

Cachorro da Mulesta

Mas a senhora não pode
Por esse arco passar...
Por favor, Nossa Senhora,
Me tire desse lugar!

Maria

Ah, mas fui eu que bem disse
Que o Diabo era bonzinho...
Por que você quer agora
Dar uma de bom anjinho?
(Rafael de Oliveira)

Auto da Barca do Inferno

Diabo

Entra cá! Que cousa é essa?
Eu não posso entender isto!

Cavaleiro

Quem morre por Jesus Cristo
Não vai em tal barca como essa!
(Gil Vicente)

Além da semelhança quanto à métrica das duas manifestações da Literatura de Cordel de Língua Portuguesa em questão – observamos que, nos textos, os autores recorrem ao uso do verso de redondilha maior, o verso de sete sílabas poéticas. Podemos também encontrar semelhança quanto à peculiaridade temática, a presença

marcante do catolicismo, comum ao Nordeste do Brasil e ao país luso. No primeiro texto, da peça *O auto da Glória do Goitá*, observamos a recorrência à Virgem Maria como mediadora no diálogo entre Deus e o Homem, ainda que de forma irônica. Algo que, por exemplo, Ariano Suassuna já havia explorado no seu *Auto da Compadecida*. No segundo texto, há a representação de um conhecido retrato da sociedade medieval: a busca pela salvação da alma.



Figura 4. Fac-símile de *O Auto da Barca do Inferno* (1502).

É interessante destacar que, embora já contemporâneo do pensamento Renascentista, Gil Vicente dotava-se do cristianismo como concepção de vida e da mais rigorosa ortodoxia, mesmo sendo um crítico do cristianismo de sua época (SPINA, 1998, p. 20-21).

Contudo, entendamos que a Literatura de Cordel portuguesa e a Literatura de Cordel brasileira não se equivalem. Elas têm aproximações como no caso do teatro rimado e metrificado que vimos com Oliveira e Vicente. Aproximações essas que não devem ser consideradas como cristalizadas, uma vez que a estrutura da Literatura de Cordel portuguesa, por abranger variados tipos de textos, também recorre ao uso da prosa e outros gêneros. A diferença da estrutura da Literatura de Cordel brasileira, cultivada através da literatura oral dos cantadores interioranos, é que, inicialmente, utilizou-se de textos provenientes da Europa para rimá-los e publicá-los em edições rústicas. O que não quer dizer que a Literatura de Cordel brasileira pareça desvalorizada ou minimizada por sua estrutura.

Assim se o cordel brasileiro apresenta uma origem lusitana, esta ocorreu apenas num primeiro momento, com as versões brasileiras de cordéis portugueses, quando os folhetos eram “fiéis ao enredo das histórias lusitanas, conservando todos os passos fundamentais do enredo, transcrevendo algumas passagens quase literalmente”. (ABREU, 1999, p. 131).

Hoje, podemos afirmar, baseados em Pinto (2009), que o cordel brasileiro é oriundo da junção das multiculturas herdadas por seus autores, sujeitos a fluxos e choques culturais diversos, e dessa forma sua produção se caracteriza por elementos de renovação e de conservação. A herança multicultural do povo brasileiro e nordestino, de que o cordel é uma manifestação, evidencia as raízes africanas e ameríndias além das europeias, dotando o cordel brasileiro de características peculiares, referentes à identidade de seu povo.

Assim, se não é possível negar a dependência cultural da metrópole e os efeitos da colonização portuguesa, podemos identificar nas manifestações culturais populares as respostas emancipatórias que as chamadas culturas periféricas podem dar aos modelos hegemônicos. Desse modo, onde a crítica tradicional enxerga a recepção

passiva e a imitação, é possível perceber a resistência cultural de um povo manifesta na literatura popular. (PINTO, 2009)

Nesse sentido, ainda segundo Maria Isaura Rodrigues Pinto (2009, p. 126) entende-se as especificidades do cordel brasileiro, duplamente conectado com ‘uma produção de poesia oral nordestina imemorial’, que remonta às glosas e voltas portuguesas, mas aqui, em terras brasileiras, se configurou com base no improvisado acompanhado de viola e com ‘uma tradição narrativa de legado indígena e africano, que se mescla principalmente com elementos do cordel narrativo português ou, de modo mais geral, com as narrativas do romanceiro ibérico’. Assim, diante da riqueza do cordel brasileiro, fruto de uma variada herança multicultural, podemos salientar como afirma Márcia Abreu (1999, p.72), que as obras da literatura de cordel lusa “não são sequer um pálido esboço do que é a literatura de folhetos do Nordeste brasileiro.”

Assim, podemos destacar a Literatura de Cordel como uma manifestação ímpar da cultura brasileira, impregnada por marcas identitárias da nossa nacionalidade e característica do povo nordestino. Assim como se deu o processo de formação étnica do povo brasileiro a partir do processo de “mistura de raças”, observemos que o cordel brasileiro é consequência também desse processo, marcado pela multiculturalidade, pela hibridização, pelo polimorfismo.

O Cordel brasileiro, no decorrer de sua história, foi lapidado conforme os costumes do povo que o cultivava – escrevendo, lendo, recitando – e, assim, aos poucos, saiu da temática importada dos Cordéis portugueses para explorar temas comuns ao seu leitor. O abrasileiramento da temática, também é um elemento importante, para o percurso do gênero do Cordel no país, que associa a tradição oral ao texto escrito, e recitado, configurando uma ‘leitura auditiva’ disseminada pelo folheto. Assim, na literatura de cordel, praticada no Brasil:

A tradição oral entroncada com a experiência negra e indígena e do imigrante pobre português se nutre, assim também, do escrito, que se torna oral, passando a viver nos lábios do povo. Também neste momento, a “leitura auditiva” própria da transmissão oral se manifesta e se constitui como busca de um “texto escrevível”. Em outras palavras: o poeta popular recebe a história que lhe é transmitida oralmente (é comum que lhe chegue em segunda mão, muito embora possa ele mesmo tê-la lido em folhetos ou livros) e, incitado ao trabalho, coloca em versos a história ouvida. Toma como referencial o modelo estrangeiro, mas reconfigura-o em sua escritura a partir de traços diferenciais, incorporando o léxico, os motivos e outras formas de tradição oral, condizentes com um modo de pensar e sentir brasileiros, o que dá dimensão criativa ao diálogo cultural. (PINTO, 2009, p. 125)

A permanência da tradição oral, mesmo quando o folheto impresso se torna a manifestação predominante, é um marco distintivo importante do cordel brasileiro, que favorece a aproximação do narrador/cantador com o leitor/ouvinte, intermediado por uma linguagem acessível e com a qual ambos se identificam:

a linguagem do narrador simples e próxima do leitor/ouvinte, tecendo-se dentro de uma dinâmica afetiva, torna a narração, que articula cotidiano e ficcionalidade, algo íntimo. O narrador estabelece, por meio de variados mecanismos, um elo direto com o leitor, de modo a que se pense nas histórias como se estivessem sendo contadas naquele momento. (PINTO, 2009, p. 5)

Uma outra característica que merece destaque é a repercussão que o Cordel tem no interior do Nordeste, assumindo um papel de veículo de comunicação integrado ao cotidiano do homem nordestino, como descreve Carlos Alberto de Assis Cavalcanti:

Folhetos escritos em sextilhas, setilhas ou décimas, tratando sobre vários temas caracterizam a nossa literatura de cordel. Na verdade, o Cordel se constitui em um verdadeiro jornal nordestino, cuja temática apresenta desde os “causos” ocorridos de fato ou acrescidos da fantasia popular, passando pelos relatos relacionados com a política e a religião. Ressalte-se, ainda, que se trata de um jornal em versos (e muito bem delimitados no ritmo e na métrica), o que faz o jornal ainda mais característico. Isso torna, sem dúvida, a literatura de cordel uma das mais curiosas e extraordinárias expressões da arte nacional, seja pelo fazer poético assim como pela construção das capas que se apresentam artisticamente elaboradas em xilogravura. (CAVALCANTI, 2007, p. 29)

Após “assumir” esse papel jornalístico, não seria estranho o Cordel atender às necessidades literárias de seu público leitor. De fato, o Cordel transformou-se numa espécie de registro de seu próprio público, utilizando uma linguagem intencionalmente popular, para facilitar a identificação e a comunicação. Os personagens e enredos, a partir do momento em que a temática nordestina ganha as páginas dos folhetos, passam a ser vistos como símbolos, como uma espécie de tipologia de heróis, vilões, lugares e situações.

A literatura de cordel é uma manifestação que marca a identidade cultural nordestina, pois também articula-se com outras manifestações culturais com que dialoga, como o teatro, a música, as artes plásticas. É nesse sentido que o pesquisador e cordelista Franklin Maxado elabora uma possível definição do que é Cordel, numa perspectiva totalizante:

O cordel é uma espécie de arte total: é poesia, é gráfico, é canto, é artes plásticas, é música, é teatro, é jornalismo, e é comércio. E ainda é até esporte, pois um poeta carrega sua mala para feira e em viagens, exercitando os músculos e virando atleta. Como o poeta Francisco Firmino de Paula, que um dia caiu morto nas ruas de Recife com o peso de sua mala de folhetos. O Coração não resistiu a tanta poesia. (MAXADO, 2008)

Assim, o cordel em seu percurso no Nordeste brasileiro sofreu as mesmas influências históricas e culturais de seu povo, admitindo novos mecanismos, informações culturais variadas, transformando-se com o meio, sendo influenciado por este e por que não também o influenciando? O cordel invadiu os meios de comunicação tecnológicos, tornou-se tema de novela, filmes, livros, peças teatrais e continua vivo, mutante, sempre em ebulição.

1.3 O Danado do Folheto

*Uma jumenta viçando
jumento correndo atrás
um candeeiro de gás
vêi na cadeira bufando
rádio de pilha tocando
um choriço, um manguzá
um galho de trapiá
carregado de fulô
fogareiro abanador
um matador destemido
isso é cagado e cuspidô
paisagem de interior.*

Jessier Quirino – Paisagem de Interior

Vimos que a Literatura de Cordel é uma manifestação da literatura popular, com forte tradição oral, constituída predominantemente por narrativas em forma de verso, veiculadas e disseminadas em folhetos impressos. Segundo o poeta e professor Marcus Accioly (2005), a Literatura de Cordel é apresentada na forma de pequenos livros ou folhetos, livrinhos mal-acabados, de 11 por 15 centímetros, seguindo um padrão de uma folha de papel dobrada em quatro, variando entre oito, 16, 24, 32 e 64 páginas.

No início do século XX, suas edições, rústicas, apresentavam vinhetas e desenhos de baixa qualidade, porém referentes às histórias apresentadas. Ainda segundo Marcus Accioly (2005), quanto ao formato dos exemplares da Literatura de Cordel, podemos classificá-los em três tipos:

a) *Folheto* – possui, no mínimo, oito páginas, podendo variar entre 12 ou 16 folhas. Como exemplos, podemos citar: *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco e *A chegada da prostituta no céu*, de J. Borges.

b) *Romance* – consta de um folheto de 32 páginas, cujas narrativas são centradas em histórias de amor, aventura, gracejos, justiça e injustiças, duelos, entre outros. Exemplos deste tipo de formato são o *Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Resende e *Os martírios de Jorge e Carolina*, de João Martins de Athayde.

c) *História* ou *Romance-exagerado* – entende-se como sendo um romance mais longo, de 64 páginas ou que tem uma confecção seriada. Cabe citar *As aventuras da família Vira-mundo* (série de dez volumes), de João José da Silva e *História de Mariquinha e José de Souza Leão*, de João Ferreira de Lima.

Nas últimas décadas, com destaque para os anos finais do século XX e início do XXI, percebe-se uma profunda renovação na Literatura de Cordel, principalmente em relação à sua forma de apresentação impressa, a partir de algumas mudanças bastante consideráveis no formato do Cordel. Estas inovações, capitaneadas por algumas editoras e autores, aproximam o formato do Cordel de outras manifestações culturais de

características pop⁷, numa tentativa de atrair o público jovem, como as histórias em quadrinhos, por exemplo. Ou ainda, a apresentação em formato mais elaborado, com padrão editorial similar aos dos livros, tanto no tamanho, quanto no tipo de papel utilizado, ou ainda no uso de cores. Cabe ainda destacar o uso de novas tecnologias da informação e comunicação, como o meio digital e a internet.

Em 1980, o já citado poeta Marcus Accioly, publicou o livro *Guriatã – um cordel para menino*, em formato tradicional para um livro vendido em livraria (14 por 21 centímetros), com capa em papel *couché*, colorida, portando um pouco mais de 200 páginas.

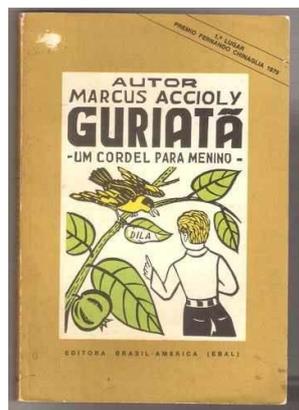


Figura 5. Capa de *Guriatã*, de Marcus Accioly.

A editora Luzeiro, de São Paulo, além de lançar Cordéis na forma tradicional, também “criou” um novo design para o Cordel, cuja capa é muito semelhante a uma típica revista de história em quadrinhos (HQ), portando uma gravura colorida com o tamanho 13,5 por 18 centímetros. A editora Luzeiro, ainda em alguns *livretos* – nome padrão de tal formato –, apresentou algumas páginas com gravuras em preto e branco em que sugeria uma cena comum ao universo das histórias em quadrinhos.

Em 2005, em meio às comemorações dos 400 anos da primeira publicação do romance espanhol *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, os cordelistas Antônio Klévisson Viana e J. Borges lançaram cada qual uma versão em Cordel sobre as aventuras do herói castelhano. O Cordel de Borges, escrito em português, ainda teve uma tradução para o espanhol. Ambos os livros tinham capas coloridas, com desenhos a nanquim ou em xilogravuras, com número de páginas superior a 48, no formato de 21,5 por 30 centímetros.

Outra inovação quanto ao formato do Cordel que merece destaque é da editora Nova Alexandria que, numa coleção específica com versões cordelizadas de grandes clássicos das literaturas brasileira e universal, apresenta aproximadamente o formato 21 por 14 centímetros com volumes portando em média 48 páginas.

Entretanto, a forma mais inovadora, é a introdução do Cordel na internet. Em 1995, o poeta pernambucano José Honório da Silva deu os primeiros passos do Cordel neste âmbito, com o seu folheto *O marco cibernético construído em Timbaúba*. O marco, no mundo do Cordel, refere-se a um lugar imaginário, quase sempre um reino ou uma fortaleza, onde o poeta constrói com as mais inusitadas características culturais, danças, lutas, versos, o seu mundo encantado. Honório idealizou um marco onde o

⁷ Referentes a Arte Pop, movimento artístico que visa a comunicação direta com o público e a aproximação arte/vida, pela incorporação como elementos artísticos de símbolos/signos da vida cotidiana e da cultura de massa – história em quadrinhos, televisão, cinema e publicidade.

sincretismo entre a cultura nordestina e o mundo cibernético tem sua identificação. Para melhor ilustrar esta inovação vejamos alguns versos:

Analisei meu sistema
de construir poesia
explicitarei variáveis
debulhei a teoria
nesse meu fazer poético
fiz a reengenharia.

Abri mão de alguns preceitos
definindo objetivo
deletando os paradigmas
que deixavam-me inativo
hoje escrevo em notebook
de um modo interativo.

(...)

Se pena, lápis, caneta
cumpriram sua missão
e a máquina de escrever
deu sua contribuição
que mal há em nos valermos
da nova computação?

Não importa por qual via
o verso chegue ao leitor
se impresso em tipos móveis
fax ou computador
impor sim, que traduza
um espírito criador.

Sendo assim vou digitando
os versos neste teclado
e após dar uns retoques
pra ficar do meu agrado
faço, refaço e altero
somente o que julgo errado.

Já concluído o trabalho
devidamente editado
em VENTURA ou PAGE MAKER
o verei concretizado
do micro pra impressora
num instante é transportado.

(...)

Pra defender a minha trova
e o meu trabalho poético
projetei um monumento
de grande valor estético
que virá ser conhecido
como o MARCO CIBERNÉTICO.

(...)

No Marco só entra quem
dispuser de sua senha
ou um cartão magnético
que por acaso detenha
ou então qualquer artista
que com boa intenção venha.

Faróis de infravermelho
importados do Japão
farão com que os sensores
em qualquer situação
percebam os intrusos
até na escuridão.

(...)

Estará bem protegido
da poluição sonora
dos carros de propaganda
(valei-me Nossa Senhora!)
e dos cantores medíocres
que surgem de hora em hora.

Antenas muito sensíveis
todos os sons filtrarão
Beethoven, Gonzaga, Beatles
nenhum problema terão
mas os falsos sertanejos
na certa não passarão.

Um tal de HOUSE também
nem adianta tentar
pois no meu Marco só toca
se for música popular
do tipo de Geraldinho,
Zeto, Xangai, Elomar.

(...)

Terá máquina de ficha
muito moderna e bacana
no lugar de Coca-Cola
criação americana
há de servir bem gelado
o doce caldo-de-cana.

Uma rede de franchising
em português é franquia
no meu Marco instalarei
para servir iguaria
qual Restaurante de Mira
ou o Buraco da Jia.

Com bode assado ou cozido,
sarapatel e buchada,
mão-de-vaca, manguzá,
com caranguejo e peixada
e galinha de cabidela
a mesa estará forrada.

(...)

Hoje o Marco é só um sonho
porém não só ilusão
pois acho perfeitamente
que pode haver união
entre o novo e o antigo
concorda comigo, ou não?

O poema de José Honório da Silva é quase um manifesto, em que afirma que empreende uma ‘reengenharia’ no Cordel, onde ‘abre mão de alguns preceitos’, ‘deletando os paradigmas’, em prol de uma maior interatividade, obviamente visando uma ampliação do público. O poeta afirma que ‘Não importa por qual via o verso chegue ao leitor’, mas sim que continue sendo possível criar, que a criatividade persista. Entretanto, esse poema-manifesto valoriza a cultura nordestina, sua música, seus hábitos alimentares e sua religiosidade (valei-me Nossa Senhora!). O poeta resgata ainda uma característica do Cordel que é a crônica do seu tempo, expondo sob a forma de denúncia o que julga serem males culturais da época (os cantores medíocres, os ‘falsos sertanejos’, a poluição sonora dos carros de propaganda). Finalizando, o autor justifica sua opção inovadora defendendo a ‘união entre o novo e o antigo’, entre a Literatura de Cordel e as novas tecnologias, cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, e portanto mais próximas da realidade dos novos e antigos leitores de Cordel, vivam eles nas metrópoles ou no campo, afinal as novas tecnologias são capazes de encurtar distâncias e ampliar o acesso à informação e à cultura.



Figura 6. Capa do folheto O Marco Cibernético construído em Timbaúba, de José Honório.

Sobre a inovação computadorizada do folheto de cordel, Madson Góis Diniz (2007), comenta:

A tecnologização da sociedade contemporânea com o advento do computador e da internet, e partir disso, das suas mídias e da

interatividade passarão a escrever uma nova página na história do folheto. Entender portanto essa nova ótica da produção textual cordelista sob o prisma do universo virtual torna-se imprescindível na medida em que o Google cita aproximadamente 1.690.000 resultados para a pesquisa sobre o respectivo assunto. (DINIZ, 2007, p.3)

Podemos inferir, que os temores de ver extinta a Literatura de Cordel e outras manifestações culturais de cunho marcadamente popular e tradicional, estão sempre associados ao desconhecimento e descaso das novas gerações com essa forma de literatura popular. Entretanto, as inovações apresentadas parecem dar novo alento ao Cordel, ampliando seu público, divulgando-o e popularizando-o, e longe de descaracterizar a Literatura de Cordel as novas tecnologias podem lhe dar uma vida mais longa e perpetuar essa tradição cultural, estendendo sua área de atuação.

1.4 Temas

A temática do Cordel é bem variada, uma vez que podemos encontrar folhetos que vão de histórias de dragões e gigantes, passando por lendas e mitos, cangaço, amores de nobres e plebeus até as versões de dissertações de mestrado, convites de casamento e bibliografias.

Para compreender a nomenclatura do universo do Cordel é importante observar mais uma vez as estruturas das literaturas populares, orais e escritas. Contudo, observaremos onde elas se aproximam e onde se separam e quais são as suas características fundamentais. Esse conhecimento básico é necessário para evitar confusões comuns, mesmo entre apreciadores desta manifestação popular. Como exemplo, temos a dificuldade da população diferenciar o cantador-repentista do cordelista, visto que ambos estão associados à Literatura de Cordel. De fato, ambos utilizam o mesmo tipo de texto, porém um limita-se a cantá-lo, por improvisado ou não, enquanto o outro pode escrevê-lo, recitá-lo e também cantá-lo, o primeiro é intérprete e o segundo um autor, um compositor, e que comumente também apresenta seu trabalho ao público, recitando ou cantando seus poemas.

Por isso, é mister, neste trabalho, que examinemos como alguns autores apresentam propostas de classificação da literatura popular, quanto às suas características e funcionamento.

Para Mario Cavalcanti Proença (1964), a literatura popular pode ser classificada em três categorias: a poesia narrativa, a poesia didática e a poesia convencional, assim caracterizadas:

I – Poesia Narrativa:

- 1) Contos: motivos mitológicos, animais, tabus, magia, morte, milagres, maravilhas, ogros, adivinhações, sabedoria e tolice, decepções, reversão da sorte, previsão do futuro, boa sorte, agouro, sociedade, punição e recompensa, cativos e fugitivos, crueldade exagerada, sexo, natureza da vida, religião, traições do caráter, humor, miscelânea (reportagem),
- 2) Gestas (Sagas): heróis humanos (ciclo de Carlos Magno, ciclo de cangaceiros, ciclo de valentes e ciclo de beatos [patriarcas]; heróis animais (ciclo do boi); anti-heróis pícaros (ciclo do Cancão de Fogo, ciclo de Pedro Malazartes, ciclo do soldado).

II – Poesia Didática:

Doutrinária (ensinamentos e profecias), satírica (social, religiosa e política), por competição (pelejas e discussões).

III – Poemas de forma convencional

Padre-nossos, testamentos, glosas, ABC, pelejas, pé-quebrado.

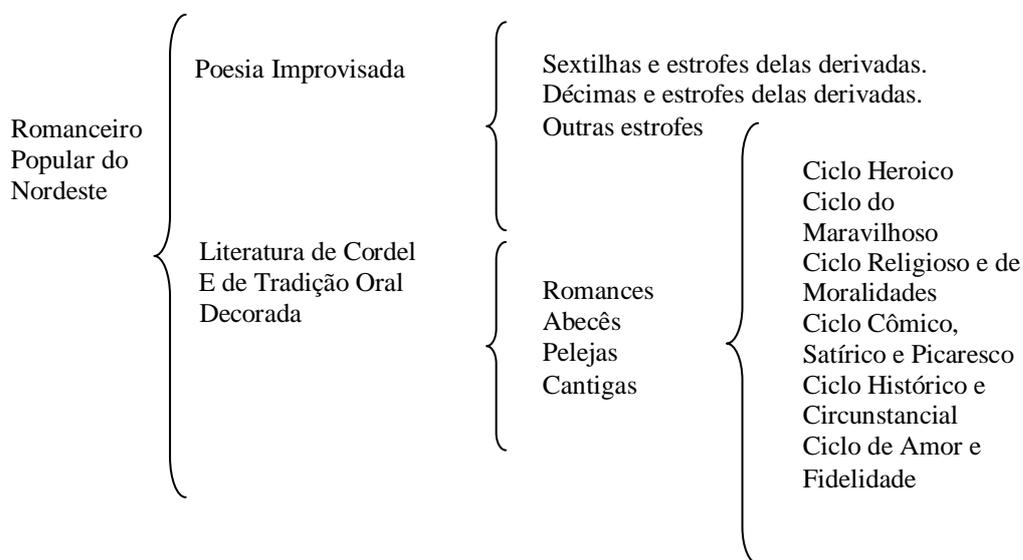
Note-se que a classificação proposta por Proença (1964) prioriza a categorização temática, mas não necessariamente se atém à forma que esta literatura apresenta.

Uma outra proposta de categorização é sugerida pelo escritor Ariano Suassuna, em seu livro *Seleta em Prosa & Verso* (2007). O escritor paraibano-pernambucano engloba toda a literatura popular feita no Nordeste sob a denominação de *Romanceiro Popular do Nordeste*.

A proposta de classificação de Suassuna (2007) distingue a poesia improvisada da literatura oral decorada e da Literatura de Cordel impressa, estas duas dispostas como uma mesma categoria.

Assim, Suassuna (2007) indica que quando se fala em Cordel está-se, de fato, a falar apenas dos folhetos e romances impressos, sendo assim a versão ‘em papel’ da tradição oral decorada, visto que ambas possuem as mesmas características. O *Romanceiro Popular do Nordeste* seria a literatura popular, e englobaria a Literatura de Cordel, impressa, e a decorada, além da poesia de improviso.

Abaixo, segue a Proposta de classificação da literatura popular, por Ariano Suassuna (2007):



A partir da observação dos dois esquemas, que sintetizam as duas propostas de classificação da literatura popular, podemos notar que o primeiro deles classifica a literatura popular apenas a partir dos temas explorados em suas obras, denotando a Literaturas de Cordel e a literatura oral como únicas (PROENÇA, 1964). O que não se vê na concepção de Ariano Suassuna (2007), que já preza por uma sutil, porém esmerada separação das duas modalidades, impressa (Cordel) e oral. O nuance que o escritor propõe entre as duas manifestações da literatura popular seriam agrupadas num contexto maior, que as une, chamado de *Romanceiro Popular do Nordeste*.

Mostraremos a seguir alguns exemplos dos tipos de literatura popular citados. Optamos por apresentar estes exemplos a partir da classificação de Ariano Suassuna (2007), que, em nossa concepção, categoriza de forma mais esmiuçada as variações da literatura popular nordestina.

Poesia Improvisada

A poesia improvisada refere-se à poesia oral e de improviso, como já lhe diz a nomenclatura. É produzida, geralmente, pelos cantadores que também são chamados de

repentistas. Observemos que todo repentista é um cantador, mas nem todo cantador é repentista. Isto ocorre por que o repente e a cantoria sendo artes musicais distintas, não exigem que um cantador saiba fazer versos no improviso, mas que cante alguns já feitos. Enquanto que o repentista pode fazê-los no improviso e também cantar outros já memorizados.

A poesia de improviso é facilmente encontrada em muitas cidades nordestinas. Quem vai a Olinda, por exemplo, não terá dificuldade de encontrar no Alto da Sé, alguns cantadores de viola, amantes do improviso, que fazem versos a partir de sua criatividade acerca das características das pessoas, as quais por eles são “escolhidas” para serem cortejadas com sua solfa e verseja. Seja uma mulher loura ou morena, um homem magro ou barrigudo, um casal de namorados, tudo vira mote para tais profissionais das cordas, que são esmerados na construção rítmica e também na construção métrica do verso, podendo esta variar quanto à exigência feita pelo compositor.

Encontramos outro bom exemplo do repente nas famosas pelejas. Dois cantadores compõem um embate de rimas e temas, a fim de satisfazer uma plateia e expor suas habilidades. O prêmio sempre é algo simples, podendo ser um pedaço de rapadura, um prato de comida ou uma pequena quantia em dinheiro oferecida pelo dono do estabelecimento onde ocorre a peleja, caso este tenha “contratado” os cantadores, ou pelas pessoas que assistem ao duelo, pondo moedas e cédulas em uma vasilha, chamada de cuia, que é passada de mão em mão entre os espectadores.



Figura 7. Xilogravura de uma peleja. Autoria desconhecida.

No mundo do Romanceiro Popular do Nordeste, chamamos a atenção para peculiaridades da peleja, ou melhor, para algumas características que as distinguem, quanto à sua apresentação, oral ou escrita. Há a peleja cantada pelos repentistas e elaborada no improviso, em que os cantadores duelam entre si, e que faz parte da poesia improvisada. Entretanto, há também a ‘peleja imaginária’, em que quem duela são os personagens, feita para ser impressa em folhetos (SANTANA & AGUIAR, 2008, p. 186), que veremos a seguir.

Literatura de Cordel e Tradição oral decorada

A Literatura de Cordel e Tradição oral decorada correspondem respectivamente à literatura de folhetos e impressa, e à declamação de textos da literatura popular de Cordel, sendo esses textos impressos ou não. As modalidades ou subdivisões a seguir, podem ser apresentadas tanto na forma oral quanto na forma escrita ou impressa.

a) Pelejas

A peleja nem sempre é feita no improviso, isto é no improviso cantado. Há pelejas que são escritas especificamente como Cordéis, contendo personagens que viveram em épocas diferentes ou simulando duelos que nunca aconteceram, ou citando Aristóteles: que poderiam ter acontecido. O fato é que ao registrar uma peleja num folheto de Cordel, já não seguimos os cânones da intitulada Poesia de Improviso, que se refere ao que é criado no ato, no momento da apresentação, e de maneira oral, pronta para ser cantada por um violeiro.

Mas, ao referirmos às especificações da peleja, recordamos um fato, no mínimo curioso, ocorrido num antigo bar da cidade do Recife, no ano de 2006. Consta nos registros de nossa memória que naquele dia, num programa da TV Universitária do Recife, chamado *Sopa Diário*, a pesquisadora Maria Alice Amorim com o apresentador Roger de Renor abordaram o tema peleja. Pelo que recordamos, houve as definições básicas sobre peleja que já foram aqui citadas. Entretanto, naquela mesma noite, houve um sarau poético com a União dos Cordelistas de Pernambuco (UNICORDEL), onde o meio cordelista discutia exaustivamente as assertivas expostas no programa, quando o poeta de Cordel Jorge Filó afirmou que para ser de improviso, ou de repente, não era necessário haver uma viola ou um embate. Ele exemplificou sua assertiva, declarando que, naquele instante, o poeta José Honório e a poeta Susana Moraes estavam duelando através de pedaços de papel, como se trocassem recadinhos. De fato, ali, acontecia uma poesia de improviso, ainda que não estivesse sendo declamada.

Como mencionamos anteriormente, José Honório é um dos pioneiros na peleja cibernética. Através do MSN ele trava batalhas pela internet, que posteriormente podem ser publicadas em forma de folheto. O Cordel, enfim, concretiza seu espaço no âmbito tecnológico, partindo de uma simples inovação, sem perder suas principais características.

A pesquisadora Maria Alice Amorim (2007), acerca das novas pelejas, realizadas via internet, tece os seguintes comentários:

Nos últimos dez anos, a partir do surgimento do computador doméstico, os cordelistas passaram a realizar disputas poéticas via e-mail ou bate-papo na rede das redes, publicando, a seguir, esses embates em verso que passaram a chamar de pelejas virtuais. (AMORIM, 2007, p.19)

Observemos o fragmento da *Peleja Virtual entre Américo Gomes (PB) e José Honório (PE)*:

AMÉRICO
Honório meu camarada
Se lhe for de bom agrado
Quero lhe desafiar
Para cantar lado a lado
Disputando uma peleja
Com o meu verbo afiado
Pelo correio eletrônico
Vou lhe deixar estirado.

HONÓRIO
É preciso ter cuidado
para não perder de feio
na peleja virtual
mostre bem para que veio
ou então eu lhe derroto
no meu próximo e-mail.

AMÉRICO

Isso aqui é só um trail
O filme nem começou
Pois o melhor repentista
Que comigo pelejou
Perdeu e ficou banguelo
E nunca mais levantou.

HONÓRIO

Até hoje quem me enfrentou
Comigo não teve vez
Ou ficou com amnésia
Ou perdeu a lucidez
Se aposentou do repente
Mas foi por invalidez.

Uma peleja também conhecida como batalha, que ganhou muita notoriedade na história da literatura popular foi o encontro, segundo Câmara Cascudo (1984), em seu livro *Vaqueiros e Cantadores*, entre Inácio da Catingueira e Francisco Romano. Tal peleja durou por volta de oito dias. Do citado livro (CASCUDO, 1984), retiramos os seguintes fragmentos:

Romano:

Romano quando se assanha,
Treme o Norte e abala o Sul,
Solta bomba envenenada
Vomitando fogo azul,
Desmancha negro nos ares
Que cai virado em paul...

Inácio:

Inaço quando se assanha,
Cai estrela, a terra treme,
O Sol esbarra seu curso
O Mar abala-se e geme,
Cerca-se o mundo de fogo,
Mas o negro nada teme...

Romano:

Inaço, tu me conhece,
E sabe bem eu quem sou!
Eu posso te garantir
Que à Catingueira inda vou:
Vou derrubá teu castelo
Que nunca se derrubou.

Inácio:

É mais fácil um boi voar,
Um cururu ficar belo,
Aruá jogar cacete
E cobra calçar chinelo,
De que haver um barbado
Que derribe meu castelo!

b) Romances

O Romance é a mais tradicional composição do Romancero Popular Nordestino, cuja origem e temática remonta à era medieval. Entendemos o romance, como definido na proposta de classificação esboçada por Ariano Suassuna (2007), como toda produção curta e/ ou longa que narra feitos heroicos, aventureiros ou ainda de causos populares.

c) Abecês

Trata-se de um estilo de composição, podendo ser em quadras, sextilhas, setilhas ou outros tipos de estrofe, que tem como característica principal iniciar quaisquer estrofes seguindo a ordem alfabética. A primeira palavra da primeira estrofe deve-se começar com A, a segunda estrofe com B, a terceira estrofe C e assim por diante.

d) Cantigas

De origem medieval, as cantigas são composições simples que, como o próprio nome diz, são escritas para serem cantadas. Na Idade Média, elas seguiam um enquadramento específico. Atualmente, seguem a estrofação e métrica da Literatura de Cordel, como também apresentam forma mais peculiar, respeitando a melodia de seu compositor.

Como exemplo atual podemos citar a *Cantiga de Amigo*, do compositor baiano Elomar⁸, que mescla atualidade com medievalismo, tanto nas letras como na melodia. Observemos um fragmento da referida cantiga (MELO,1982):

Lá na Casa dos Carneiros onde os violeiros
vão cantar louvando você
em cantiga de amigo, cantando comigo
somente porque você é
minha amiga mulher
lua nova do céu que já não me quer
Dezessete é minha conta
vem amiga e conta
uma coisa linda pra mim
conta os fios dos seus cabelos
sonhos e anelos
conta-me se o amor não tem fim
madre amiga é ruim
me mentiu jurando amor que não tem fim

O texto exposto acima (MELO, 1982) é uma reinterpretação das cantigas medievais, utilizando uma formatação própria, e portanto não apresenta características empregadas nas cantigas medievais ou cordelistas como a métrica nem a voz do eu-lírico. Na cantiga medieval, as estrofes seriam curtas e voltadas à técnica do paralelismo, uma certa repetição de versos, e a voz do eu-lírico seria feminina, sendo o autor um homem.

1.5 Os Ciclos

⁸ Elomar Figueira de Melo, compositor baiano, com um estilo único, que retrata em sua canções o cotidiano do homem sertanejo, sua linguagem, hábitos e crenças, inspirado no romancero popular nordestino, e com características das cantigas medievais.

Os Ciclos correspondem à temática abordada por diversos autores em seus cantos e folhetos, abrangendo um grande número de obras. É um modo de classificação de fácil entendimento, que permite perceber as obras do Cordel catalogadas de acordo com seu assunto. Os vários ciclos englobam poemas que têm uma temática afim, como por exemplo: os relatos de personagens heroicos, ou narrativas fantásticas e maravilhosas, ou ainda temáticas religiosas, ou cômicas, ou poemas de amor, ou ainda crônicas circunstanciais sobre um fato real, entre outras temáticas.

Ciclo Heroico



Figura 8. Capa do romance Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros. O folheto vem com o nome de João Martins de Athayde, que comprou os originais à família de Gomes de Barros e “trocou” o nome do verdadeiro autor.

Dentro desta característica temática que remonta ao medievo, é comum termos histórias que narram a epopeia clássica dos grandes feitos de um homem ou de uma civilização. O herói, sendo um ser honrado e perfeito assume as mesmas características de um herói do Romantismo, derrotando vilões, monstros e conquistando a donzela, uma moça pobre, porém virtuosa ou uma princesa.

Vejamos o fragmento de *Roldão no Leão de Ouro*, de João Melchíades Ferreira:

Roldão encontrou uns turcos
Na manhã do outro dia
Matou-os, vestiu as roupas
Mais Ricarte da Normandia
Entraram como dois turcos
Com linguagem da Turquia.

Viram uma grande fumaça
Exalando nos fogões
Cozinhavam em seiscentos
E cinquenta caldeirões
Comida para os soldados
Que ali faziam instruções.

Viram mais o grande exército
Que fez muito admirá-los
Aos tigres e elefantes
Ensinavam matar cavalos
Para atacar inimigos

Precisavam exercitá-los

Neste ciclo, há também a presença do cangaceiro, cujo caráter oscila dos modos medievais cavaleirescos aos mais cruéis, comparando-se a um ladrão ou a um assassino. Encontramos neste ciclo, histórias que misturam o real e a ficção, com ou sem anacronismo.

Como exemplo desta temática, apresentamos *Lampião*, de Antonio Américo de Medeiros:

Os cabras de Lampião
Inda mataram um soldado.
O tenente João Bezerra
Numa perna baleado,
Como o balaço foi leve,
Ele ficou apumado.

Nas rajadas foram mortos
Enedina e Lampião,
Junto a Maria Bonita,
Tombaram mortos no chão
E mais oito cangaceiros
Morreram ali no Grotão.

Um soldado valentão,
Chegou lá reconheceu,
Lampião morto no chão
Deu um grito que tremeu:
- Tenente João Bezerra,
O cego agora morreu!

Ciclo do Maravilhoso

Por estar relacionado a uma temática proveniente da era medieval, podemos encontrar características neste ciclo que são comuns às do ciclo heróico, principalmente no que diz respeito à temática de cavalaria. Sua principal característica é a inclusão de seres mitológicos e quiméricos como dragões e bestas e gigantes.

Vejamos um exemplo de *Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros:

Esse monstro possui
No grande corpo um lugar
Debaixo da asa esquerda
Que quem puder acertar
Com um pequeno ferimento
Era capaz de matar

“Rompe-ferro” experiente
Nesse lugar farejou
Debaixo da asa esquerda
De repente mergulhou
No lugar mais perigoso
O cachorro abocanhou

Viu-se logo a diferença
Quando o cachorro mordeu
O monstro deu um esturro

Que toda serra gemeu
Na segunda abocanhada
A serpente esmoreceu



Figura 9. Capa do folheto *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo.

Um dos grandes Cordéis brasileiros classificado como pertencente a este ciclo, é *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos, cuja temática aproxima-se ao onírico, criando um mundo encantado, de características que poderiam ser aproximadas ao ideário do *Eldorado*, que veio com os colonizadores ibéricos ao continente americano.

Vejam os textos:

Lá eu vi rios de leite
Barreiras de carne assada
Lagoas de mel de abelha
Atoleiros de coalhada
Açudes de vinho do Porto
Montes carne guisada

As pedras em São Saruê
São de queijo e rapadura
As cacimbas são café
Já coado e com quentura
De tudo assim por diante
Existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
Maduro e já cozinhado
E arroz nasce nas várzeas
Já prontinho e despulpado
Peru nasce de escova
Sem comer vive cevado.

O ideal do maravilhoso é bastante recorrente às heranças europeias. Não é difícil notar a presença de seres quiméricos que não correspondem ao universo do imaginário popular do Brasil. Embora, neste mesmo ciclo, encontremos a idealização da *Viagem a São Saruê* e também *O Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo Rezende, cujo plágio feito por João Melchíades rende uma das maiores histórias de plágio do mundo do Cordel brasileiro.

Ciclo Religioso e de Moralidades

Refere-se a histórias de personagens religiosos, bíblicos ou não, mas que, de alguma forma, fazem parte do cotidiano do povo brasileiro. Assim, encontramos as histórias sobre Padre Cícero, Frei Damião, Antonio Conselheiro, vários santos e, até mesmo, o próprio Jesus Cristo, ora em passagens de sua vida, ora, no mundo, ao ensinar aos homens seus preceitos humanos relativos à moral e aos bons costumes.

Vejamos um fragmento do cordel *A voz de Frei Damião*, de José Costa Leite:

O Frei Damião pediu
A Deus e Nossa Senhora
Perdão para os pecadores
E chorou quase uma hora
Com Deus no seu coração
Pedindo uma proteção
Pra esse povo de agora.

- Este é o único cordel
Aonde Frei Damião
Chorou pedindo a Deus Pai
Com fé no seu coração
Assim foi fotografado
E no jornal publicado
Sua história e seu sermão

Ele disse que: Quem não
Ouvir os conselhos seus
É uma pessoa sem fé
Pior do que os ateus
Não gosta da poesia
E nem crê na Virgem Maria
A bendita Mãe de Deus.

Ciclo Cômico, Satírico e Picaresco

Um dos mais apreciados ciclos pelos leitores. A verve cômica na literatura de Cordel é comum à postura satírica e picaresca de inúmeros folhetos. Muitos de seus personagens foram incorporados ao folclore brasileiro, sendo metonímias das pessoas consideradas espertas, malvadas e astutas. É neste ciclo que encontramos as personagens de João Grilo, Pedro Malazartes e Cancão de Fogo.

Eis aqui um fragmento de *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima:

Deitou-se lá no caixão
Que enterrava defunto
João Grilo disse hoje aqui
Vou ganhar um bom presunto
Os ladrões foram chegando
João Grilo observando
Sem pensar em outro assunto

Acenderam um farol
Penduraram numa cruz
Foram contar o dinheiro
No claro da dita luz

João Grilo de lá gritou
Esperem por mim que vou
Com as ordens de Jesus

Os ladrões dali fugiram
Quando viram a alam em pé
João Grilo ficou com tudo
Disse: já sei como é
Nada do mundo me atrasa
Agora vou para casa
Tomar um rico café

Lembremos que a presença do herói pícaro é um resquício da literatura medieval ibérica que tem em Lazarillo deTormes o seu maior representante.

Ciclo Histórico e Circunstancial

Este ciclo retrata acontecimentos reais ou inventados de personagens históricos, ou ainda relatos do cotidiano. Por sua temática, este ciclo, de certa forma, engloba também outros ciclos, uma vez que, por exemplo, um folheto de Cordel que conta a história do cangaceiro Antonio Silvino ou do Padre Cícero, referentes aos ciclos heroico e religioso, respectivamente, pode também ser classificado como histórico.

Numa perspectiva circunstancial, podemos observar os textos que compõem o dia-a-dia do escritor e do leitor, como acontecimentos de repercussão nacional ou aqueles assuntos que são de grande repercussão pública: aborto, política, futebol, crimes hediondos.

Leiamos o texto *A Vitória de Arraes e a Alegria do Povo*, de José Francisco Borges ou J. Borges:

O Dr. Múcio falou
Que ficou de guela rouca
Dizendo ser bom governo
Mas sua fala foi pouca
Hoje está na surdina
E o açúcar da usina
Não adoça o fel da boca

Nós do PMDB
Fizemos o governador
Velho como eles diziam
Mas forte e trabalhador
Tirou o leão da fuma
Por ser velho bom de urna
Acabou com o doutor

No término da campanha
Dia dos encerramentos
Atiraram em Dr. Jarbas
Mostrando-se violentos
Na ância dos desesperos
Isto ajudou o usineiro
Perder todos seus intentos

Ciclo de Amor e Fidelidade

A temática deste ciclo é comum a da escola artística do Romantismo, o que pode aproximá-lo também do ciclo heroico. Entretanto, há nessa temática, a crença no amor e nas pessoas que o procuram, vencendo barreiras, superando conflitos familiares, financeiros e de classe social. São geralmente textos que despertam o interesse do leitor devido à retratação de amores impossíveis e das duras provas que os casais da ficção terão de passar.

Um texto que ficou muito conhecido é *Coco Verde e Melancia*, de José Camelo de Melo Resende:

Coco Verde e Melancia
É uma história que alguém
Quer sabê-la, mas não sabe
O começo de onde vem,
Nem sabe os anos que faz,
Pois passam de trinta a cem.

Coco Verde era filho
De Constantino Amaral,
Morador no Rio Grande,
Mas fora da capital,
Pois sua casa distava
Meia légua de Natal.

Seu próprio nome era Armando,
Como o povo o conhecia,
Mas a namorada dele,
Essa tal de Melancia,
A ele de Coco Verde
Chamava e ninguém sabia.

1.6 Os Pés do Verso

Vimos, anteriormente, que nem tudo que se escreve em verso e de temática popular pode ser considerado Cordel. Os Cordéis portugueses tinham características bastante peculiares em relação ao folheto brasileiro, uma vez que qualquer manifestação literária, publicada em simples papéis de baixo valor, poderia ser considerado um Cordel, literatura vendida em barbantes nas feiras. Outra peculiaridade do Cordel brasileiro está centrada na origem das histórias que são narradas. Muitas delas vindas da tradição oral e posteriormente publicadas em folhetos.

Entretanto, cabe destacar que o aspecto formal deste tipo peculiar de literatura extrapola apenas a questão de sua apresentação em folhetos, mas refere-se aos recursos poéticos utilizados, à forma como os versos são distribuídos ao longo do poema, e também à rima e métrica características.

Estrofes

O Cordel brasileiro tem sua própria identidade, pois apresenta como instituição a obediência aos panoramas rígidos exercidos da literatura da Baixa Idade Média e das escolas clássicas (Classicismo, Barroco e Arcadismo), como por exemplo o verso em redondilhas.

Os recursos poéticos da rima, métrica e estrofe são primordiais para a composição de um Cordel. E é justamente por dotar de uma postura tão sólida com esses três recursos que a Literatura de Cordel vem a ser analisada de forma peculiar, diferindo de um conto popular ou de uma piada. Para fazer Cordel, além de dotar da verve, o escritor há de seguir as estruturas que, com o passar do tempo, tornaram-se cristalizadas em tal literatura.

O catálogo de tipos de estrofes mais comuns de nossa literatura popular, que compõem os textos do cordel, são as de seis versos (sextilhas), sete (setilhas ou septilhas) e dez versos (parcelas, décimas, martelos e galopes à beira-mar). Assim, apresentaremos exemplos de estrofes e métricas bastante utilizadas no mundo da Literatura de Cordel.



Figura 10. Logotipo da ABLC

Segundo Gonçalo Ferreira da Silva (2005), presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), em seu livro *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*, o aprimoramento da métrica que temos hoje, deu-se de forma lenta e sem obedecer a rigorosidade na composição dos versos. Estes, não seguindo nenhum tipo de composição fixa, variavam nos números de sílaba por verso, como nos mostra o autor, no exemplo abaixo, numa exibição entre dois cantadores, numa possível peleja:

Repentista A - O cantor que pegá-lo de revés
Com o talento que tenho no meu braço...

Repentista B - Dou-lhe tanto que deixo num bagaço
Só de murro, de soco e ponta-pés.

A quadra, estrofe com quatro versos, em rima no esquema ABCB, era a preferida pelos cantadores mais antigos. Com o passar do tempo, os cantadores evoluíram nos parâmetros das formas fixas de maneira louvável e começaram a criar outros tipos de estrofe. Uma que ficou muito famosa foi a sextilha, cuja origem é proveniente da Idade Média, porém fora primeiramente utilizada no mundo da cantoria nordestina pelo Francisco Romano Caluete, também conhecido como Romano do Teixeira ou Romano da Mãe-D'água. Ele fez com que a “nova” estrofe fosse popularizada entre os violeiros em lugar da então muito simples quadra, estrofe de quatro versos, com o esquema de rima ABCB. (SUASSUNA, 2007, p.257)

Bons exemplos de estrofes de quadra são as estrofes a seguir, extraídas do livro *O Cabeleira*, de Franklin Távora, de 1876. Os versos aqui transcritos são da tradição popular:

Fecha porta, gente	A
Cabeleira aí vem	B

Matando mulheres	C
Meninos também	B

- Eu me vi cercado	A
De cabos, tenentes	B
Cada pé de cana	C
Era um pé de gente	B

A sextilha, por dotar de uma musicalidade fácil e encantadora, é a mais utilizada pelos cordelistas. Seu uso, como já foi dito, é proveniente da Idade Média, e detectamos, por exemplo, seu uso no livro *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra:

Nunca fuera caballero	A
De damas tan bien servido	B
Como fuera Don Quijote	C
Cuando de sua aldea vino:	B
Doncellas curaban de él;	D
Princesas, del su rocino.	B



Figura 11. Esboço de Pablo Picasso para Dom Quixote e Sancho Pança.

Na Literatura de Cordel brasileira, a sextilha tem notoriedade até hoje, como podemos vivenciar no texto do cordelista Ernando Alves de Carvalho, em sua *História do Reino Encantado da Pedra Bonita*:

No passado era a mais alta	A
Pedra Bonita chamada	B
Derivando esse nome	C
De interessante camada	B
Que lhe cobre uma metade	D
Com bela cor prateada	B

Em relação aos aspectos poéticos característicos da Literatura de Cordel, Maria Ignez Novais Ayala (1988) comenta:

Embora a literatura de folhetos se defina como um sistema de produção específico, tem seus pontos de contato com a literatura oral, no caso, o repente. Há certa identidade, principalmente no que diz respeito ao tipo de estrofe mais usado no folheto e na cantoria, que é a sextilha, mantendo-se o mesmo tipo de rima, métrica e construção geral dos versos na estrofe. (AYALA, 1988, p.103).

Outra estrofe bastante apreciada pelos cordelistas é a setilha, que possui sete versos. Segundo Suassuna (2007) sua origem encontra-se no mourão, tipo de sextilha em que cantadores compartilhavam seus versos, de forma que parecesse um diálogo. Na Vila do Teixeira (PB), os cantadores criaram mais um verso entre o quarto e o quinto. Do Cordel *O Encontro de Makunaima com o trio Roraimeira*, do cordelista Rodrigo Pirrito, O Fidiméa, retiramos um exemplo deste tipo de estrofe:

Puxo a punho minha pena	A
E tracejo a redação	B
Nas trilhas de buriti	C
Vou construindo a canção	B
Com o pensamento em Roraima	D
Na serra de Pacaraima	D
Brota a minha inspiração	B

Entre outras classificações de estrofes, utilizadas na Literatura de Cordel, ainda existem as estrofes de dez versos que são chamadas de Parcela, Décima, Martelo e Galope à beira-mar, apresentando métrica de cinco, sete, dez e onze versos, respectivamente. Porém, com o mesmo esquema rímico: ABBAACDDC.

Observemos um exemplo de martelo da autoria de Otacílio Batista e Zé Ramalho:

Numa luta de gregos e troianos	A
Por Helena, a mulher de Menelau	B
Conta a história que um cavalo de pau	B
Acabava uma guerra de dez anos	A
Menelau, o maior dos espartanos	A
Venceu Páris, o grande sedutor	C
Humilhando a família de Heitor	C
Em defesa da honra caprichosa	D
Mulher nova, bonita e carinhosa	D
Faz o homem gemer sem sentir dor	C

Podemos observar que as construções dos versos de um ‘martelo agalopado’, onde as 3^a, 6^a e 10^a sílabas poéticas devem ser tônicas, sugerem a batida de um martelo ou até mesmo os galopes de um cavalo.

A mesma impressão temos ao recitar-declamar versos de um ‘galope à beira-mar’, como o de autoria de Zé Ramalho, abaixo transcrito:

Eu entendo a noite como um oceano	A
Que banha de sombras o mundo do sol	B
Aurora que luta por um arrebol	B
De cores vibrantes e ar soberano	A
Um olho que mira nunca o engano	A

Durante o instante que vou contemplar	C
Além, muito além onde quero chegar	C
Caíndo a noite, me lanço no mundo	D
Além do limite do vale profundo	D
Que sempre começa na beira do mar!	C

Note-se que no ‘galope à beira-mar’, as 3^a, 5^a, 8^a e 11^a sílabas poéticas assumem o papel de tonicidade e sacramentam um sugestivo galope, como martelo, mas explorando-o de forma mais apurada, terminando sempre a estrofe com a palavra mar ou beira-mar.

Semelhante recurso poético sonoro, encontramos em poemas do poeta romântico maranhense Gonçalves Dias, criador da estética indianista de nosso Romantismo. Dias utilizou inteligentemente a tonicidade das sílabas nos versos do poema “I-Juca Pirama” como se sugerisse as batidas de tambores num ritual indígena.

As estrofes do tipo ‘martelo agalopado’ e ‘galope à beira-mar’ são construções tipicamente nacionais, tendo o ‘martelo agalopado’ alguma analogia aos versos lusitanos ou outra herança portuguesa. Mas, mesmo assim, como o ‘galope à beira-mar’, remete às raízes atávicas dos primeiros menestréis em solo brasileiro.

Outros tipos de estrofe do Cordel são os quadrões, os gabinetes, o ‘cantador de vocês’, entre outras, que correspondem ao universo das pelejas.



Figura 12. Capa do LP A peleja do Diabo com o Dono do Céu, de Zé Ramalho

Métrica

A Métrica corresponde às sílabas literárias ou poéticas existentes num verso, e não podem ser confundidas com as sílabas gramaticais. A métrica literária é feita de acordo com a sonoridade das palavras. Esse método é conhecido como escansão.

A contagem das sílabas poéticas da Literatura de Cordel, de acordo com nossas observações, são equivalentes às estabelecidas no Classicismo literário por Luís Vaz de Camões e seus contemporâneos.

Observemos as diferenças entre a divisão métrica gramatical e poética:

Divisão gramatical:

As/ ar/mas/ e/ os/ ba/rões/ as/si/na/la/dos
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Divisão poética:

As/ ar/mas /e os/ ba/rões/ as/si/na/la/dos

No primeiro verso a divisão gramatical, no segundo a poética. Observemos que a junção dos sons das palavras “e” e “os” foram aglutinados, pois são pronunciados como se pertencessem a uma mesma sílaba quando pronunciados no verso de Camões.

A rima é um elemento importante na poesia, e especialmente valorizado na Literatura de Cordel, por sua característica de oralidade, em que o ritmo e a sonoridade são fundamentais para o ‘cantador’ cativar seu público.

1.7 A Xilogravura

Uma outra arte que acompanha a Literatura de Cordel e, que de certa forma, está a ela atrelada, é a xilogravura, o “desenhar na madeira”. A xilogravura é tradicionalmente utilizada para ilustrar a capa de inúmeros folhetos. Entretanto, hoje, muitos autores requisitem desenhos tradicionais ou computadorizados, fotografias ou apenas títulos, por terem um preço mais em conta.

Segundo o pesquisador e cordelista Marco Haurélio, a xilogravura nunca foi amplamente aceita no meio popular, embora sua confecção nas capas de Cordéis tenha caracterizado peculiarmente tal literatura (FARIAS, 2010, p.99). Nos anos de 1940, a xilogravura, por exemplo, sofreu uma enorme baixa na preferência dos nordestinos. Muitos creram no seu banimento das capas de Cordel (LIMA & GUEDES, 2005, p.3).

A xilogravura é feita na maioria das vezes em blocos de madeira de cedro ou umburana. Quase sempre desenhada e posteriormente talhada com pequenos formões ou peças artesanais, a gravura é banhada com tinta de serigrafia e, sendo utilizada como um carimbo é posta num papel grosso (cartolina). Depois a imagem é digitalizada e posta nos folhetos. Antigamente, eram as capas dos folhetos que a imagem diretamente carimbava.

Muitos xilogravuristas se tornaram famosos, entre os quais figuram J. Borges, Marcelo Soares, Jerônimo Soares, Abraão Batista, Franklin Maxado, Jotabarros e José Costa Leite (FARIAS, 2010, p.100). Outro xilogravurista famoso é Gilvan Samico que foi um dos principais no gênero quando integrou o Movimento Armorial no início da década de 1970.



Figura 13. Xilogravura de José Costa Leite.

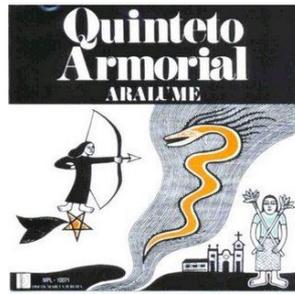


Figura 14. Capa do LP Aralume, do Quinteto Armorial, com xilogravura de Gilvan Samico.

Apresentadas as origens e características da Literatura de Cordel, típica literatura popular do Nordeste, que traz as marcas da cultura dessa região brasileira e é um dos distintivos da identidade cultural do homem nordestino, resta-nos discutir sua relação com a educação, o que faremos no capítulo a seguir.

2 CAPÍTULO II

EX ARATORE ORATOR FACTUS EST⁹

Toda tradição cultural é simultaneamente um processo de formação para sujeitos capazes de ação e de fala, os quais se formam no interior dela e que, por seu turno, mantêm viva a cultura.

Jürgen Habermas

O título deste capítulo, referente à expressão de Cícero sobre o povo romano que inicialmente era composto por agricultores, pessoas simples e rústicas, e de onde posteriormente surgiram grandes oradores, pessoas cultas, é uma alusão ao fato de um povo também simples e rústico, como o nordestino, produzir uma literatura popular tão elaborada e rica como o cordel, que por muito tempo foi tratado como uma literatura menor e hoje tem o reconhecimento de importantes centros acadêmicos, sendo objeto de estudo na graduação e pós-graduação, não só no país, mas também no exterior.

Neste capítulo analisamos de forma mais específica a associação do cordel como manifestação da identidade cultural do povo nordestino, recorrendo a alguns autores para melhor discorrer sobre o papel da cultura, aqui mais especificamente da Literatura de cordel, sobre a construção identitária de um povo, introduzindo a discussão sobre a relação que se estabelece entre essa forma de literatura popular e a escola, ou melhor em como o cordel é apropriado ou não pela escola. Finalizamos o capítulo contextualizando o locus da investigação, o IFPE Campus Vitória de Santo Antão.

2.1 O Cordel: identidade cultural do povo nordestino

As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação

Stuart Hall

A Literatura de Cordel é uma manifestação cultural intrinsecamente associada ao Nordeste brasileiro e a sua gente. A região Nordeste do Brasil possui uma riqueza cultural fortemente marcada pela tradição popular e pela diversidade étnica de sua população, pela fusão das heranças européia, africana e indígena, por suas condições geo-climáticas e por uma história política e econômica peculiar e uma religiosidade intensa. Em decorrência dessa multiplicidade de fatores a população nordestina apresenta uma cultura popular marcada por uma mítica e mística peculiar, fantasiosa, mágica e maravilhosa, em que o teatro, a música, a dança e a literatura se entrelaçam com um folclore rico indissociável da sua construção identitária.

Culturalmente, essa região é reconhecida como o principal celeiro da Literatura de Cordel, porque, além de tal tipo de literatura ter-se originado em

⁹ Expressão criada por Cícero (106 a.C. – 43 d. C.), na sua obra Filípicas, referindo-se ao povo romano e à sua transformação de homens simples em letrados, ou numa tradução literal “de aradores a oradores” Isto é, que os romanos se transformaram ao longo dos séculos “de pequenos agricultores a pessoas de instrução”.

determinada região, é nela também onde encontramos o maior número de autores e admiradores, estejam eles morando ou não em tal localidade.

O povo nordestino, por excelência, tem, em parte de sua história, a utilização do Cordel como principal meio de alfabetização e transmissor de notícias, como também arma de contestação social a respeito não só do Brasil como do mundo. A Literatura de Cordel tem acompanhado as mudanças e inovações com o passar dos anos, aglutinando novos mecanismos e também mantendo outros (EVARISTO, 2002).



Figura 15. Cordéis.

Assim, a Literatura de Cordel desempenhou relevante papel cultural no Nordeste brasileiro, principalmente entre as camadas populares. Confirmando essa constatação, observemos o que diz José Erivan Bezerra de Oliveira (1999):

A literatura de cordel (tendo se desenvolvido, primeiro e mais caracteristicamente no Nordeste brasileiro) encontrou, por assim dizer, um público rural, formado por pessoas analfabetas ou semi-analfabetas e ligadas à agricultura. As enormes dificuldades das populações nordestinas em ter acesso a outro tipo de literatura levaram, inicialmente, a sua ligação com o cordel. Assim, tanto os clássicos de origem européia, como os acontecidos nacionais e internacionais, transmitidos pelo jornal e rádio eram mais facilmente assimilados e repassados pelo folheteiro (OLIVEIRA, 1999, p. 26).

Como exemplo de tal manifestação literária na região Nordeste e de como esta manifestação, que é o Cordel, tem papel de suma importância em nossa cultura popular nordestina, apresentamos um trecho do livro *Romance da Pedra do Reino & O príncipe do sangue do vai-e-volta*, de Ariano Suassuna (1971). Nesta obra, o personagem Pedro Dinis Quaderna é, de certa forma, educado através da literatura folhetinesca, como outrora era comum ocorrer no interior do Nordeste:

Começou ensinando-nos que havia dois tipos de *romance*: o “versado e o rimado”, ou *em poesia*; e o “desversado e desrimado”, ou *em prosa*. Era, mesmo, um exercício que nos obrigava a fazer: pegar um romance desrimado qualquer e “versá-lo”, contando em

verso o que era contado em prosa. Lia para nós a “*História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*”, um “romance desversado” que nos encantava pelo heroísmo de suas cavalarias, aquelas histórias de Coroas e batalhas, que eu, por causa da Pedra do Reino, via logo, com Princesas amorosas e desventuradas que ou eram, degoladas ou desonradas, mas disputadas sempre por Cavaleiros, em duelos mortais, travados a punhal, junto a enormes pedras e num Campo encantado, embebido de sangue inocente. Inúmeros Cantadores e Poetas sertanejos tinham já, versado esse romance do Imperador Carlos Magno. Nós preferíamos as versões rimadas, não só porque eram mais fáceis de decorar, como porque a gente podia cantar os versos, acompanhando a solfa com o baião da viola, coisa que João Melchíades também não se descuidou de nos ensinar. Uma dessas versões dizia:

Depois que o Rei Carlos Magno
Venceu a grande Campanha,
Fez a Igreja de Sant’Iago,
Padroeiro da Espanha,
E a de Nossa Senhora,
Em Aquisgrã, na Alemanha.

Tomou dezesseis Cidades,
Da Guerra saiu feliz!
Deu muitas graças a Deus
Por conquistar um País:
Foi visitar a Alemanha,
Daí tornou a Paris.

.....

Aí passou Carlos Magno
Vinte anos em campanha.
Acartelou os exércitos
D’Itália, França e Alemanha.
Mas lhe chega uma Embaixada:
Novas guerras na Espanha!

O papel educativo do cordel, em seu sentido mais amplo, de construção da identidade cultural, é destacado na obra de Suassuna.

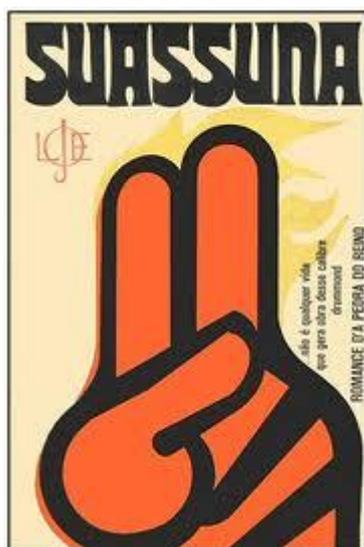


Figura 16. Capa de O Romance da Pedra do Reino, de Ariano Suassuna

Assim, o povo consumidor do Cordel era originalmente o povo nordestino, analfabeto ou semi-alfabetizado, residente em áreas rurais onde dificilmente chegava o jornal ou as ondas do rádio, e portanto a única informação advinha da Literatura de Cordel, impressa em folhetos ou cantada nas feiras, e posteriormente decorada. Posteriormente, a Literatura de Cordel passa a ser consumida, admirada e estudada por outro estrato da população, mais intelectualizado, que percebe nesta manifestação uma autêntica literatura popular. Assim o Cordel atinge “de pessoas simples a pessoas cultas”, ou como dizia Cícero, “ex aratore orator factus est”.

Para analisarmos o papel da Literatura de Cordel na construção da identidade cultural do povo nordestino julgamos necessária a definição do que vem a ser identidade cultural. Sabemos que a construção de uma identidade cultural dá-se através das relações estabelecidas por uma determinada comunidade ou grupo social por intermédio da linguagem e dos símbolos que a representam (WOODWARD, 2009). A construção da identidade cultural está atrelada às manifestações culturais exercidas pela comunidade através dos tempos, na criação e manutenção de seus símbolos de forma que estes possam identificá-la.

Jürgen Habermas (2002) chama nossa atenção quando diz que as pessoas são estruturas simbólicas, que agindo comunicativamente tendem a experimentar e expandir o seu mundo da vida, cuja estrutura é formada através de tradições culturais, de ordens institucionais e de identidades criadas pelos processos de socialização. O homem pode ser entendido como uma estrutura simbólica, formada a partir da aglutinação de conhecimento que ele adquire em sua vida. Conhecimento este que sempre está admitindo novos conceitos e se reformulando. O Cordel está profundamente inserido no mundo da vida do homem nordestino, constituindo-se em uma tradição cultural tão forte e arraigada que marca a sua identidade, de forma indelével.

Dos fins do século XIX até meados do século XX, a Literatura de Cordel se desenvolveu circunscrita ao Nordeste do Brasil, do qual tornou-se um dos seus símbolos, cultivada e cultuada como principal manifestação da literatura popular do homem nordestino. O intenso processo migratório do povo nordestino rumo a região sudeste, intensificado pela rápida urbanização e industrialização do país pós segunda guerra mundial, acelerou o fenômeno da evasão rural. Nesse processo, a cultura nordestina, em especial a Literatura de Cordel, se disseminou pelo país, reconhecida

como característica identitária do povo nordestino. A cultura, algo que até então era próprio e exclusivo desse povo, ao ser levado para as demais regiões, permanece como elemento diferenciador e identificador do Nordeste nas regiões para onde o nordestino vai como imigrante.

Observamos a importância dessa marca diferencial como um dos principais alicerces para a construção de uma identidade, pois como afirma Woodward (2009), “a identidade é marcada pela diferença.” O homem nordestino exilado de sua terra natal se apega mais fortemente à tradição cultural do Nordeste, de que a música, a culinária, os utensílios e a Literatura de Cordel são manifestações importantes, como forma preservar sua identidade e preencher de sentido sua existência. Ratificando essa posição, Woodward (2009) afirma:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2009, p.17)

O homem nordestino, mesmo habitando grandes centros urbanos, no Nordeste ou fora dele, preserva suas tradições culturais, representações de sua identidade, como forma de resistência e sobrevivência cultural. A manutenção da tradição da feira, típica do Nordeste, como espaço de socialização e disseminação da cultura, da qual a Feira Nordestina montada no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, desde meados do século XX, e hoje transformada em Centro de Tradições Nordestinas¹⁰, é um exemplo. Esta Feira foi um grande responsável pela divulgação da Literatura de Cordel, funcionando como um espaço de trocas culturais importantes.

Tendo o Cordel como nossa matéria-prima de estudo, analisamos sua importância cultural na construção da identidade do homem nordestino, recorrendo a alguns autores que nos ajudam a entender esse fenômeno.

Assim como o mundo da vida de Habermas, para Certeau (1995), a cultura é um processo de compartilhamento de informações. Para ele, o homem comum ou do cotidiano assume um papel fundamental na construção daquilo que entendemos como cultura. O homem comum é protagonista das transformações e expressões culturais do seu meio, pois este é capaz de estabelecer trocas culturais com outros sujeitos que não fazem parte do seu âmbito social. O cordelista, visto como o homem comum, não só retrata o campo e suas características, mas também a cidade, seus costumes e valores, tão distintos da terra nordestina. Para a pesquisadora Maria Alice Amorim (2011) o

¹⁰ Centro de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga, montado de forma permanente dentro do antigo Pavilhão de São Cristóvão, é uma espaço cultural municipal, que abriga a antiga feira que ocorria em seu entorno e possui lojas que comercializam produtos típicos dos vários estados do Nordeste, como artesanato, utensílios, ingredientes culinários, roupas, etc, restaurantes típicos, e palcos onde se realizam shows de forró e outras danças características do Norte e Nordeste do país, além da venda de cordéis, apresentações de cordelistas, repentistas e cantadores, entre outras manifestações culturais.

cordel é uma manifestação cultural em permanente movimento e transformação, que, aglutinado a outras culturas, irá interagir com elas, mas o seu discurso ainda permanecerá.

Da mesma maneira, salienta Guinzburg (2001), é a partir do conceito de circularidade, que os sujeitos trocam experiências e saberes de forma permanente. O que nos permite entender a cultura como um processo de transformação constante, já que são os sujeitos que a tecem a cada dia, pois sempre estão envolvidos num sistema constante de troca de saberes. É nos indícios do cotidiano que podemos observar a estrutura social desses sujeitos. Para a Literatura de Cordel, no momento de sua feitura em verso, o cordelista necessita dessa aproximação com o cotidiano, seja adicionando vocábulos e acontecimentos, seja interpretando o porquê de as coisas acontecerem. Sempre a partir de um olhar dinâmico, contextualizado, em constante mutação.

Dessa forma, se levarmos em consideração que a construção da cultura do sujeito é um processo dinâmico indissociável do seu cotidiano, concluiremos que sua identidade cultural é marcada por símbolos, utilizados em seu dia-a-dia, de forma relacional, sendo ela tanto simbólica, quanto social (WOODWARD, 2009).

Sobre a relação do cordelista com o cotidiano, com o ambiente em que está inserido, e sua influência na construção da identidade do homem nordestino, vejamos o que diz Patrícia Araújo (2007):

No que se refere ao poeta popular, sua identidade de ser nordestino e poeta se forma a partir do ambiente onde está inserido, a partir das relações que se evidenciam nesse ambiente e também a partir do grupo a que o poeta pertence. Noutras palavras, ser poeta e nordestino se constrói com base em uma relação social, tendo como referência outras identidades (ARAÚJO, 2007, p. 69).

Assim, podemos observar que o Cordel, como um somatório de símbolos, é também mais um símbolo, que representa e ajuda a construir a identidade do povo nordestino. A poesia oral e rimada, levada para a literatura impressa e sua forma de leitura e vendagem, cuja temática é centrada no cotidiano e no folclore nordestino, marcado por uma interpretação peculiar da ruralidade, das relações sociais e de poder, pela religiosidade, pela moralidade, abordando as histórias do cangaço, as lendas e os mitos da região, confirmam esse conjunto de características peculiares à formação do símbolo (WOODWARD, 2000).

Sobre o poder simbólico e constitutivo da identidade do povo nordestino que caracteriza sua cultura popular, leiamos o que afirmam Dilsom Barros da Silva e Vilma de Lurdes Barbosa (2001):

Uma nação se identifica pela sua cultura e sua resistência. Ser nordestino é ser também nação herdeira de inúmeras expressões artísticas que vem de baixo, das massas, do povo (SILVA & BARBOSA, 2001, p.2).

Um exemplo desta assertiva é um apanhado da obra do cordelista Allan Sales. Através da linguagem debochada e a maneira como trata determinados assuntos, como personalidades políticas internacionais, sua obra faz parte do que chamamos de identidade, pois se a identidade se constrói a partir da diferença, aqui podemos observar características a esse tipo de construção poética. No caso, a poesia burlesca, de teor político, centrada em motes, versos finais da estrofe que se repetem e que dão o tema do assunto a ser explorado, é conhecida no Brasil desde o século XVII com Gregório de Matos.

FRAGMENTO 1:

O pai dele guerreou
Mas não derrubou Saddam
Que eles dizem ser Satã
Mas Saddam não se dobrou
O atentado incendiou
Belicismo contumaz
O grande império é capaz
De destruir toda Terra
GEORGE BUSH QUER A GUERRA
É INIMIGO DA PAZ

FRAGMENTO 2:

Já dizia Che Guevara
Que é preciso endurecer
E a ternura não perder
Enfrentar vida de cara
E assim meter a vara
De enfrentar a ditadura
Só encontra quem procura
E assim tudo acontece
SÓ A ROLA QUE ENDURECE
SEM PERDER SUA TERNURA

Outro fragmento da obra do cordelista Allan Sales, nos remete às canções de amor medievais ou à poesia lírica de Gregório de Matos, abandonando o deboche e a sátira, e utilizando o lirismo típico da temática amorosa.

Esse nosso sentimento
Quando toma nosso ser
Muitas vezes faz sofrer
E causar tantos tormentos
Tem estanques tem momentos
Tem espinhos com razão
Pois é flor e tem feição
Sua presença enfática
APRENDI SEM A GRAMÁTICA
QUE AMOR NÃO TEM TRADUÇÃO

Outro exemplo é a descrição dos personagens pícaros¹¹ na Literatura de Cordel. É interessante observar como as figuras de João Grilo, o Cancão de Fogo e o Pedro Malazartes e suas façanhas estão arraigadas ao que chamamos de cultura nordestina. Isto porque os personagens estão inclusos no âmbito da vida do nordestino e muitas de suas características ou foram inspiradas justamente nas pessoas de uma determinada vila, cidade ou podem a elas ser associadas. Essa identificação dos personagens, suas características e atitudes, com o cotidiano das pessoas comuns, é uma característica comum a muitos cordéis e um recurso utilizado pelo cordelista para criar um

¹¹ Refere-se ao anti-herói, aquele que faz tudo em favor de si mesmo. O nome pícaro vem do verbete picardia, uma vez que o anti-herói pícaro se utiliza em suas aventuras de uma série de maldades para com os outros, bem como provoca desavenças e mal-entendidos.

personagem, afinal, “as personagens representam pessoas e não existem fora das palavras” (BRAIT, 1987, p.11).

O herói pícaro ou anti-herói para alguns, é o personagem que representa a ‘revanche’ das camadas mais baixas, o “pobretão” que se dá bem, porque sabe utilizar como ninguém “o único recurso que possui: a astúcia” (GONZÁLEZ, 2005, p.37). Essa característica favorece a identificação do leitor popular com o personagem, ratificando “a assertiva de que na origem o pícaro é ingênuo; a brutalidade da vida é que aos poucos o vai tornando esperto e sem escrúpulos, quase como defesa” (CÂNDIDO, 1970, p.67-89).

Exemplo significativo é a construção do personagem Cancão de Fogo, considerado um *alter ego* do seu próprio autor, o já citado Leandro Gomes de Barros. O cordelista e pesquisador Arievaldo Viana aponta uma série de semelhanças na trajetória do autor e do herói pícaro, visto que ambos tiveram uma vida marcada por maus tratos e privações. Leandro fugiu de casa aos 11 anos, devido aos maus tratos que um tio padre lhe dava, o que reforça a identificação do autor com o personagem, como pode-se observar no início do Cordel *História de Cancão de Fogo sua vida e seu testamento* (VIANA, 2006, p.63):

Fui um menino enfeitado,
Fui triste logo ao nascer
Nenhuma ave noturna
Tão triste não pode ser
Eu sou igual ao deserto
Onde ninguém quer viver.

O herói tem uma infância de privação comum à população mais pobre e com quem esta se identifica, uma característica da Literatura de Cordel, que “traz temas que interessam ao povo, e, por isso, refere-se a assuntos e pessoas que estão no seu cotidiano” (FONSECA, ALVES & CAVALCANTE, 2010).

A Literatura de Cordel, por ter sua origem voltada ao uso da literatura oral dos cantadores repentistas, manteve características que facilitam a memorização, como o uso de versos rimados. Por conta dessa origem oral, o Cordel tem uma postura de literatura que pode ser decorada, uma característica mnemônica que atrai o público. Joseph Luyten (2005), esclarece a importância da memorização para as literaturas populares, marcadas pela tradição oral:

“O principal motivo desse fato é que as sociedades humanas, quando são iletradas, têm a memória como único recurso para guardar o que acham importante. Daí a tendência de ordenar toda a espécie de mensagens em forma poética. O ritmo das frases e a semelhança das partes finais ou iniciais facilitam tremendamente a memorização. O antigo ditado popular “Água mole, pedra dura, tanto bate até que fura”, por exemplo, pode ser decorado facilmente, bastando ouvi-lo uma só vez.” (LUYTEN, 2005, p.11)

O Cordel, como manifestação cultural, é composto de símbolos e representações com que o povo se identifica, não só porque estão presentes em seu cotidiano, mas também por que pertencem ao seu imaginário coletivo, favorecendo a construção da identidade cultural. Dessa forma, a vida da região Nordeste e a dos seus homens é retrada no cordel, não só no que tange a sua concretude e materialidade cotidiana, mas também no que está cristalizado como valores, crenças e imaginário, isto é na sua subjetividade, pois a vida cotidiana do homem nordestino também “é vivida em grande parte na imaginação” (POWELL, 1969, p.245). Assim, consideramos o Cordel como

símbolo da identidade cultural nordestina, porque nele podemos encontrar indícios dos costumes, crenças, lendas e culturas desenvolvidas pelo povo que o escreve e lê. Hall (2006) enfatiza essa relação entre a construção da identidade e os costumes, memórias e sentidos de um povo:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p.51).

Entretanto, se observarmos o Cordel como é confeccionado atualmente, constatamos que ele passou por um processo de inovação que mudou algumas de suas características. Um exemplo disso é a inovação tecnológica que atinge o Cordel, e se intensifica, principalmente, a partir do momento em que o uso do computador e seus recursos se torna cada vez mais acessível. Uma dessas características que se alteraram com os novos recursos tecnológicos é a utilização da xilogravura tatuando as capas dos folhetos. Hoje, a imagem é copiada através de um scanner, modificada ou melhorada no computador, mediante processo de edição, para depois ser lançada nas capas dos folhetos pela tinta de uma impressora.

Entretanto, observamos atualmente uma mudança mais significativa e profunda que apenas o formato do folheto ou sua forma de impressão e comercialização, que refere-se ao perfil do cordelista típico, que não é mais composto predominantemente por “alguns homens pobres e talentosos”, como Márcia Abreu (1999) descrevia. Muitos dos autores de Cordel, hoje, se encontram nos grandes centros urbanos, sendo cada vez mais raro encontrar entre os que ainda se dedicam à Literatura de Cordel, aqueles que vivem exclusivamente da venda de seus folhetos. O mais comum é o cordelista que tem um emprego, em geral, não pertencente à arte que domina, mas que continua a fazer seu trabalho com esmero, como já relatava Proença (1977, p.40).

Percebemos ainda o crescimento de fenômeno, comum a outras manifestações da cultura popular nordestina – como a música, o teatro e o artesanato –, que é a identificação e adesão de camadas com alto grau de escolaridade, em especial universitários, como público consumidor e autor. Em relação ao Cordel, alguns graduados, estudiosos em literatura, nos últimos anos, tem se utilizado do Cordel como um meio de retratar o mundo sócio-político, de exercer a crítica social, de denunciar as mazelas políticas, culturais e econômicas da região ou do país. Esse fenômeno tem feito com que o Cordel tenha uma mudança significativa, não só quanto à sua forma e veiculação, mas também quanto à sua temática e escrita.

A influência das novas tecnologias, da cultura de massa, da urbanização, provocou mudanças no gosto do público consumidor, com impactos sobre a temática do atuais cordéis, mesmo quando de autoria de poetas populares. A esse respeito, Joseph Luyten (2005) esclarece:

Já se foi o tempo em que o poeta popular se referia a princesas e cavaleiros andantes, o tempo dos bichos que falavam e de cangaceiros arrependidos. A participação hoje é direta. Embora os velhos folhetos de cordel ainda sejam reeditados, lidos e comentados, os poetas populares, tornados habitantes das grandes metrópoles, sentem como ninguém os graves problemas que atingem a todos. E sua voz se faz ouvir. Cada vez mais forte. Embora sempre procure salvaguardar os sentimentos de nacionalismo e dignidade humana, o poeta popular

percebe que, para vencer as dificuldades do momento, é preciso muita luta. E ele, como porta-voz dos fracos, deverá estar na frente. (LUYTEN, 2005, p.70)

Essa postura social por parte do poeta norteia, como falamos, uma nova vertente temática. O fato de o poeta popular hoje estar conectado com o mundo globalizado traz essa característica. Acerca desse “novo” poeta popular, leiamos o que ainda nos diz Ivan Cavalcanti Proença (1977):

Claro que esse cordel, ao mostrar-se produto de “marginalização” literária, entendido enquanto literatura não “regulamentar”; também não escapa às redes sufocantes do sistema, influenciado por uma imprensa (jornais e TV) normalmente dirigida, quadrinhos, cinema americano, órgãos oficiais de comunicação, hoje empenhados implicitamente na consolidação da aldeia global. (PROENÇA, 1977, p. 57)

O poeta como um artista, preocupado em retratar o seu tempo, assume também o papel de relatar as mazelas e injustiças sociais. Essa mudança é decorrente justamente do processo globalizante em que vivemos. Ironicamente, essa “metamorfose” do poeta popular, que busca assumir uma postura social num mundo globalizado, remete ao momento da ‘descoberta’ do Brasil e da chegada da literatura popular a então colônia portuguesa, visto que a empresa das grandes navegações e da colonização das novas terras descobertas são os primeiros registros do processo de globalização na Idade Moderna.

Giddens (1991, p.122) frisa que os costumes sociais antigos do cotidiano ou do “mundo da vida” foram remodelados em virtude das grandes mudanças sociais que têm ocorrido na era contemporânea. Assim como a cultura geral, a Literatura de Cordel e propriamente seu autor pertencem ao ciclo de transformações citado por Guinzburg (2001). A identidade do poeta popular, em meio à globalização é retrato do que o próprio Giddens (1991, p. 122) ainda afirma: “com a globalização acelerada dos últimos cinquenta anos mais ou menos, as conexões entre vida pessoal do tipo mais íntimo e mecanismos de desencaixe se intensificaram.”

As mudanças sociais intensificadas nas últimas décadas produziram alterações significativas na construção das identidades culturais, mutantes e múltiplas. Nesse sentido, Hall (1995) salienta que:

As identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 1995, p.108).

Hall (2006) destaca outro detalhe não menos importante acerca de possíveis consequências da globalização sobre as identidades culturais: as identidades nacionais, particularistas e locais – esta última que nos representa por entender o Cordel como símbolo da identidade da cultura nordestina – tendem a admitir uma possível “resistência” a determinadas mudanças suavemente ou não introduzidas no meio.

Segundo Maria de Nazareth Ferreira (2008), no mundo da cultura as noções de identidade, resistência e dependência estão interrelacionadas:

Pode-se afirmar que o grau de resistência de um sujeito individual ou coletivo, é tão forte quanto maior for seu suporte histórico, fortalecido nas suas práticas cotidianas; da mesma forma, sua fragilidade estará baseada na ausência destes elementos. Do exposto decorre que identidade, resistência e dependência cultural, são termos interrelacionados, o que implica tratá-los em sua interrelação e reciprocidade: quanto mais forte for a identidade cultural, existirá maior resistência, portanto, menor a dependência; quanto mais frágil for a identidade cultural, maior será a dependência, pois não haverá resistência (FERREIRA, 2008, p. 61).

No estado de Pernambuco, conhecido nacionalmente por ter uma cultura local muito forte e com características de ‘resistência’, podemos observar, por exemplo, na capital Recife, haver atualmente um sem-número de poetas populares adeptos dessa ‘resistência cultural’. Também podemos observar, já saindo do meio do Cordel, que também crescem os adeptos do ‘maracatu de baque virado’, onde muitos jovens tocam alfaias, e do ‘maracatu de baque solto’¹², também com adesão entre os jovens, identificados com esse ‘sentimento de resistência’. Porém, se formos analisar quem, de fato, possui uma relação de pertencimento às raízes dessa cultura, veremos que poucos têm essa aproximação desde o berço, por herança familiar, mas que esta identificação se faz por reconhecimento da necessidade de preservar uma tradição cultural de matriz popular, intrinsecamente associada à identidade do povo nordestino. É estranho observar jovens brancos, oriundos das camadas médias e cultas, saírem de seus apartamentos para tocar alfaia, herança cultural dos negros escravos das senzalas dos muitos engenhos que edificaram o estado de Pernambuco.

Podemos observar a presença de duas vertentes culturais: a Tradição e a Tradução. A Tradição, no caso dos maracatus de baque virado, seria justamente a herança cultural deixada pelos mais antigos, no caso os negros escravizados. A Tradução seria justamente formada pelas pessoas de hoje que fazem uma releitura dessas raízes culturais, uma tradução da tradição, do que culturalmente se tem, independente da classe social do intérprete ou de sua etnia, sejam elas brancas ou negras, pobres ou abastadas. Essa observação está no caso de as pessoas de hoje viverem nesse mundo globalizado de perene troca de informações culturais. Deve-se salientar que o “tradutor” tem acesso a outras culturas, outras línguas e costumes. A ligação entre as mais variadas manifestações culturais se dará de forma automática, ainda que haja um sentimento de resistência. (Hall, 2006, p. 87)

Um bom exemplo para expormos melhor essa Tradução pode ser a observação do movimento cultural pernambucano ManguêBeat¹³, que efetuou uma espécie de releitura

¹² Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural é regido por um Mestre que entoa a loa, acompanhado de uma orquestra de metais, enquanto os caboclos-de-lança desenvolvem suas danças. Maracatu de Baque Virado é desenvolvido pelo toque de alfaias, tipo de tambor, e abês (tipo de chocalho).

¹³ O ManguêBeat é um movimento artístico pernambucano originado em meados da década de 1990. Seu objetivo é o sincretismo sonoro do rock, hip-hop com as manifestações musicais comuns de Pernambuco: coco, maracatu, ciranda, frevo, repente, como também a revitalização dessas culturas. A estética do movimento transformou a capital pernambucana em recinto de vanguarda artística e serviu para revitalizar as muitas manifestações culturais já citadas. As bandas mais importantes são as já extintas Chico Science e Nação Zumbi e Mestre Ambrósio. Entretanto, o ManguêBeat continua forte com as bandas co-fundadoras do movimento: Mundo Livre S/A e a Nação Zumbi, sem Chico Science, falecido em 1997. Outras bandas de destaque são: Cascabulho, Devotos, Via Sat, Faces do Subúrbio, Silvério Pessoa, Otto, Siba & A Fuloresta. Outras bandas importantes que já foram extintas são Cordel do Fogo

de estilos musicais nacionais e internacionais como o rock, o hip-hop, a Tropicália e o Psicodelismo inglês, com o mundo cultural pernambucano, com destaque para os ritmos musicais locais e regionais.

Voltando ao nosso foco, que é a Literatura de Cordel, também vamos observar esse “conflito” Tradição x Tradução. A Literatura de Cordel hoje tem em muito de sua estrutura poética, vernácula e editorial, os sintomas da globalização. No texto *O marco cibernético*, de José Honório, que já observamos nesse trabalho, já trazia o uso de estrangeirismos e também a “novidade” que era a utilização da informática na literatura cordelista.

Apoiados nas leituras realizadas, não acreditamos que as mudanças sofridas pela Literatura de cordel signifiquem sua extinção, mas vemos que a ‘tradução’ permite a permanência da ‘tradição’, não em sua forma cristalizada, mas como releitura e interpretação, alcançando novos públicos e assim realizando seu papel de resistência cultural, em um mundo globalizado. Nesse sentido, concordamos com Hall (2006), que

“parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e novas identificações “locais”. (HALL, 2006, p. 78)

O que observamos é que o Cordel é um símbolo cultural que apresenta uma forte característica de resistência, e que o fato de, nos últimos anos, estar adotando uma série de inovações, que atingem tanto sua estética, quanto a forma de edição e comercialização, numa tentativa de aprimorar sua produção e atingir novos públicos, não necessariamente significa que sua essência e características vão perder-se no tempo. Da mesma forma, a mudança no perfil dos cordelistas, ou ainda o fato de seus poetas transitarem por outras culturas, conhecerem outros códigos, se valerem de inovações estéticas e estarem abertos a novas e múltiplas influências culturais, regionais, nacionais ou globais não quer dizer que o Cordel perderá seu prestígio, valor, poder e significado como bem cultural marcadamente identitário do povo nordestino. Se a cultura sempre se transforma, observemos que uma cultura de resistência que é o Cordel também terá suas transformações, e que estas podem servir para popularizar mais ainda a Literatura de Cordel, e assim efetuar a resistência cultural a que se propõe.

2.2 Algumas considerações sobre o Cordel e a Educação

*O cordel é um veículo
De grande penetração.
Nas camadas populares
Possui grande aceitação.
Se a métrica não quebra o pé,
Tem contribuído até
Para alfabetização.*

Arievaldo Viana

Muito tem se falado sobre a Literatura de Cordel na sala de aula. Autores como Hélder PINHEIRO e Ana Marinho LÚCIO (2001) e Maria Cristina EVARISTO (2002)

Encantado, Cumadre Fulozinha, Querosene Jacaré, Sheik Tosado, Jorge Cabeleira e Textículos de Mary & A Banda das Cachorra.

despontam como os principais estudiosos da utilização do gênero na sala de aula. Em nossa pesquisa, ouvimos relatos de alunos que dizem apenas ter visto o Cordel ser abordado na sala de aula ou na instituição escolar como algo exótico e distante, sem terem tido contato direto com essa literatura.

Como um gênero textual, o Cordel expõe a língua portuguesa em seu uso cotidiano, quando varia a linguagem erudita para a popular, mais especificamente a falada pelas populações do interior, da zona rural do Nordeste, também denominada de *matuta*.

Como vimos anteriormente, a Literatura de Cordel é uma manifestação cultural característica do homem nordestino, utilizando a linguagem que esse homem entende, com a qual se comunica e descreve e interpreta a realidade que o cerca, e portanto é uma das suas marcas identitárias mais importantes. A Literatura de Cordel, enquanto manifestação literária e popular,

Pode ser definida como um viés social que abrange inúmeros aspectos do Nordeste. Nesse tipo de literatura, o Nordeste está impregnado em seus versos, uma vez que ela mergulha na problemática do Nordeste e, sobretudo, retoma a consciência nordestina que, muitas vezes, fica esquecida. Desse modo, nordestinidade seria a palavra que define o cordel. Essa vertente social transita por vários temas, espaços e épocas. Seus versos abrangem questões que demandam da sociedade, do imaginário, da memória, da cultura do sertão e da cultura da cidade. Suas poesias, além de expressar os valores nordestinos, nos convidam a refletir acerca da realidade social nordestina. Por essa razão, concebemos a Literatura de Cordel como um viés social, que se utiliza da linguagem como manifestação cultural. (SILVA et al, 2010,p.68)

Essa postura do Cordel permite que ele, como um gênero textual, admita um sem-número de temas como vimos no capítulo anterior, pois os gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p.262). Isto porque o Cordel, como manifestação popular, devido ao fato de agregar autores alfabetizados e não-alfabetizados apresenta, tradicionalmente, duas formas de linguagem: a erudita e a *matuta*, como muitos cordelistas preferem chamar a linguagem escrita que mais se aproxima da oral. Uma vez que o Cordel “constitui-se em um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita. Faz uma espécie de ponte de passagem entre uma cultura popular e outra, literária. Por isso mantém algumas pistas da oralidade ao ser transposto para o texto escrito e impresso” (EVARISTO, 1999, p.120).

Marcos Bagno (1999) em sua obra *Preconceito Linguístico*, explica um pouco dessa versatilidade em nossa língua portuguesa:

A verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não por causa da grande extensão territorial do país- que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito-, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. (BAGNO, 1999, p.16)

Para entendermos melhor, leiamos exemplos desses dois tipos de texto, o popular e o erudito, ambos da autoria de Patativa do Assaré, grande poeta popular e cordelista,

até mais poeta popular do que cordelista, pois se tornou famoso pelos seus poemas e não pelos seus Cordéis.

Como exemplo da linguagem erudita, temos esses versos de Patativa do Assaré :

O cassaco, de cabreiro
Vive vagando aos pinotes
E como não tem dinheiro
Leva no bolso os filhotes

O vagalume inocente
Fazendo suas defesas,
Leva sempre em sua frente
Duas lanternas acesas

Também do mesmo autor, Patativa do Assaré, temos esses exemplos da linguagem chamada matuta:

Era um modelo prefeito
A muié que mais amei,
Linda e simpate de um jeito
Que eu mesmo dizê não sei.
Era bela, munto bela;
Mode cumpará com ela,
Outra coisa eu não arranjo
E por isso tenho dito
Que se anjo é mesmo bonito
Era o retrato de um anjo.

Ainda que apresente essas duas formas de linguagem, o Cordel tem nelas uma maneira peculiar, encantadora e rica quanto aos aspectos lingüísticos. Nesse sentido, a linguagem do cordel utiliza o ‘falar brasileiro’ tão bem quisto pelos primeiros poetas do Modernismo brasileiro como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira que, em suas obras, utilizaram a linguagem informal-matuta-popular para caracterizarem como poucos o falar, o viver, o social do povo brasileiro. As construções das orações são simples, utilizam a ordem direta, coloquial, buscando uma proximidade com a fala, não apresentam prolixidade em sua estrutura, se afastando do léxico erudito. O papel do Cordel é divertir, informar, seguindo o modelo clássico de Horácio, *Docere cum delectare*, isto é, ensinar com deleite. Assim, a linguagem utilizada pela Literatura de Cordel, se coaduna com esta análise:

Nesse contexto de trocas materiais e culturais, de busca pela informação e posterior utilização desta para construção do conhecimento, a linguagem se inscreve como sistema mediador de todos os discursos. Em função dessa potencialidade de mediar nossa ação sobre o mundo (declarando e negociando), de levar outros a agir (persuadindo), de construir mundos possíveis (representando e avaliando), aumenta a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textuais e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual. (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002, p. 10)

Para Hélder Pinheiro e Ana Lúcio (2001) em seu livro *Cordel na sala de aula*, a atividade principal que deve ser vivenciada com o Cordel, desde seu primeiro momento

com os estudantes, na sala de aula, é a leitura oral (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, 82). A leitura em voz alta permite que o aluno apreenda a musicalidade dos versos rimados, além de favorecer a interação, sendo que “a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem e o discurso, o veículo dessa interação” (MARTINS et al, 2008, p.10).

A partir dessas afirmações, entendemos a importância da leitura em voz alta, que permite perceber a sonoridade da poesia e a teatralidade de obras como *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Inspirado na Literatura de Cordel, o poeta pernambucano, escreveu este célebre poema que retrata a saga de um retirante da seca nordestina, posteriormente musicado por Chico Buarque de Holanda, transformado em peça teatral e filme para veiculação na televisão. A musicalidade dos versos de *Morte e Vida Severina* favoreceu a declamação do poema, sua transformação em letra de música e texto teatral:

- Essa cova em que estás
Com palmos medida,
É a conta menor
Que tiraste em vida.

- É de bom tamanho,
Nem largo nem fundo,
É a parte que te cabe
Deste latifúndio.

- Não é cova grande,
É cova medida,
É a terra que querias
Ver dividida.

- É uma cova grande
Para teu pouco defunto,
Mas estarás mais ancho
Que estavas no mundo.

- É uma cova grande
Para teu defunto parco,
Porém mais que no mundo
Te sentirás largo.

- É uma cova grande
Para tua carne pouca,
Mas a terra dada
Não se abre a boca.

Ainda podemos, em sala de aula, acrescentar aos textos trabalhados de forma oral, os versos também musicados, escritos em forma de Cordel. Como exemplo temos *A Roseira (onde a moça mijou)*, extraído do cd do grupo pernambucano Mestre Ambrósio. O texto é da autoria de Waldemar Oliveira e Luiz Oliveira e cantado pelo grupo em forma de cantoria de viola:

O mundo estava em guerra
Ninguém mais se entendia
Canhões de artilharia
Davam tiros sobre a terra

Foi aí que lá na serra
Tudo se modificou
Quando alguém anunciou
Disparado na carreira
Nasceu um pé de roseira
Onde a moça mijou!

Onde antes só havia
Desolação e tristeza
Pouco a pouco a natureza
Alegremente sorria
A vegetação crescia
E um riacho se formou
A água tanto aumentou
Que fez uma cachoeira
Nasceu um pé de roseira
Onde a moça mijou!

Acabou-se a tristeza
Ninguém mais ali chorava
Por ali só se falava
Na rosa e sua beleza
Como é linda a natureza
Depois que a rosa brotou
Foi ela quem nos deixou
Essa linda cachoeira
Nasceu um pé de roseira
Onde a moça mijou!

Foi tão grande a emoção
Era tanta alegria
Que todo mundo corria
No meio da multidão
Demonstrando gratidão
Todo mundo se abraçou
E alegremente cantou
Repetindo a noite inteira
Nasceu um pé de roseira
Onde a moça mijou!

Foi aí que a velhinha
Que não dava mais no couro
Achou que era um desaforo
O mistério da mocinha
Pegou sua bengalinha
E para a serra rumou
Quando ela se acorou
Foi aquela cachoeira
Matou o pé de roseira
Onde a moça mijou...

Ainda sobre a leitura em voz alta dos folhetos, Márcia Abreu (2004) defende a utilização dos mesmos em sala de aula, também pelo seu caráter informativo:

Os folhetos são eficazes, segundo Manoel de Almeida Filho (1963), por serem escritos em verso compostos segundo um padrão que favorece a realização de sessões coletivas de leituras em voz alta. Ainda que a forma seja efetivamente fundamental, a superioridade dos folhetos deve-se também ao fato de eles apresentarem as notícias interpretadas segundo os valores compartilhados pelo público. Por isso, eles parecem superiores aos jornais em que se apresentam notícias em prosa (ABREU, 2004, p. 200).

Seguindo este pensamento Roberta Monteiro Alves (2008) nos diz que

O texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país (ALVES, 2008, p.106).

O Cordel apresenta essa versatilidade temática que permite a interdisciplinaridade e tenha como marca indispensável a interdiscursividade (EVARISTO, 1999, p. 135), a forma como o discurso dialoga com outro discurso. Observemos o que nos diz José Luiz Fiorin (2006), no livro *Introdução ao pensamento de Bakhtin*:

Depois que os Parâmetros Curriculares Nacionais estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que vêem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto, e seu ensino torna-se, então, normativo. Sob a aparência de uma revolução no ensino de Português está-se dentro da mesma perspectiva normativa com que se ensinava gramática (FIORIN, 2006, p. 60).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) são o principal documento educacional para o ensino de Língua Portuguesa e significou um avanço no que tange ao ensino, ainda que como denunciado por Fiorin (2006), interpretações equivocadas ainda enfoquem aspectos meramente normativos e formais. Como salienta Roberta Monteiro Alves (2008), sobre a utilização dos textos em sala de aula:

É preciso entender que, numa visão sociointeracionista, o texto não entra na sala de aula como pretexto para uma abordagem simplista da gramática ou da literatura, tampouco para servir de modelo pura e simplesmente. Ao contrário, deve ser visto pelas vozes que pode trazer e pelo seu potencial de significações, pela relação que pode estabelecer com outros textos ou mesmo com a realidade do mundo (ALVES, 2008, p.106).

Com o mesmo pensamento César Obeid (2008) defende a utilização do Cordel em sala de aula, mas destaca que alguns cuidados devem ser seguidos para evitar a banalização ou sub-aproveitamento deste recurso. Assim, afirma a necessidade de explorar a riqueza da Literatura de Cordel na sala de aula, atertando que,

devemos tomar muito cuidado, pois alguns educadores penduram em barbantes os folhetos ilustrados com xilogravura, mas não trabalham com as rimas, métrica, tradição ou a oralidade do Cordel” (OBEID, 2008, p. 45).

Hélder Pinheiro e Ana Lúcio (2001), ressaltam a importância do professor abordar os aspectos literários do cordel, a forma como cada autor explora a narrativa, os recursos poéticos que utiliza, e complementam:

Na sala de aula, é importante que o professor tenha sempre a preocupação em não transformar o folheto em mero relato jornalístico. O que interessa é perceber como o poeta se posiciona diante da história, tendo sempre em vista o caráter ficcional desta produção (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, 69).

Em outro momento, Pinheiro e Lúcio (2001) ainda destacam que os professores não podem descuidar da questão cultural que envolve a Literatura de cordel, afirmando ser necessário que se estabeleça, em sala de aula,

um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o Cordel que favoreça o diálogo com a cultura a qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência dialógica entre professores, alunos e demais participantes do processo. (PINHEIRO e LÚCIO, 2001, p. 81)

Esses autores, ainda sugerem uma série de possíveis atividades para o professor desenvolver o estudo sobre a Literatura de Cordel na sala de aula, que podem ser alteradas pelo professor, de acordo com o conhecimento dos alunos, o acervo de cordel disponível, as condições da escola, entre outros aspectos a considerar. Nesse sentido, destacamos as seguintes sugestões de atividades propostas por Pinheiro e Lúcio (2001, p.83):

1. A leitura oral dos folhetos de cordel como item indispensável;
2. A observação e discussão de variados temas;
3. A utilização da dramaticidade teatral como releitura do texto;
4. A criação de xilogravuras;
5. A cantoria dos folhetos de cordel;
6. A realização de uma Feira de Literatura de Cordel;
7. A ilustração das narrativas (sugestões para o Ensino Fundamental);
8. O trabalho da criação do texto cordelista em outros tipos e gêneros textuais e, até mesmo, em cordel.

Assim, vemos que o Cordel, por ser dotado de uma composição peculiar, porém rica no uso de vocabulário, permite que a leitura e escrita de Cordéis por parte dos alunos pode ser atividade prazerosa, se a língua for trabalhada em situações comuns a eles.

Silvio Porfírio da Silva et al (2010) nos chamam a atenção para uma pluralidade de resultados positivos quanto ao uso do Cordel na sala de aula e os utilizamos aqui como alicerce/estímulo para seu uso no âmbito escolar. São eles: o uso da poesia para exercícios de leitura; o estímulo à imaginação das histórias e suas situações; a discussão dos assuntos abordados nos cordéis para o desenvolvimento reflexivo e crítico do aluno; a exploração dos recursos poéticos como a rima, a métrica, a estrofe, sem contar o uso da xilogravura; sem contar a inserção no contexto de arte popular por parte dos alunos.

Além das aulas de Língua Portuguesa e Literatura, entendemos que o Cordel pode sim entrar no âmbito escolar como recurso didático, a fim de complementar as disciplinas e suas matérias, mostrando uma forma diferente e poética de expor, discutir e trabalhar conceitos de outras disciplinas. Sem dificuldade, o Cordel auxiliaria nas aulas de História, Geografia e Língua Portuguesa, justamente por dotar de uma variedade temática que alcança os conteúdos dessas disciplinas (ARAÚJO, 2007, p. 27).

Nesse sentido, Alexandre e Karen Fonsêca (2009) argumentam que

as alternativas pedagógicas, no sentido de encontrar soluções para a melhoria da qualidade das aulas, são inúmeras e o esforço do professor no sentido de adaptar metodologias de ensino com conteúdos específicos é grande (FONSECA, 2009).

O trabalho com o Cordel em sala de aula salienta a importância, da escola, apresentar ao aluno, manifestações culturais características da formação da identidade do povo, de forma contextualizada. A escola e o professor poderiam aproveitar o interesse que a Literatura de cordel desperta no público, por se tratar de um texto que informa e, ao mesmo tempo, diverte, expõe sua atualidade, seja abordando temas do cotidiano como violência, aborto, drogas, seja discutindo os problemas comuns ao homem do sertão nordestino, para utilizá-la como recurso didático. Sem contar, é claro, que desde sua estruturação poética bastante específica, o Cordel, em si, já caracteriza uma forma de cultura única e metonímica de um povo.

A literatura de cordel consiste num recurso de comunicação popular, uma vez que aborda fatos do dia-a-dia das pessoas e, sobretudo, retrata aspectos culturais de determinada região. A cultura consiste em tudo que o homem faz, seja pensamento ou ação. Assim, a cultura retrata as mais diversas formas por meio das quais os homens se relacionam em seu meio social (SILVA et al, 2010, p. 67) .

O Cordel destaca-se pela facilidade e pela maneira singular de transmitir seus textos. A diversidade temática vai além do folclore e da tradição cultural do povo nordestino, e adentra-se em temas escolares numa prática sócio-discursiva, uma vez que a sala de aula é o espaço perfeito para a construção do conhecimento mais amplo (ALVES, 2008, p.104).

Com dito na introdução, a região da zona da mata pernambucana onde está localizado o Campus Vitória de Santo Antão do IFPE é um tradicional celeiro de cordelistas, e desta constatação surgiu a proposta da presente investigação. A instituição onde a pesquisa se desenvolveu, será apresentada de forma contextualizada, a seguir.

2.3 O Campus Vitória de Santo Antão: Breve Contextualização¹⁴

A instituição em que a investigação ocorreu é o Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) *Campus* Vitória de Santo Antão, que está inserido na região da Zona da Mata, distante 45 Km da capital Recife. O campus está localizado na zona rural da cidade de Vitória de Santo Antão, no Engenho Terra Preta.

¹⁴ Este item incorporou dados das dissertações de Mestrado em Educação Agrícola (PPGEA/UFRRJ) de MARTINS (2010) e SILVA (2011), que também tiveram como *locus* da investigação o IFPE *Campus* de Vitória de Santo Antão.

A origem da instituição é a *Escola de Magistério de Economia Rural Doméstica*, criada em 02 de junho de 1954 para ofertar cursos de curta duração em Culinária, Bordado, Corte e Costura e Pintura. A EMERD era ligada à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário, do Ministério da Agricultura, responsável pelo ensino profissional agrícola no país, em 1961 passou a ser denominada *Colégio de Economia Doméstica Rural*, com a finalidade de ministrar cursos agrícolas de 1º e 2º ciclos, bem como cursos avulsos de aperfeiçoamento. Em 1967, todo o ensino profissionalizante federal, foi incorporado ao Ministério da Educação e Cultura. A Diretoria de Ensino Agrícola fica responsável pela reformulação da filosofia do ensino agrícola com a implantação da metodologia do Sistema Escola-Fazenda, com base no princípio “Aprender a Fazer e Fazer para Aprender”. Em 1970, as escolas de ensino agrícola foram incorporadas ao Departamento de Ensino Médio, que absorveu as Diretorias dos Ensinos Agrícola, Comercial e Secundário, e em 1973, foi criada a Coordenação Nacional do Ensino Agrícola, que em 1975 passa a denominar-se Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário.

Em 1979, o CEDR foi transformado na *Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão* (EAFVSA), com o Decreto nº 83.935, de 19 de setembro de 1979, passando a oferecer o Curso Técnico em Economia Doméstica integrado ao Ensino Médio. Nessa época, a EAF funcionava em prédio cedido pela Prefeitura Municipal, no centro da cidade de Vitória de Santo Antão. Em 1982, mais um curso foi implantado – o Curso Técnico em Agropecuária –, o que exigiu que as aulas práticas voltadas para o setor agropecuário fossem desenvolvidas em nova área, na zona rural da cidade, no Engenho Terra Preta, distante 2 km do centro comercial da cidade e 1,5 km da BR 232, para onde, em 1985, todas as atividades da EAF são transferidas, passando a vivenciar o sistema de escola-fazenda, no seu campus definitivo.

A nova sede possibilitou a construção de salas de aulas - Unidades Educativas de Produção - UEP's, onde os alunos vivenciavam juntamente com os professores as atividades teóricas e práticas. Também possibilitou a construção de alojamentos, que oferece condições de permanência na escola dos alunos de outras cidades, até mesmo de outras regiões e Estados. (SILVA, 2010, p. 31)

Em 1986, com a extinção da COAGRI, as escolas federais foram incorporadas à Secretaria de Ensino do Segundo Grau, extinta em 1990, e substituída pela Secretaria Nacional do Ensino Tecnológico (SENETE), que posteriormente, em 1992, passou a chamar-se Secretaria de Ensino Médio e Tecnológico (SEMTEC), responsável por estabelecer as políticas para educação profissional e tecnológica e exercer a supervisão da rede de escolas federais, transformadas em Autarquias em 1993. Em 1997, a Escola implantou o Curso Técnico em Agroindústria, passando a oferecer um total de três habilitações técnicas integradas ao ensino médio: Economia Doméstica, Agropecuária e Agroindústria.

Em 2001, em atendimento ao Decreto 2.208¹⁵, a EAFVSA, passou a ofertar quatro habilitações técnicas – agropecuária, agroindústria, agricultura e zootecnia – desvinculadas do ensino médio, em regime de concomitância interna, cursos na modalidade subsequente e cria a Seção de Cursos Técnicos Especiais (SCTE) para oferecer cursos básicos, modularizados, de curta duração, visando à qualificação de trabalhadores para atuarem nos diversos setores da economia. Ainda em 2001, houve

¹⁵ Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997, determinou a desvinculação do ensino médio do profissional e a oferta de cursos subsequentes modularizados, para atender as demandas do mercado de trabalho.

pela última vez o ingresso de 23 alunas no Curso Técnico de Economia Doméstica, extinto a partir do ano seguinte, devido à diminuição da demanda.

As reformas educacionais implantadas na década de 90, através da Secretaria de Educação Tecnológica (SETEC) e o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP), impactaram perceptivelmente a educação profissional, principalmente no que tange à dicotomização do ensino médio/ensino profissionalizante, ainda que ambas as modalidades possam ser cursadas de forma concomitante, e pela introdução das matrizes curriculares por competências, o que amplia o fosso entre a formação propedêutica e a profissional (MARTINS, 2010). Constatou-se ainda uma mudança de configuração na currículo, com a extinção das Unidades Educativas de Produção (UEP's), núcleos estruturadores do Sistema Escola-Fazenda, que efetivavam a integração teoria-prática,

O aluno passa dessa realidade para vivenciar uma matriz curricular cheia de disciplinas que não dialogam (...) O que se apresenta a princípio como um modelo mais rápido e eficiente de formação, materializa-se como um desmonte do ensino integrado e de uma formação que compreenda o homem em suas múltiplas dimensões. (MARTINS, 2010, p. 20).

Com a edição do Decreto 5.154/2004, a EAFVSA voltou a ofertar, a partir de 2005, os cursos no sistema integrado: Curso Técnico em Agropecuária e Curso Técnico em Agroindústria, mantendo a modularização apenas no nível subsequente, com as habilitações técnicas em Agricultura, Zootecnia e Agroindústria. A opção por esses cursos foi baseada na caracterização econômica da região, predominantemente agrícola, dedicada à produção de cana-de-açúcar e derivados, como o açúcar, o álcool, o melão e a aguardente, com tendência à diversificação de atividades econômicas, com destaque para a fruticultura, o plantio de seringueiras, a pecuária, a indústria de transformação, o comércio varejista e a prestação de serviços. (SILVA, 2011)

Em 2007, tem início a primeira turma Educação de Jovens e Adultos dentro do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) Atualmente é oferecido o Curso Técnico em Agricultura Familiar destinado para os jovens e adultos com idade a partir de 18 anos, que ainda não tenham concluído o ensino médio, cuja clientela foi composta de pequenos agricultores da região circunvizinha, e o curso de Manutenção e Suporte em Informática, ambos na modalidade PROEJA integrados ao Ensino Médio.

Em 2008¹⁶, pela Lei 11.892, foi criado o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco¹⁷ (IFET-PE), onde a EAFVSA passou a denominar-se IFPE *Campus* Vitória de Santo Antão, do posteriormente denominado Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). O IFPE é uma Instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi¹⁸, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com sua prática pedagógica,

¹⁶ Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFETs).

¹⁷ Composto pelas antigas Escolas Agrotécnicas Federais de Belo Jardim e Barreiros e pelo CEFET Pernambuco e suas UNEDs, que passam constituir os campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

¹⁸ Atualmente são 9 os *campi* do IFPE: Afogados da Ingazeira, Barreiros, Belo Jardim, Caruaru, Garanhuns, Ipojuca, Pesqueira, Recife e Vitória de Santo Antão.

natureza jurídica de autarquia, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. (SILVA, 2011)

Os alunos estudam em regime de residência para homens e mulheres, semi-residência e externato. Além da manutenção dos cursos existentes, já estão sendo planejados dois cursos superiores: um curso de tecnologia em Alimentos e uma Licenciatura em Química.

Quanto à infraestrutura física e acadêmica, o *Campus* Vitória de Santo Antão possui uma área total de 124 hectares, dos quais 19.671m² são de área construída, utilizada para o desenvolvimento de suas atividades de ensino, pesquisa, produção, extensão, desportos, lazer e cultura. A estrutura física e pedagógica inclui laboratórios de pesquisa e de produção, laboratório de informática, auditório para 240 pessoas, biblioteca, refeitório, alojamentos, ginásio poliesportivo, salas de jogos, salas de aula, blocos administrativo e pedagógico, entre outros.

O corpo funcional da instituição é formado por cerca de 140 servidores, destes cerca de 60 são docentes e os demais técnicos-administrativos, além dos aproximadamente 70 estagiários de nível médio e superior e quase 60 trabalhadores terceirizados. Atualmente, o IFPE *Campus* Vitória de Santo Antão conta com cerca de 900 alunos regularmente matriculados, sendo 180 desses em regime de internato. Esses alunos estão matriculados em cursos regulares (Técnicos Integrados ao Ensino Médio e Técnicos Subseqüentes) ou em cursos de curta duração ofertados para qualificação, requalificação e aperfeiçoamento de trabalhadores, através da formação inicial e continuada.

A escolha do referido instituto deu-se pelo fato de ser professor de Língua Portuguesa da instituição e, em algumas aulas, abordar temas de literatura popular, mais especificamente, o Cordel. Do curso técnico em Agropecuária, foram selecionados os sujeitos da investigação, devido ao fato de que, historicamente, ele é composto em sua maioria por estudantes com origem campesina. Como a Literatura de Cordel é uma manifestação cultural que predomina no âmbito rural, a característica do curso e de seu alunado, a princípio não tão identificado com o urbano, parecia mais adequada a investigação.

Finalizando este breve capítulo sobre o Cordel na escola, é importante destacar que a instituição escolar não pode deixar de trazer para dentro de seus muros uma manifestação cultural tão forte e rica como a Literatura de Cordel, contribuindo para que as novas gerações não somente conheçam sua cultura, mas identifiquem-se com ela, a preservem, a apreciem e dela façam uso cotidiano para o lazer e a informação.

No capítulo seguinte apresentaremos como transcorreu a investigação propriamente dita, dando voz aos estudantes que colaboraram com este trabalho emitindo suas impressões sobre a literatura de cordel.

3 CAPÍTULO III

O CORDEL E A ESCOLA: O VERSO NO MEIO DO POVO

*Saí dali convencido
Que não sou poeta não;
Que poeta é quem inventa
Em boa improvisação,
Como faz Dimas Batista
E Otacílio, seu irmão;
Como faz qualquer violeiro
Bom cantador do sertão,
A todos os quais, humilde,
Mando a minha saudação!*

Manuel Bandeira – Cantadores do Nordeste

Nos capítulos anteriores, a Literatura de Cordel foi apresentada como manifestação cultural marcadamente popular e representativa da identidade do homem nordestino. Dialogando com os versos do Cordel, observamos as origens lusa e brasileira, e como ao longo de pouco mais de um século, tornou-se legítima representante da literatura popular. Iniciamos, ainda no capítulo anterior, a discussão sobre a utilização do Cordel na sala de aula e contextualizamos o locus da pesquisa o *Campus* Vitória de Santo Antão do IFPE.

Dada a importância da Literatura de Cordel na cultura popular nordestina, fizemos dela nossa temática de investigação, propondo investigar seu significado na formação cultural dos jovens estudantes do curso Agropecuária do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) *Campus* Vitória de Santo Antão.

Nossa premissa era a de que tal manifestação cultural fosse conhecida e fizesse parte do repertório de leitura desses jovens, dado o importante papel cultural que o Cordel tem para a região do Nordeste do Brasil, principalmente no meio rural, de onde vêm os alunos sujeitos da investigação. Assim, desejávamos saber destes jovens, oriundos do meio rural, qual o tipo de conhecimento que eles têm sobre o Cordel, antes de ingressarem na comunidade escolar do IFPE campus Vitória de Santo Antão, localizado na região da Zona da Mata, reconhecida como relevante celeiro cultural onde foram escritos e publicados os primeiros folhetos de Cordel.

Agora é o momento de apresentar e analisar os dados obtidos com a aplicação dos instrumentos selecionados, caracterizando os sujeitos da investigação, e tecer algumas considerações sobre os achados da pesquisa à luz dos autores que referenciaram este estudo. Se achados tivemos, também podemos contabilizar perdidos, ou seja, incoerências e lacunas, interrogações e dúvidas.

3.1 Os Sujeitos da Pesquisa

A seleção do curso de Agropecuária foi determinada pelo fato de que, historicamente, os alunos deste curso têm, em sua maioria, uma origem campestre. Esta opção se deveu à Literatura de Cordel predominar mais no âmbito rural, onde assume uma diversidade de papéis culturais, dos quais destacamos o informativo e o entretenimento.

A escolha do IFPE campus Vitória de Santo Antão como *locus* da investigação, como já foi esclarecido, deu-se pelo fato de ser professor de Língua Portuguesa da instituição. Assim, a proximidade do investigador com os sujeitos investigados, com a instituição e com a própria temática do Cordel, pareceu-nos um elemento facilitador da investigação, numa abordagem qualitativa.

Ao longo dos anos, atuando como professor no curso e na instituição, observei que tal perfil de aluno possuía uma maior proximidade, interesse e mesmo afinidade com a Literatura de Cordel, quando em algumas aulas eram abordados temas de literatura popular. Entretanto, tal observação carecia de uma maior comprovação, e levava à questão de qual seria o papel do Cordel na construção da identidade cultural desses jovens, e como estes percebiam o Cordel, se eram de fato leitores ou apreciadores desta literatura e qual a importância que atribuíam a esta manifestação. Citando Mark Curran (2000), o Cordel funciona como o retrato do tempo para o seu leitor, cabendo ao cordelista transformar o mundo em que vive em versos, na função de transmitir, informar e divertir.

Assim, para a realização da pesquisa, 147 alunos da 1ª série do Ensino Médio integrado ao Curso de Agropecuária, que ingressaram em 2010, responderam a um questionário, no próprio *Campus*. Estes 147 alunos estavam distribuídos em 4 turmas, que possuíam entre 35 e 38 alunos cada. No ano seguinte, 2011, 10 alunos selecionados neste grupo maior foram entrevistados após terem vivenciado o Cordel em sala de aula.

A escolha desses alunos foi realizada de forma aleatória, oriundos eles de uma das turmas (1ª série C, hoje 2ª série C) que responderam ao questionário, que também foi escolhida de forma aleatória. Este procedimento, o de entrevista, foi tomado apenas no ano corrente para termos uma amostragem de como o Cordel vivenciado em sala, é visto por parte dos estudantes.

Julgando ser importante verificar a origem dos estudantes, se oriundos do meio rural ou urbano, procuramos sistematizar os dados em gráficos para melhor visualização, sendo um gráfico para cada turma analisada.

Os alunos da 1ª série do Ensino Médio integrado ao Curso de Agropecuária, do IFPE Campus Vitória de Santo Antão do ano de 2010, estão divididos em 4 turmas, que podem ser melhor visualizadas nos gráficos que seguem: 1ª série A, com 38 alunos (Gráfico 1), 1ª série C, também com 38 alunos (Gráfico 2), 1ª série D, com 36 alunos (Gráfico 3) e 1ª série F (Gráfico 4) com 35 alunos.

Assim, os gráficos a seguir indicam os quantitativos destes jovens por região que suas cidades de origem estão localizada. Assim, os alunos provenientes de cidades da Região Metropolitana do Recife (cor vermelha), da Zona Mata Pernambucana (cor azul) e do Agreste Pernambucano (cor verde), são visualizados a nos gráficos 1, 2, 3 e 4.

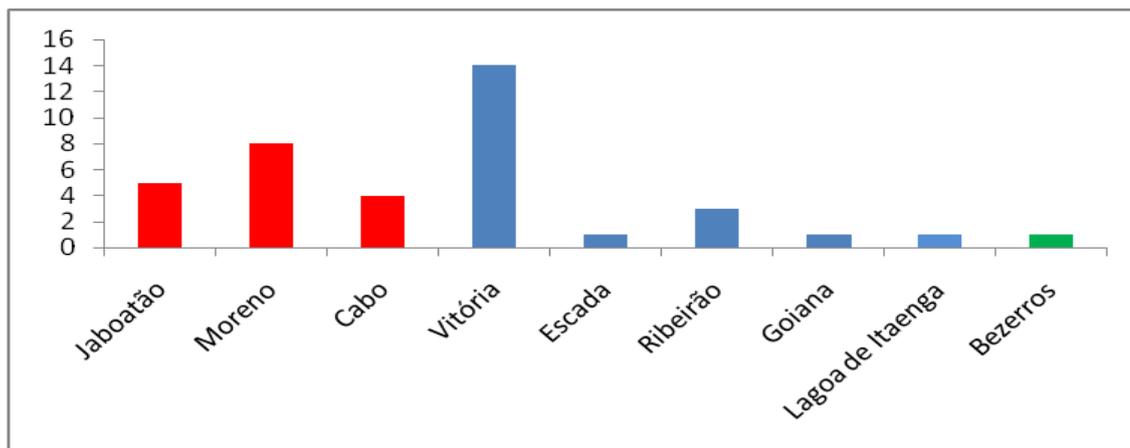


Gráfico 1. Quantitativo de alunos da 1ª série A, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).

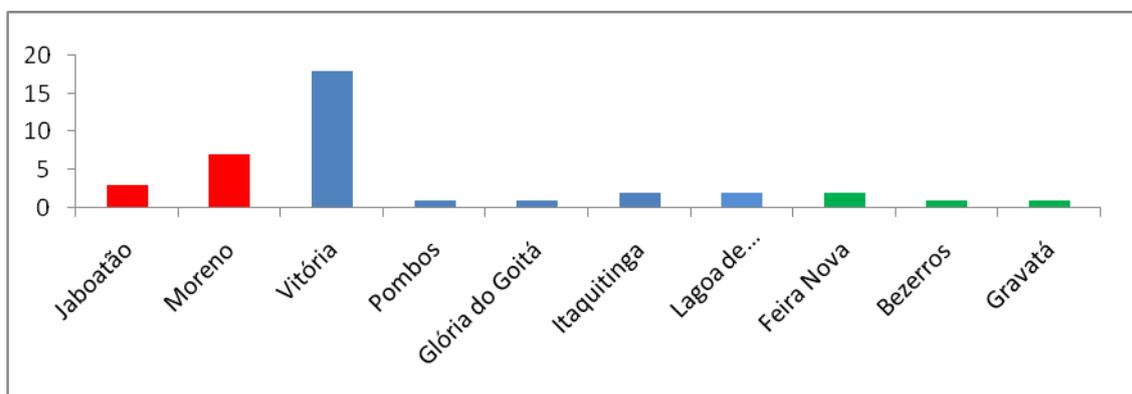


Gráfico 2. Quantitativo de alunos da 1ª série C, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).

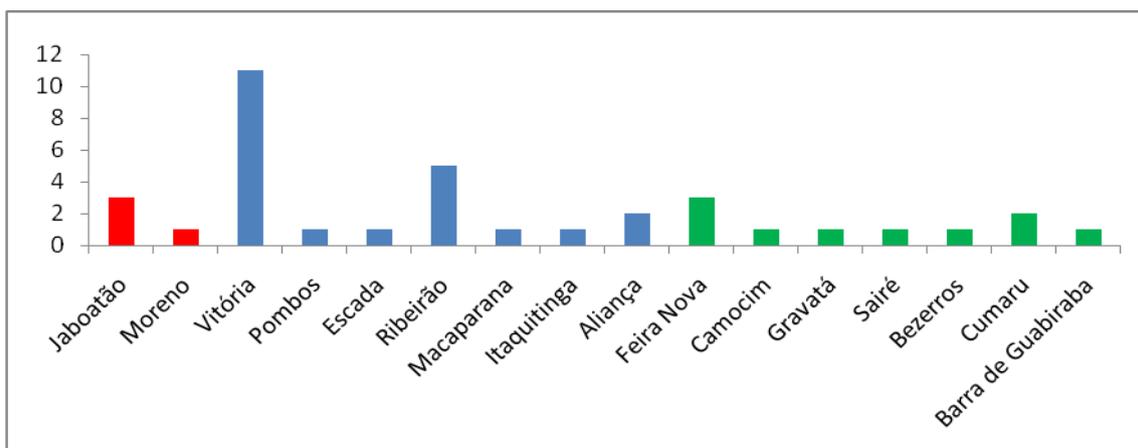


Gráfico 3. Quantitativo de alunos da 1ª série D, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).

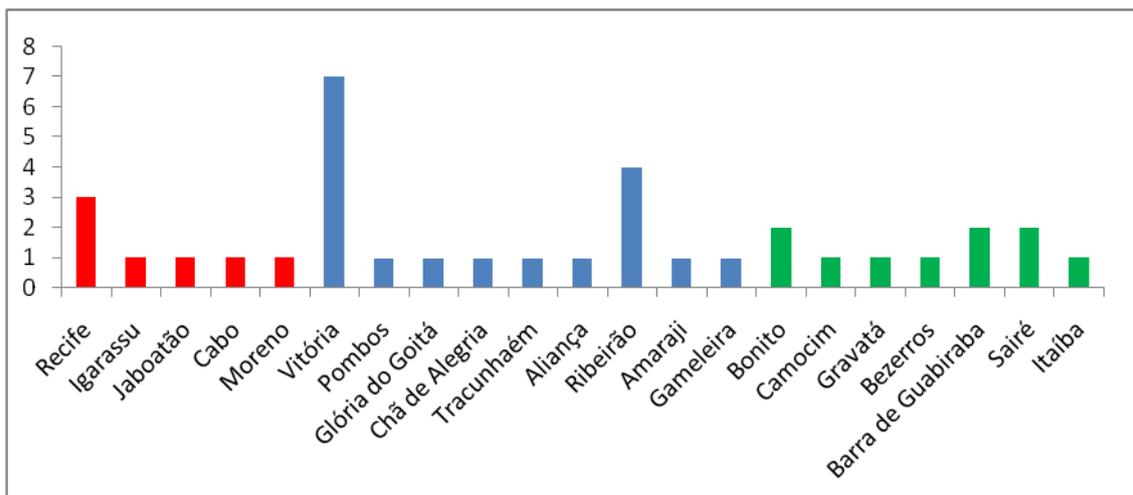


Gráfico 4. Quantitativo de alunos da 1ª série F, e suas cidades de origem, localizadas nas mesorregiões pernambucanas da Região Metropolitana do Recife (em vermelho), Zona da Mata (em azul) e Agreste (em verde).

Procedimentos da Pesquisa

Ao analisar os quatro gráficos anteriores, vemos que a maioria dos alunos procede da Zona da Mata, mais especificamente de Vitória de Santo Antão, residindo portanto no entorno da escola ou em municípios circunvizinhos. Em segundo lugar, em termos quantitativos, temos os alunos provenientes da Região Metropolitana do Recife, seguido da região do agreste pernambucano. Vemos assim, que historicamente processou-se uma mudança de perfil nos alunos do curso, que agora provêm de áreas urbanas e não mais como no passado do meio rural.

Para a coleta de dados desta investigação foram utilizados os seguintes procedimentos: questionário estruturado em perguntas abertas (anexo 1) aplicado aos 147 sujeitos-participantes, e entrevista semiestruturada realizada com 10 sujeitos-participantes (gravação em áudio-visual), da 1ª série C (atualmente 2ª série C), que vivenciaram a Literatura de Cordel durante duas aulas, num total de 100 minutos. Tanto o questionário quanto a entrevista, e as duas aulas, foram realizadas no próprio *Campus*.

Os questionários (anexo 1) foram aplicados por professores diversos em uma aula de seu horário, sem a presença do pesquisador. Os alunos tiveram cerca de 50 minutos para responder ao questionário. Entretanto, segundo alguns professores, muitos alunos responderam às pressas ou sem mostrar algum interesse sobre a pesquisa. Essa atitude de descaso por parte dos alunos, talvez justifique o grande número de respostas mal elaboradas por parte dos sujeitos-participantes. Esta forma aligeirada e sem maior interesse por parte de alguns alunos é um dado que merece relevância, ainda que possamos atribuir a certo comportamento juvenil.

Já as entrevistas, realizadas no mês de março de 2011, aconteceram em duas tardes. A 2ª série C foi selecionada de forma aleatória para o trabalho da vivência do Cordel em sala de aula. O pesquisador, inicialmente, apresentou material didático (anexo 2), elaborado por ele mesmo, contendo um pouco sobre a história do Cordel, fragmentos de folhetos, capas de folhetos, e dois textos musicados por artistas nordestinos atuais.

O início da vivência deu-se com um dos textos musicados, uma explanação histórica do Cordel quanto às suas origens portuguesa e brasileira e a algumas

informações sobre os cordelistas, inclusive que muitos deles eram contemporâneos dos alunos. Inicialmente a vivência não pareceu despertar o interesse dos jovens.

Entretanto, quando os folhetos foram distribuídos entre os alunos, divididos em grupos de dois participantes, percebemos que os mesmos tornaram-se mais atentos e interessados no material apresentado. Os pares liam entre si, alternando o narrador entre as estrofes. Depois, percebeu-se que as duplas passaram a trocar os folhetos lidos, a fim de conhecerem outros folhetos. A sala de aula, durante aqueles 40 minutos de leitura, estipulados para esse fim, pareceu transformada em uma feira de Cordel, com alunos lendo e debatendo os textos, observando os desenhos das capas, perguntando algo mais sobre os autores dos folhetos. Contudo, cabe destacar que uma pequena minoria permaneceu sonolenta ou desinteressada.

Os folhetos de Cordel lidos em sala foram:

- A chegada da prostituta no céu, de J. Borges¹⁹;
- A mulher que botou o diabo na garrafa; de J. Borges;
- O valor que o peido tem, de José de Souza;
- O rapaz que se casou com a porca, de José Soares²⁰;
- Futebol no inferno, de José Soares;
- Os projetos de seu Lunga para quando for prefeito, de Jotabê;
- O homem que lutou com um cabaço até ficar isdrope e não fez o babizôco, de Arievaldo Viana e Klévisson Viana;
- A professora indecente e as respostas de João Grilo, de Arievaldo Viana;
- Ode ao peido, de Rafael de Oliveira ou Dom Pirrito II;
- Juvenal e o Dragão, de Leandro Gomes de Barros;
- Romance do pavão misterioso, de José Camelo de Melo Resende;
- A história do peru gigante, de João Perón;
- As proezas de João Grilo, de João Ferreira de Lima;
- A chegada de Lampião no inferno, de José Pacheco;
- Chica Bananinha, a sapatão barbuda de lá da Paraíba, de K. Gay Nawara;
- Mulher doida, moça quente, corno, bicha e sapatão, de José Costa Leite;
- História de Jesus, o ferreiro e a macaca, de José Costa Leite;
- A Morte de Raimundo Jacó e a missa do vaqueiro, de José Costa Leite.

Após a vivência, dez alunos foram escolhidos de forma aleatória para participar de uma entrevista filmada, convidados a participar e o fizeram com naturalidade, respondendo às questões propostas de forma eloquente.

¹⁹ Ou José Francisco Borges.

²⁰ Também conhecido como “o poeta-repórter”.

3.2 Análise dos Dados: O Conhecimento sobre o Cordel

Nossa revisão de literatura acerca da Literatura de Cordel, com suas origens lusitana e brasileira, esteve voltada às definições propostas por pesquisadores e artistas de tal corrente literária.

A aplicação do questionário, dos quais 110 foram respondidos pelos alunos, nos permitiu identificar as concepções que esses jovens apresentavam sobre o Cordel. Antes de analisarmos as respostas sobre o conhecimento do que é a Literatura de Cordel, tivemos como primeira ação observar quantos alunos responderam a tal pergunta, de forma positiva e negativa, e quantos alunos deixaram a pergunta sem resposta.

Houve em apenas seis questionários, a pergunta sem qualquer tipo de resposta. Enquanto que houve 74 respostas, admitindo ter algum conhecimento sobre o que é Cordel e 30 respostas dizendo que não tinham conhecimento. Vemos assim, que a maioria dos alunos entrevistados declarou conhecer o que era Literatura de Cordel, confirmando a presença desta manifestação cultural entre o povo nordestino.

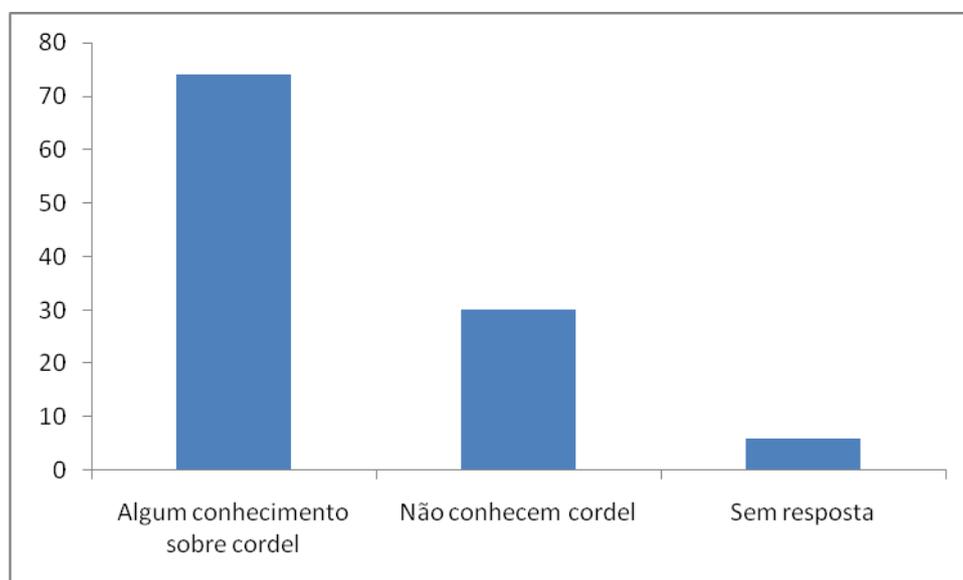


Gráfico 5.O conhecimento do cordel

As respostas dos alunos que declararam ter conhecimento da Literatura de Cordel foram classificadas em categorias, de acordo com o grau de compreensão e conhecimento demonstrado sobre o Cordel.

Nas respostas que afirmavam possuir algum conhecimento sobre o Cordel, encontramos algumas bem escritas, apresentando conceitos em formação ou já bem elaborados sobre esta forma de manifestação popular, e outros mais elementares ou incipientes.

Observemos algumas respostas que classificamos como bem elaboradas, e que integram a primeira categoria, a que chamaremos de ‘conceitual bem elaborado’ por conterem um devido conhecimento sobre definição de literatura popular, inclusive identificando sua estrutura específica (folheto, rimas e métricas) ou sua forma de vendagem:

“É a literatura que fala em *lingua*²¹ popular de acordo com a região do autor, e o nome Cordel é porque estas literaturas são vendidos na feira pendurados em cordas.”

“É de meu entendimento que a Literatura de Cordel é proveniente de linguagem popular, em geral acompanhadas por rimas.”

“É um tipo de literatura escrita em uma linguagem popular e antigamente eram vendidos os folhetos de cordel em um cordão.”

“Literatura de Cordel feita em livretos empregando uma linguagem popular, e geralmente quando aborda os fatos são críticos.”

Note-se que estes alunos conhecem a forma do Cordel, apresentado em folheto, o modo e o local onde é exposto, à venda, nas feiras, pendurados em cordões, e ainda reconhecem sua linguagem e veiculação como popular, o texto em versos, e já indicam o conhecimento sobre a temática abordada no Cordel. Por isso classificamos suas respostas como bem elaboradas e conceituais. Tais respostas afirmam que esta forma de manifestação popular é não só conhecida por esses alunos, mas eles em algum momento leram este tipo de literatura, pois foram capazes de elaborar conceitos claros e pertinentes sobre ela. As respostas associam pelo menos três características do Cordel.

Um segundo grupo de respostas, já apresenta conceitos deste tipo de literatura como manifestadamente popular, que agrada o público que se identifica com a linguagem:

“É um texto onde se usa uma linguagem e maneiras populares.”

“É um livro que fala da história de lampião, políticos e etc. De forma tipo poética e com linguagem popular.”

“É o livro que é feito em linguagem popular e feito com um fato social, uma musica.”

“É uma literatura com linguagem popular e vendidas em feiras.”

“Aquela que é feita por linguagem popular e que acontece no momento.”

“Rimas populares criticando um assunto do momento.”

“Uma literatura que envolve popularidade das pessoas na Literatura de Cordel.”

“É uma linguagem popular onde conta fatos da realidade.”

“Que são livrinhos que geralmente são vendidos em mercados por preços bem pequenos, mas que os temas são ótimos para se ler, e é uma literatura bem rápida.”

“São pequenos livretos, que contam causos, em versos e são vendidos em locais culturais.”

“É bacana mas, e é como se ele falasse diretamente com as pessoas.”

Alguns desses conceitos, já destacam a importância da rima para a memorização do Cordel, uma característica da literatura oral e popular:

²¹ Nas transcrições, optamos por deixar a escrita dos verbetes feita pelos entrevistados. Para destacar os erros de escrita, pomos as respectivas palavras em itálico.

“São pequenos livros que são escritos para passar alguma mensagem, só que bem curta e rimada para ser decorada facilmente.”

“É uma literatura em forma de rima para ficar marcado na memória.”

Ainda dentro deste grupo, temos as respostas cujos conceitos já abordam a linguagem e introduzem a temática. Nesse sentido, as respostas a seguir já demonstram um conhecimento de quem leu esse tipo de literatura, e destacam o humor e a crítica que permeia essa manifestação popular.

“São pequenos livros sobre assuntos diferentes, muitas vezes vemos críticas.”

“Que são textos escrito na maioria das vezes em versos que contam histórias, piadas e fatos acontecidos.”

“Literatura de Cordel são livrinhos com versos que fazem críticas mais de forma divertida.”

“É um texto pequeno, feito de rima, muitas vezes e feito zombando dos outros.”

“Que são livrinhos que trazem, de forma engraçada, uma crítica.”

“A literatura serve com crítica para algum assunto que esta no *alge*.”

Observemos que as respostas parecem partilhar de um conceito maior, porém desestruturado. Não queremos afirmar que falta conhecimento ao aluno sobre o que é Cordel, mas que suas respostas são incompletas, ou abordam apenas algum aspecto específico que chamou mais sua atenção, sem no entanto elaborar uma definição mais acurada. Entretanto, as definições dos alunos apresentam as palavras-chave que definem o Cordel: literatura, linguagem popular, cordão, versos, rimas.

A terceira categorização engloba o grupo de alunos que respondeu que conhece o Cordel, porém apresentou respostas mais simples, menos elaboradas. Eles demonstram que possuem um conhecimento da Literatura de Cordel, porém mais superficial que os dois primeiros grupos de alunos, mas, no entanto, condizente com essa manifestação. Assim classificamos essas respostas como ‘conceito em formação’, pois demonstram algum conhecimento sobre o Cordel, mas apontam pouco sobre definição de literatura popular, presos mais à sua forma de apresentação, com sua estrutura específica (folheto, rimas e métricas) ou sua forma de vendagem, o baixo custo do material, o que o torna acessível à população. A seguir apresentamos algumas dessas respostas que denominamos de ‘conceito em formação’:

“É um livreto que na maioria das vezes são feitos em jornal, mas também em ofício e teve esse nome porque era vendidos em cordões *pindurados* nas ruas.”

“Os livros são feito a maioria em papel jornal, são vendida em mercados livres. *Pindurado* em cordões. As cores mais comuns, verde, amarelo, rosa, azul.”

“É um livro *pinduradi* em uma corda.”

“É um pequeno livro que se vende nas bancas, e fica pendurado num cordão. É mais encontrado na região de Pernambuco.”

“São texto produzidos e são vendidos pendurados em cordão.”

“Eu entendo que literatura de cordel e aqueles livrinhos coloridos que ficam pendurados em uma corda.”

“São aqueles livrinhos que são feitos com papel de jornal e é posto em um cordão.”

“Poucas coisas. Eu sei que ele é um folhetinho com um papel muito fraco.”

Nota-se que as respostas acima focaram a forma de exposição e apresentação, a qualidade do papel, demonstrando um conceito em formação ainda bem incipiente. Dentro dessa mesma categoria temos alguns exemplos que já associam o formato à temática, ainda que de forma bem simples, não necessariamente demonstrando que é um leitor desse gênero popular:

“É um livro que vem amarrado em um cordão e que sempre conta uma história em forma de rima.”

“É um pequeno livro com poesias.”

“É o texto no qual contêm uma estória comediante”

“Uma história como um verso contada ou seja de uma região.”

“É uma literatura bem normal abordando conhecimento historia e etc. "e o que eu vejo falar".”

Assim, de acordo com o grau de conhecimentos demonstrados sobre o Cordel, pudemos categorizar as respostas dos alunos, classificando-as em três grupos: conceito em formação ainda bem incipiente, conceito mais elaborado, porém desestruturado e conceito já elaborado. Todas essas categorizações partem do pressuposto que o aluno possui um conceito do que é Literatura de Cordel, podendo ser incipiente, desestruturado ou bem elaborado.

A partir dessa ótica, percebemos a necessidade decidimos elaborar um conceito sobre o Cordel, unindo as respostas dos alunos e produzindo um conceito comum ao grupo, como por ele elaborado. Chegamos à seguinte unidade:

Cordel é uma literatura de linguagem popular, fácil de ler e de ser memorizada, que narra histórias engraçadas ou críticas a temas atuais. É escrita em versos rimados, sendo publicada em papel simples, com capas coloridas para serem vendidas a baixo custo em feiras, mercados e locais culturais, muitas vezes apresentado pendurado em cordões.

Sabendo que a grande maioria dos alunos respondentes ao questionário foram capazes de demonstrar um conhecimento sobre o que é Cordel, ainda que alguns de forma mais elaborada e outros de forma mais simples, pudemos afirmar que o conceito dessa literatura é compartilhado de forma satisfatória pela maioria do alunado. As definições dos alunos, oriundas de suas experiências, são bem próximas das definições sobre Cordel expostas no capítulo anterior desta dissertação (DUTRA & FIGUEIROA, 2002, LOPES, 1982, DIÉGUES JÚNIOR, 1973 e ABREU, 2009, 1994).

Da mesma forma, podemos demonstrar que o conceito extraído das respostas dos alunos, é condizente com o compartilhado pelos cordelistas, apresentando os versos de Rodolfo Coelho Cavalcanti no livro *A Origem da Literatura de Cordel*:

No Brasil é diferente
O Cordel-Literatura
Tem que ser todo rimado
Com sua própria estrutura
Versificado em sextilhas
Ou senão em septilhas
Com a métrica mais pura.

Neste estilo o vate escreve
Em forma de narração
Fatos, Romances, Histórias
De realismo, ficção;
Não vale Cordel em prosa
E em décima na glosa
Se verseja no sertão.

No bloco de respostas que aponta para o não conhecimento sobre Literatura de Cordel, a maioria delas apenas trazia as palavras “não” ou “nada”. Em outras, observamos algumas respostas imprecisas como “Muito pouco”, “Eu não sei muito bem o que é”. Outras mais chamativas como “Eu não entendo nada sobre literatura de cordel”, ou “Nada, eu nunca vi na minha vida” ou ainda uma única que recorre a termos mais vulgares, porém não menos chamativa: “porra nenhuma”. Entretanto, algumas se sobressaíram e merecem ser salientadas, pois apontam para o motivo do desconhecimento: a falta de contato com essa manifestação popular ou o desinteresse pelo cordel:

“Quase nada porque não tenho muito contato.”

“Não entendo nada porque não tenho contato.”

“Eu nunca tive vontade de ler.”

As respostas acima mostram o distanciamento do Cordel para com o público. Em três aspectos, observamos o pouco ou nenhum contato. O que pode salienta a falta de divulgação do Cordel nas cidades interioranas.

Para a terceira resposta: “Eu nunca tive vontade de ler”, destacamos o desdém para com o Cordel, que pode ter diversas origens, desde o desinteresse até mesmo à falta de conhecimento deste.

Entretanto, gostaríamos de abrir uma observação acerca da atitude preconceituosa para com esta manifestação cultural, dada a sua característica eminentemente popular. Sabemos que o Cordel foi desconsiderado durante décadas, visto como uma ‘literatura menor’ e sem importância, quando comparado à literatura acadêmica.

Assim, este preconceito e inferiorização da Literatura de Cordel, contribuem para que este não seja alvo de maiores estudos e nem muito utilizado na sala de aula, principalmente no Nordeste do país, onde se constitui em uma marca identitária tão forte. Assim, mesmo o Cordel, sendo um gênero textual, “símbolo da cultura popular do povo brasileiro” (LUYTEN, 2007, 17), ele ainda, hoje, é pouco trabalhado nas escolas e nos livros didáticos (NASCIMENTO, 2002, 108).

Essa forma de preconceito acadêmico se estende a outras formas da literatura popular, que não são, muitas vezes, reconhecidas como forma legítimas. Assim, em decorrência da disseminação deste preconceito, muitos professores não tratam o Cordel como literatura, mas como algo exótico, inclusive passando conceitos errôneos no que

tange à sua origem brasileira e forma de veiculação. Os conceitos equivocados atingem ainda a sua forma estética, e indicam desconhecimento acerca do tamanho, da gravura da capa, da métrica dos versos, das rimas expostas, do caráter informativo do Cordel.

Em contradição a isso, o Cordel passou a ser estudado em várias universidades, tanto brasileiras como europeias, sendo temática de teses e dissertações. Esse interesse acadêmico, que reconhece o valor do Cordel como manifestação popular autêntica e gênero literário original, com elevado padrão estético, certamente contribui para a diminuição do preconceito e talvez colabore para sua efetiva introdução nas salas de aula, senão brasileiras, pelo menos nordestinas, em especial, as pernambucanas.

Como exemplo da valorização e do prestígio acadêmico crescente do cordel no meio universitário, temos o fato de que o poeta popular e cordelista, o cearense Patativa do Assaré recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Sorbonne.

A ampliação dos debates e das propostas pedagógicas apoiadas no multiculturalismo e nos estudos culturais, que apontam para a necessidade de se contemplar nos currículos oficiais a diversidade cultural do povo brasileiro, tem favorecido a inserção das manifestações culturais populares, dentre as quais a Literatura de Cordel, nas escolas e universidades.

Obviamente, enquanto manifestação popular, o Cordel recebe as influências mais variadas, muitas das quais podem inclusive alterar sua essência ou empobrecê-la, como, aliás, qualquer outra forma de manifestação artística, seja ela popular ou não. É interessante ver a posição de Ivan Cavalcanti Proença (1997) sobre isso:

Claro que esse cordel, ao mostrar-se produto de “marginalização” literária, e entendido enquanto literatura não “regulamentar”; também não escapa às redes sufocantes do sistema, influenciado por uma imprensa (jornais e TV) normalmente dirigida, quadrinhos, cinema americano, órgãos oficiais de comunicação, hoje empenhados implicitamente na consolidação de aldeia global (PROENÇA, 1977, 58).

Hoje, a influência dos meios de comunicação de massa, é inevitável, assim como os impactos da globalização, nas manifestações culturais locais, tendo em vista a constante interpenetração e mútua influência cultural, que produzem hibridizações que, aliás, são características inerentes à produção das culturas nacionais, em especial da brasileira, marcadamente multicultural, desde a sua origem colonial.

3.3 O Cordel na cidade

Caracterizado o conhecimento dos sujeitos sobre a Literatura de Cordel, a segunda questão de nosso questionário esteve voltada a saber como o aluno via a Literatura de Cordel presente em sua cidade ou região, isto é se a literatura de cordel faz parte e como está presente no cenário cultural da sua localidade.

Observando-se o Gráfico 6, vemos que houve um grande aumento nas respostas negativas: 79 alunos disseram que a Literatura de Cordel era pouco ou não valorizada contra 23 respostas positivas. Constatamos ainda 3 perguntas sem respostas e 5 que não sabiam informar.

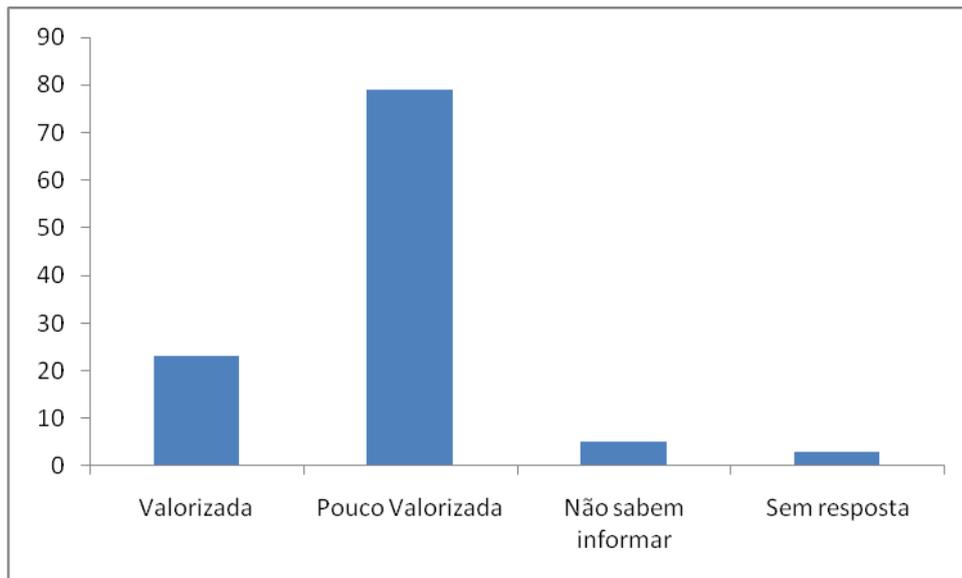


Gráfico 6: Valorização da literatura de cordel .

Dos 79 questionários que disseram que a Literatura de Cordel era pouco valorizada, encontramos algumas respostas muito interessantes, que apresentam opiniões variadas sobre a pergunta. Algumas respostas apontam para a desvalorização desse tipo de literatura, da sua leitura, da poesia:

“Ela não é valorizada na feira da minha região, mais não e só ela a poesia também não e valorizada.”

“Existe pouca valorização para a leitura. E uma desvalorização para estes livros "Literatura de Cordel".

“Ela não é valorizada na nossa região.”

Outras respostas já indicam que a desvalorização é devida à falta de hábito, ao desconhecimento e à falta de incentivo e divulgação:

“Vejo não muito valorizada, pois não temos muitos o hábito de ler literatura de cordel.”

“Não é muito valorizado, e também algumas pessoas nem conhecem, por isso não é muito usado.”

“Ela é pouco valorizada aqui, nós não temos muito contato com esse tipo de literatura.”

“A valorização é muito pouca e o incentivo para ler também.”

“Existe pouca valorização, quase nenhuma entre 10 pessoas lêem, pelo menos eu acho.”

“Existe pouca valorização, quase ninguém lê.”

“Pouco divulgada e valorizada.”

Como consequência dessa desvalorização do Cordel, ele quase não é encontrado para vender, o que poderia justificar o desconhecimento dessa manifestação popular entre muitos dos jovens que responderam ao questionário:

“Na minha região hoje a literatura de cordel não é muito valorizada, pois é muito *difícil* de se encontrar.”

“A literatura em minha região é muito pouco valorizada, não tem pessoas que aderem para esse lado.”

“Lá não tem ninguém que vende.”

“Bastante extinta, aqui em Pernambuco, não é muito vendido.”

“Na minha região é *difícil* de se ver literatura de Cordel”

“Difícilmente ouço falar.”

“Acho que não *existi*.”

Como exposto, não há somente a pouca valorização do Cordel, mas os entrevistados abrem um leque de opiniões que parecem apontar para as causas dessa desvalorização. Além de não ser valorizada, os mesmos reconhecem que não há divulgação da mesma, alguns afirmam que sequer existe alguma manifestação de tal literatura em suas cidades. Há pormenores que se repetem, enfatizando, por exemplo, a desvalorização e a falta de hábito de leitura: “Existe pouca valorização para a leitura”, “quase ninguém lê”.

Outro tipo de resposta que nos chamou a atenção, foi a de o Cordel não ser valorizado, mas os alunos parecem admitir intrinsecamente sua importância cultural e identitária. Daí, expõem certa necessidade de se vivenciar o Cordel:

“Vejo que não e dada muita *importancia*. Mas que deveria ter mais apoio”.

“Na minha região não é muito *utilizado*, e precisa de mais *utilização* da literatura do Cordel.”

“Hoje ela não é muito valorizada, não como deveria ser.”

Outras apresentam a Literatura de Cordel como uma manifestação cultural mais valorizada pelos turistas, e assim atendendo a fins mais comerciais que informativos, visto que a população local não a utiliza, seja para o lazer ou para a informação, diminuindo seu significado para a comunidade:

“Não e muito predominante pois se vende mais em pontos *turisticos*.”

“Não muito executada; Pois a *cominidade* não valoriza enquanto as visitantes gostam de valorizar.”

Em outros dois exemplos, encontramos um outro aluno que ao referir-se à desvalorização do Cordel expôs, certo senso comum predominante na escola, entre alunos e professores:

“A professora disse que é muito usada. Mas não sei o que é.”

“Pouco valorizado. As pessoas não ligam muito, so ligam quando tem alguma feira de conhecimento.”

Observamos essa resposta como uma das mais críticas, porque não só apresenta o fato de os alunos não o valorizarem, mas sugere que a escola, local maior do conhecimento, também trata o Cordel de forma exótica, como falamos anteriormente, e não no cotidiano.

E, por fim, nessa esfera de respostas negativas, vemos talvez as respostas mais preocupantes de todas, que tratam sobre o desconhecimento do que é Cordel, na sua própria região de origem:

“Vejo de um jeito que ela não é valorizada como devia, nós pernambucanos somos um dos maiores produtores de Cordel mas não sabemos aproveitar.”
“A literatura de Cordel hoje em dia muitas pessoas nem ler, e nem sabe as vezes sabem o que é.”

“Não posso dizer por que nunca lhei um livro de cordel.”

“Não muito popular algumas pessoas eu acho que nem sabe o que é isso, mais é muito *interessante*.”

Nas respostas positivas, que afirmam que o Cordel é valorizado, observamos também uma grande variação de opiniões quanto a sua valorização. Os entrevistados, de certa forma, veem o Cordel como símbolo cultural, porém apresentam situações específicas em suas respostas.

Algumas apenas expuseram o Cordel como um símbolo cultural, em respostas não muito completas:

“Como uma grande expressão da cultura nordestina.”
“Valorizada, mas muitas pessoas não conhecem, e é um dos maiores compositores (produtores), do nordeste.”
“É muito falada e comum, porém vem do nordeste.”
“Vejo como parte de nossa cultura.”
“Nos livro.”
“Nas ruas, mercados, livrarias.”
“Muito raro mais, sim.”

Outras respostas foram bem mais elaboradas. Além de destacarem o papel informativo e mesmo educacional do Cordel demonstram preocupação com a sua preservação, como também foram críticos quanto à valorização do Cordel pelas autoridades públicas:

“A literatura de Cordel é uma prática que interessa e me deixa sempre de boca aberta, eu fico entusiasmado a ler cada vez mais, mais não tenho muito cantado. A literatura de Cordel é uma causa que se encontra quase extinta, é vista como um papel ou livro qualquer”
“Feita por linguagem popular que na minha região ela é valorizada nas feiras.”
“É importante porque é uma forma de distração, *apredizagem*, mas tem que ser uma coisa real e aí vai ser mais valorizado.”
“É uma forma de *apredizagem*.”
“É influente pois o cordel é em nossa região uma forma de abordar os principais assuntos: mídia, política e etc.”
“Vejo que é valorizada. Mas *precisa* de incentivo do governador.”

Após visarmos esta última análise das respostas positivas, presenciamos certa contradição nas respostas de nossos alunos. Os alunos apontam que a Literatura de Cordel é pouco valorizada pelo povo, pelos políticos, estando “quase extinta, vista como um papel ou livro qualquer”, mas reconhecem sua importância, e acreditam que deveria ser mais valorizada. Essa postura, se contrapõe ao que certos críticos, como Joseph Luyten (2007), vêm defendendo, quando ressaltam como o Cordel vem vencendo barreiras e se antenando com as novas tecnologias, se modernizando com os computadores e a internet, como:

“A literatura de cordel é considerada um dos elementos de maior comunicabilidade dos meios populares. Luiz Beltrão, já nos anos 60, definiu esse fenômeno como parte da folk-comunicação, isto é, sistemas de

comunicação por meio dos fenômenos folclóricos. Em suma, do povo para o povo. Hoje em dia, estamos mais interessados em como um sistema de comunicação utiliza o outro, já que é impossível alguém se manter isolado diante da onipresença da também chamada Indústria Comercial” (LUYTEN, 2007, p. 8)

Nesse mesmo sentido, e destacando que a sobrevivência da Literatura de Cordel, inclusive suscitando debates no meio acadêmico, temos a posição de Marco Haurélio (apud FARIAS,2010):

“Dobrada a esquina do século e do milênio, a Literatura de Cordel do Brasil, contrariando previsões pessimistas, continua viva. A resistência desse ramo da literatura popular tem motivado inúmeras discussões no meio acadêmico, no qual os estudos sobre Cordel são cada vez mais freqüentes” (FARIAS, 2010, p. 11)

Como que afirmando a permanência do Cordel como manifestação cultural eminentemente popular, temos os versos do Cordel *Nem popular nem erudito*, de Arievaldo Viana:

“O cordel é um veículo
De grande penetração.
Nas camadas populares
Possui grande aceitação.”

Apesar da maioria das respostas dos alunos apontarem para a desvalorização do Cordel, e temerem por sua extinção, vemos que o Cordel é classificado como meio de comunicação, pelos críticos, tendo grande penetração nas camadas populares, sendo estudado em universidades, visto como um símbolo de folk-comunicação. O que hoje é ratificado pelas releituras que temos do Cordel no cinema, na televisão, na música e até mesmo na própria literatura acadêmica. Porém ao nos depararmos com as respostas de nossos alunos no questionário, somos levados a questionar as informações dos críticos, uma vez que nossos alunos vêm de meios populares, cidades interioranas ou cidades e bairros periféricos da Região Metropolitana do Recife, e percebem o Cordel como desvalorizado entre a população.

Vimos que a maioria dos alunos têm um certo conhecimento do que é Cordel, entretanto também vimos que poucos vivenciam ou têm conhecimento de alguma manifestação que apresente o Cordel em sua cidade. Dessa forma, através do que nos foi visto, observamos que o Cordel se afastou de seu público original, o interiorano. E cremos que a modernização do Cordel fez com que ele perdesse o espaço com o público.

Para Joseph Luyten (2007) há uma explicação simples e direta que pode ser uma das razões para nossa conclusão:

“Existe uma característica peculiar às histórias e lendas populares: sua circulação é restrita e, quando são registradas e publicadas, a tendência é desaparecer no seio popular original. Pode-se criar outras, mas as “reveladas” perdem o interesse das camadas populares. Essas lendas e contos populares passam geralmente a fazer parte de sistemas educativos oficiais – logicamente, depois de serem tirados muitos elementos considerados nocivos, cruéis ou simplesmente desnecessários à narrativa. Aliás, é o que sempre acontece quando se “oficializam” as coisas inerentes do povo.” (LUYTEN, 2007, p. 26-27).

Para alguns críticos, esse afastamento do Cordel dos meios populares onde se originou, pode ser visto como algo corriqueiro e comum para qualquer manifestação artística, que tem seus bons e maus momentos, junto ao público consumidor: “A venda dos folhetos vêm diminuindo, embora não queira expressar desinteresse por parte do público” (PINHEIRO & LÚCIO, 2001, p.7).

Em conversa ocorrida no ano de 2010 com Ana Celi Ferraz, proprietária da Editora Coqueiro, maior editora de Cordel do estado de Pernambuco, a mesma reconheceu a necessidade de levar o Cordel novamente para o interior, tradicionalmente sua maior zona de influência. Isto porque o Cordel nos últimos 10 anos, vivenciou, no Recife e sua região metropolitana, um aumento significativo no número de cordelistas, nascidos ou não na capital pernambucana, assim como oriundos de outros estados. Houve também a valorização do Cordel em eventos ligados ao universo editorial, como a Bienal do Livro, a Feira Literária do Recife, a Festa Literária de Porto de Galinhas - FLIPORTO (hoje realizada em Olinda), a criação da Feira de Literatura de Cordel – FLICORDEL, em Ipojuca, e a Feira do Cordel de Jaboatão. Esses eventos aumentam a visibilidade e o consumo da Literatura de Cordel entre as camadas médias, com maior nível de escolarização e renda, ampliando assim o público leitor e apreciador da Literatura de Cordel. Cabe destacar ainda a fundação da União dos Cordelistas de Pernambuco, a UNICORDEL.



Figura 17. Logotipo da UNICORDEL.

Entretanto, não conseguimos observar a criação de eventos de cunho cultural, como os citados anteriormente, nas mais diversas cidades interioranas. O que pode ser um ponto importante para essa não-vivência do Cordel por parte dos alunos entrevistados, já que o que mais foi apontado por eles é a não divulgação desse gênero textual em suas cidades como ocorria décadas atrás. Não se tem notícia de eventos ou iniciativas oficiais, além das tradicionais feiras populares, cada vez menos importantes na dinâmica sócio-econômica local, de espaços de divulgação e venda da Literatura de Cordel, o que pode progressivamente impedir ou pelo menos dificultar o acesso das camadas populares a essa manifestação cultural, tão característica do povo nordestino, com impactos sobre a sua própria identidade.

3.4 A leitura, a Temática e o Conhecimento do Folheto

Vimos que o questionário aplicado visa também identificar a relação do aluno investigado com a Literatura de Cordel e seus conhecimentos sobre essa manifestação cultural típica do homem nordestino.

Assim, as terceira, quarta e quinta perguntas do questionário aplicado aos alunos estiveram relacionadas a captar informações voltadas ao conhecimento mais íntimo deles para com o Cordel, numa tentativa de desvelar suas práticas de leitura e que grau de identificação que os alunos possuem com o Cordel. Respectivamente, as perguntas foram sobre o conhecimento sobre o costume de leitura dos folhetos e quais temas por

eles eram seus preferidos; se eles já tinham lido algum folheto e se eles conheciam alguém que escrevia ou recitava Cordel.

Para a terceira pergunta: “*Você costuma ler Literatura de Cordel ? Em caso positivo, quais temas na Literatura de Cordel você prefere ler ?*”, houve apenas 10 respostas dizendo que sim, em contraste com 100 respostas dizendo que não. Esse grande disparidade, pode ser melhor visualizada no Gráfico 7.

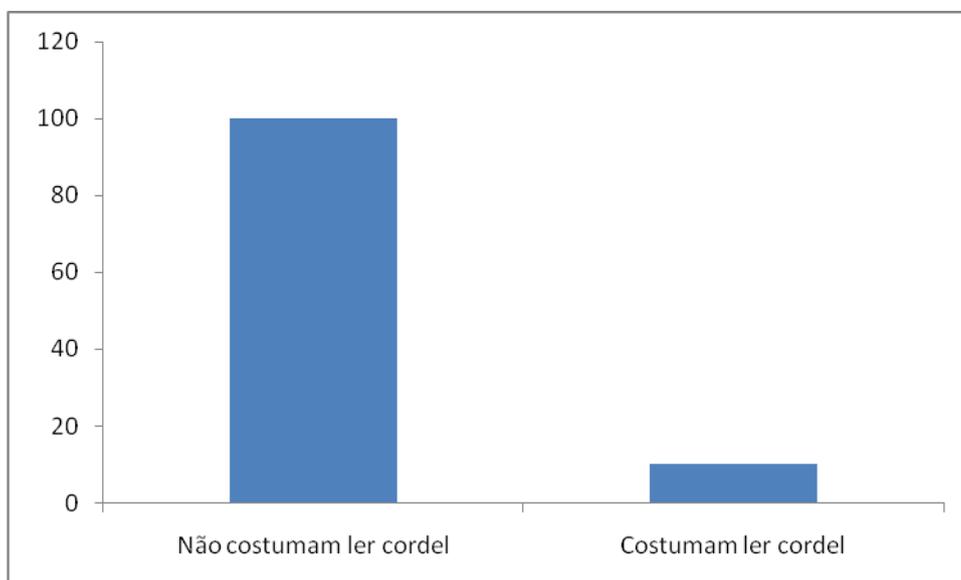


Gráfico 7. Hábito de leitura de cordel

Nas respostas positivas, encontramos algumas bastante simples e de pouca consistência:

- “Raramente.”
- “Poucos vezes”
- “Já li alguns rapidamente mais não me recordo de nenhum.”

Já as que seguem abaixo, apresentam algum conhecimento sobre os temas abordados nos Cordéis por eles lidos:

- “Sim, Lampião.”
- “Comédia.”
- “Sim, comédia, de política.”
- “Sim, os que falam de seu Lunga, ele é muito engraçado.”
- “Sim, seu Lunga, a mulher que traiu o marido e virou cachorra.”
- “Sim, os que tratam do amor e da realidade da sociedade.”
- “As vezes leio mais sobre traição, piadas e etc.”

Notem como alguns não reconhecem os nomes dos temas, então acabam por identificar os temas através de forma metonímica: “Lampião” quer dizer cangaço (seja um Cordel sério ou cômico), e “Seu Lunga”, comédia.

As respostas negativas apresentaram algumas variações. Sem contar com um sem-número de respostas monossilábicas, que não podemos extrair comentários. Houve muitos “nãos” como resposta.

As respostas que consideramos mais preocupantes, pelo entrevistado não ter nenhum conhecimento sobre Cordel, demonstram algum tipo de desinteresse ou algum outro distanciamento, foram:

“Não, eu só esculto falar.”
“Nunca li uma literatuda de Cordel.”
“Não, se eu li não sei.”
“Não tenho costume de ler, mas também não tenho nada contra.”

As respostas que seguem, foram divididas sobre a ótica do não acesso do aluno ao Cordel, nos lugares que ele frequenta:

“Não. Porque não tenho muito contato com o Cordel.”
“Não, por falta de acesso.”
“Não, mais já li à muito tempo.”
“Não costumo ler muito pois não sei aonde vende.”

Por fim, uma resposta que mostra o aluno não acostumado a ler Cordel, mas que apresenta uma opinião quanto a um tema:

“Eu não costumo ler, mas eu já li algumas vezes. Eu gosto de ler sobre romance.”

Cabe destacar que essa avalanche de respostas negativas, não condizem com o conhecimento demonstrado por uma maioria, quando responderam às primeiras questões, nos fazendo acreditar que os alunos não leem cordel hoje – isto é no momento da aplicação do questionário, mas já o fizeram anteriormente, o que vem a ser conformado na pergunta seguinte.

A quarta pergunta foi: “*Você já leu algum folheto de Cordel? Qual (quais)? Dê a sua opinião?*”. O número de respostas positivas foi de 42. Houve 66 com respostas negativas e apenas duas em branco.

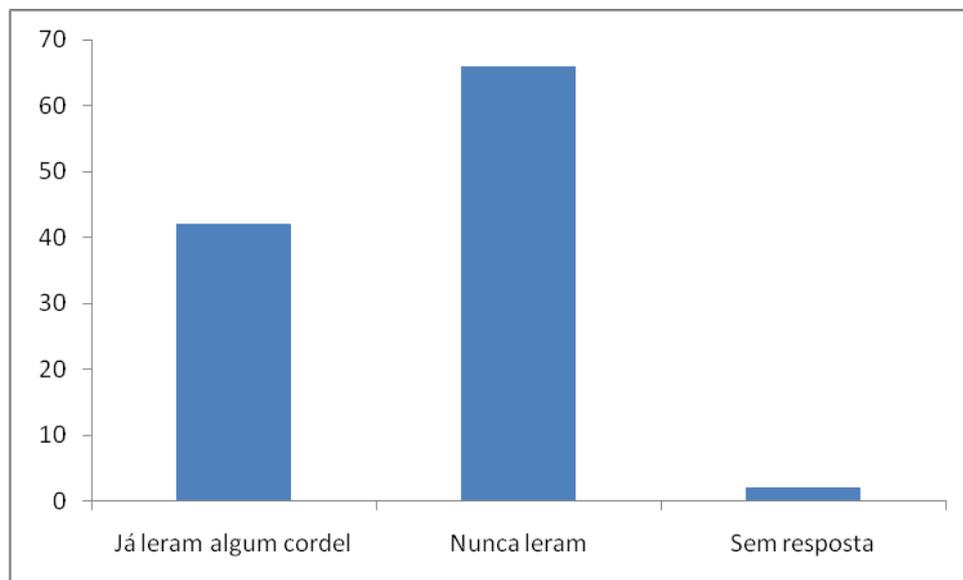


Gráfico 8: A leitura de cordel

Das respostas positivas, observemos as que se referiam a Cordéis cômicos. Estes sempre são bem citados, pois a literatura cômica é quase como uma definição do que é Cordel:

“Eu gosto que é muito bom para se divertir.”
“Sim. Já li de seu lunga e outros, eu gostei.”
“Já, mas não lembro do nome. A história se tratava de uma comédia romântica”
“Sim. Pelo menos é bem divertido.”
“Sim, foi bom.”

Há também predileção pela temática da traição. O termo “corno” se tornou popular no Brasil através da Literatura de Cordel e, é claro, por fazer zombaria a terceiros:

“Sim, sobre o tema traição. Um tema empolgante, irreverente. Em fim, muito bom.”
“Sim, um que falava da mulher que desejava um marido, e foi muito divertido.”

Ainda nos cômicos, houve a identificação de um personagem, Seu Lunga, que diferentemente dos já citados em capítulo anterior, Pedro Malazartes, João Grilo e Cancão de Fogo, é alguém de carne e osso que, por ser muito conhecido por sua ignorância, foi transformado em personagem da Literatura de Cordel, tornando-se sinônimo e símbolo popular da própria ignorância. O curioso é que se criou o costume de as pessoas chamarem umas as outras de Seu Lunga, quando alguma delas age com rispidez:

“Sim, eu não sei o nome mais falava de seu lunga.”
“Já li sobre seu Lunga; São engraçados.”
“Sim. Seu lunga foi muito legal e *engrasado*.”
“Sim, seu lunga. Gostei foi *interessante*.”
“Sim. Sim Lunga, e eu achei até um pouco engraçado porque ele *trás* os temas do nosso cotidiano.”

Um ponto relevante é o tratamento dado ao Cordel. Os alunos responderam, informando ter lido e gostado de um folheto, porém não conseguem lembrar seus títulos:

“Sim, mas não me lembro.”
“Sim, foi de amor, era uma história muito linda.”
“Já li mas não me recordo do nome.”
“Sim, não me lembro, mas eu gostei muito.”
“Sim, mais não lembro qual foi.”
“Sim, agora a memória falha, neste momento não me lembro.”
“Sim. Mas não me lembro o nome e achei muito legal.”
“Sim, mais não me lembro o nome, era muito interessante.”

Outros lembravam perfeitamente dos títulos, da temática ou do enredo das histórias:

“Sim, as *ingnoranças* de seu Lunga, a chegada Lampião ao céu.”

“Já (Maria Bonita, etc.) a leitura de Cordel é uma forma de você ficar por dentro de tudo da nossa cultura.”

“Sim, o pescador apaixonado, ele se aventurou em *auto-mar* em busca de sua amada, naufragou e passou muito tempo em náufrago numa ilha e ficou comendo ostras até morrer, é uma história triste mas marcante e que toca o coração.”

“Já li. Futebol no inferno.”

“Já, futebol no inferno, na minha *opnião* gostei.”

“Sim, seu lunga, enoque e janaina, etc.”

“Sim, economia solidaria, ecologia, amor. São interessantes.”

“Já, A caça, e achei muito bom, muito interessante de se ler.”

“Sim. Foi de um termo religioso da igreja catolica falando de cristo o redentor”.

“Sim. O assunto vai a seca de Pernambuco”

“Sim, falava sobre a catinga, e a vida do vaqueiro, era bem divertido e interessante”

“Sim, um que falava de *paixanhes* de casais, é muito bom porque é divertido e conta como os casais vivem mais de forma divertida.”

Uma resposta apresentou alguns temas preferidos e chamou a atenção para a forma como o Cordel é escrito e transmite suas informações:

“Sim, romance, aventura, tragédia e mídia. São bons pois se trata de uma forma incomum de descrever as coisas.”

Uma das respostas apresentou uma conexão que já vem sendo explorada desde muito: a divulgação de personagens do folclore, como de outras manifestações através do cordel:

“Sim, lobisomem e cumade fulozinha”

Em dois casos, foram apresentadas obras que não foram escritas em Cordel, mas sim inspiradas nele:

“Sim. Seu Lunga, o homem que desafiou o diabo. São divertidos e deveria ter mais livros assim pq muitos não são divertidos.”

“Auto da Compadecida.”

Por fim, a resposta que segue apresenta um tipo de literatura que é segmento da literatura acadêmica, que se trata de um folheto para ser declamado e vendido em locais

públicos, apresentando variados poemas de amor e quase sempre vendidos por seus poetas. É um tipo de impressão que também sofre preconceito da literatura acadêmica por conter “pouca poesia” ou ser de “poesia menor”, que beira a pieguice e a cafonice. Mas que não pode ser confundida com o Cordel, uma vez que não segue os rigores estéticos nos quais o Cordel é fundamentado.

Eis a resposta:

“Sim, pensando em você”

As respostas negativas apresentaram um grande número de “nãos”. Porém algumas mereceram destaque. Elas estão relacionadas ainda à questão da falta de acesso ao Cordel e também à perspectiva de conhecê-lo:

“Não, nunca tive acesso.”

“Não, nunca li.”

“Não recordo.”

“Nunca, mais sou bem curiosa sobre isto.”

Essas respostas demonstram a necessidade de ampliar o acesso das novas gerações à cultura popular, em especial, ao Cordel, resgatando o importante papel da escola na preservação do patrimônio cultural do povo brasileiro, em especial as manifestações populares.

A quinta pergunta de nosso questionário foi: “*Você conhece alguém que recita ou escreve literatura de cordel? Quem?*” O número de respostas de entrevistados que conheciam algum autor ou declamador foi de 20. Houve quatro brancos e 86 dos entrevistados disseram não conhecer alguém que cultivasse Cordel.

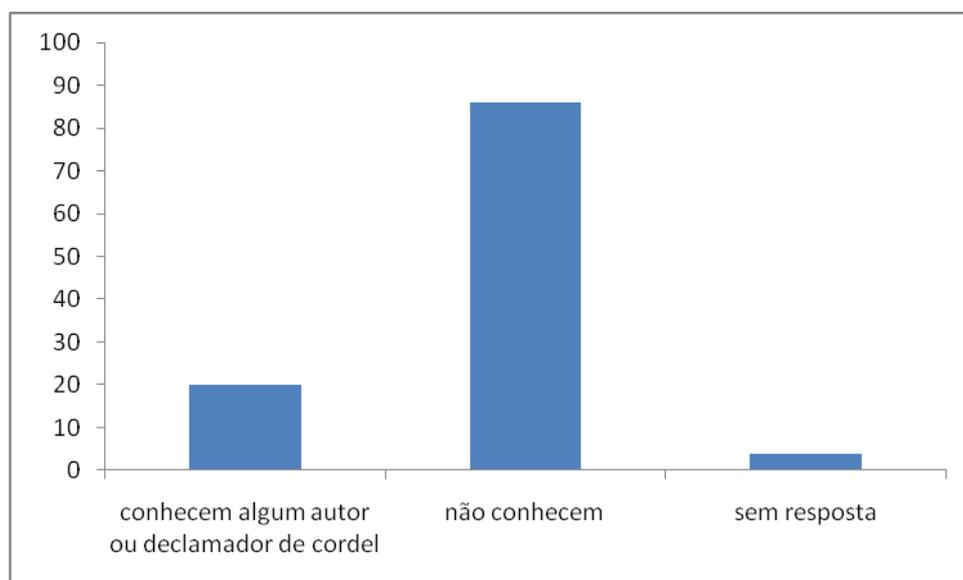


Gráfico 9: O conhecimento de cultivadores do cordel

Dos 20 que afirmaram conhecer algum cultivador do Cordel, em apenas um caso soubemos que não se tratava de um cordelista, mas de uma pessoa que recitava Cordel. Isto porque a resposta do entrevistado especificou o ofício:

“Sim, meu avô recitava.”

Em dois casos, houve a especificação de alguém que escrevesse Cordel, embora o nome fosse desconhecido, e assim o entrevistado não soube dizer o nome do cultivador que conhecia:

“Um amigo meu escreve mas eu não sei o nome dele.”

“Conheço mais não sei o seu nome.”

Em alguns casos, comprovamos que familiares e pessoas próximas dos entrevistados são cultivadores dessa cultura:

“Sim, meu amigo”

“Sim, meu tio.”

“Sim, meu irmão.”

“Sim conheço uma amiga”

“Sim, meus amigos.”

Nos demais, houve seis citações a um professor do colégio que é cordelista, duas citações a José Francisco Borges ou J. Borges, da cidade de Bezerros, que além de ser cordelista é xilogravurista.

Em um caso foi citado o nome de um cultivador da cidade da escola, mas não foi citado se este era declamador ou autor de Cordel:

“Sim, Antonio Nunes (Vitória).”

Nas respostas negativas, apenas uma delas nos chamou a atenção, pois foi a única que apresentou alguma explicação esclarecedora:

“Não, mais em Bezerros onde eu moro tem um *Atelie*.”

Tal resposta é referente ao artista já citado J. Borges, que tem um ateliê muito conhecido na referida cidade. Vemos que realmente essa geração tem pouca afinidade com esse tipo de manifestação popular.

3.5 O Cordel no IFPE *Campus* Vitória de Santo Antão



Figura 18. Fachada do IFPE Campus Vitória de Santo Antão

Já sabendo do contato pregresso do aluno com o Cordel, cabia-nos mapear se na instituição escolar, a Literatura de Cordel era acessada de alguma forma. Assim, ao final o questionário, perguntava em sua sexta e última pergunta: *Você tem contato com a Literatura de Cordel aqui no IFPE Campus Vitória? Como?* Das 110 perguntas, apenas seis responderam de forma positiva, três perguntas ficaram sem resposta e 101 foram respondidas de forma negativa.

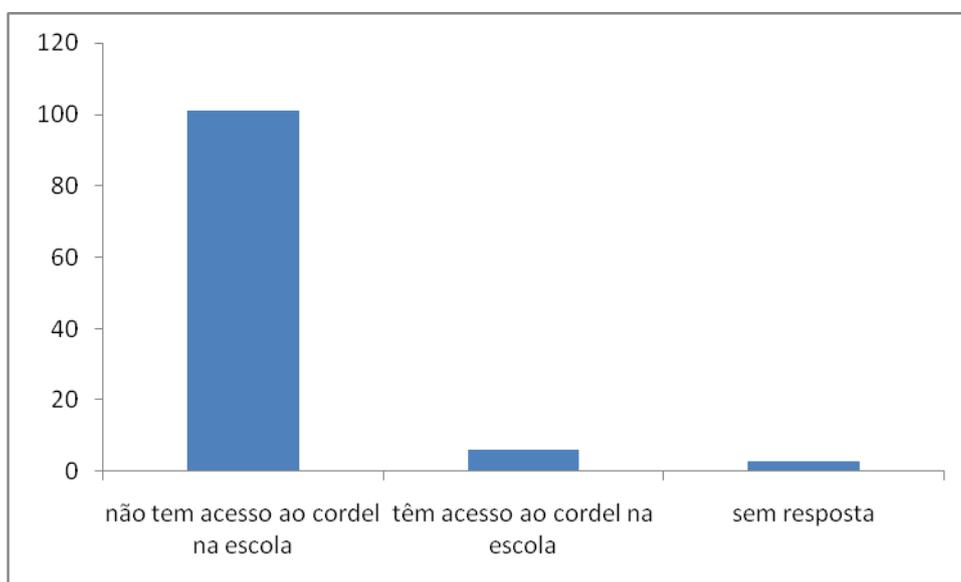


Gráfico 10. O Cordel no IFPE Campus Vitória de S. Antão

Das seis respostas positivas, quatro afirmaram encontrar Cordéis na biblioteca. Apenas uma pessoa disse ter encontrado com as professoras e uma pessoa disse somente “sim”.

Das 101 respostas negativas, muitas delas apresentavam apenas “não” ou “nunca”. Só 13 respostas é que apresentaram alguma palavra a mais.

A maioria dos casos apontou desconhecimento quanto à possibilidade de ler ou encontrar algo sobre a Literatura de Cordel, ou se na escola havia algum tipo de contato com o Cordel:

“Não sei, não conheço.”

“Não. Porque eu não sei se tem.”

“Não que eu saiba! Porém é só pesquisar no computador da escola.”

“Não, ainda não procurei.”

“Não tem contato”

“Não, ainda não procurei na biblioteca do campus.”

“Não, não tenho.”

“Não tenho nenhum contato com a literatura.”

Em quatro casos, afirmou-se ou especulou-se saber que há algum tipo de contato com o Cordel na escola, porém os entrevistados não o usufruem, porque acham difícil o acesso ao Cordel. Vamos às respostas:

“Não tenho, porque é muito *difícil* o acesso.”

“Não tenho contato mais tem alguns disponibilizados para agente na biblioteca inclusive alguns escritos pelo prof. Rafael.”

“Não tenho muito.”

“Não. Porque não costumo ir atrás. Mas creio que existam alguns livros”.

Em visita à Biblioteca da escola, observamos que há um número reduzido de títulos da Literatura de Cordel, menos de dez, embora haja trinta exemplares do livreto de Cordel *Cabeleira & outros cordéis de cangaço*, de Rafael de Oliveira. Entretanto, não há um projeto da escola para que se crie um espaço destinado à literatura popular, apresentando variados títulos ou os poetas das regiões de onde são oriundos os alunos. Seria muito interessante a criação de uma cordelteca na instituição, isto é de que a biblioteca possuísse um acervo de literatura de cordel.



Figura 19. Capa do livreto *Cabeleira e outros cordéis de cangaço*, de Rafael de Oliveira ou Dom Pirrito II. Adaptação em cordel do clássico de Franklin Távora.

O acesso se tornou mais difícil porque nos dois últimos anos muitos livros foram furtados da biblioteca. Os alunos podiam entrar na biblioteca, na área em que os livros estão catalogados, isto é, possuíam acesso às estantes dos livros, mas hoje recebem um tipo de índice onde eles podem escolher o livro para ser lido. Essa metodologia dificulta o acesso ao livro, e impede que o aluno ‘escolha’ mais livros, como é comum acontecer em livrarias e bibliotecas, quando o público é atraído por uma obra ao vê-la na estante, e ao manuseá-la desenvolve o desejo de lê-la. Infelizmente, a falta de acesso direto aos livros é uma prática que reduz o contato do jovem com a literatura e conseqüentemente com a leitura.

3.6 Entrevistas

As entrevistas de nosso trabalho foram realizadas com apenas 10 alunos, escolhidos de forma aleatória, provenientes de uma mesma turma, também escolhida de forma aleatória, no corrente ano de 2011. Vale ressaltar que a maioria dos alunos entrevistados, responderam ao questionário trabalhado nesta pesquisa no ano de 2010.

A escolha da entrevista como instrumento desta pesquisa, surgiu com a finalidade de observamos como nossos alunos se comportariam após vivenciar o Cordel em sala de aula. Houve um trabalho específico sobre Cordel sendo vivenciado em sala de aula, onde os alunos puderam pegar, ler, saber sobre a origem do Cordel e sua importância para o povo nordestino.

O desenvolvimento da entrevista seguiu o mesmo esquema do questionário outrora aplicado.

Ao serem questionados sobre o que é Literatura de Cordel ou o conceito/conhecimento que eles tinham do que era o Cordel, as respostas foram bastante variadas.

Apenas três definiram o Cordel a partir de sua estética de escrita e venda:

“Cordel é um livreto, pelo que eu sei; é vendido em cordas, que fala sobre prosa, canto, fábula...” F.L.D.S.

“Eu achava que era aqueles textos que ficavam nas cordinhas... Hoje é um texto feito mais aqui no interior e que tem diversos autores.” A. C. A.

“Um tipo de Literatura Nordestina com verso e com rima.” T.E.S.S.

As demais respostas poderiam partilhar de um mesmo prisma. É certo que elas variam em algumas peculiaridades, mas, como um prisma iluminado, partem de uma mesma luz. O Cordel é visto como símbolo da cultura, capaz de acoplar em sua estrutura, que o faz ser esse símbolo, a linguagem, o cotidiano, o *modus vivendi* do povo nordestino. São elas:

“Um tipo de mostrar a cultura nordestina em forma de verso, repente. Só que é tipo aqueles versos de música de viola a gente pode ter um cordel que fala de amor, comédia. O cordel é mais pela cultura do povo nordestino.” S.A.

“É uma literatura que assim o repentista, que faz muito verso... inventaram esse tipo de livro pra vender no comércio e porque fala de coisas do dia-dia, da natureza. Li um cordel sobre a tecnologia...” J.R.

“É um negócio bom porque passa informação pra pessoa. Fala das pessoas do passado e de hoje também.” R.Q.

“É a vida retratada, nordestina ou de qualquer outra pessoa que quer comentar... A linguagem é mais nordestina.” D.C.

“Oxe, cordel é muito massa, porque gosto muito de rima. Ele tem uma linguagem assim... de uma pessoa conversando com outra pessoa. É bom porque a gente entende.” T.C.S.

“Cordel... assim... pensava que era tipo uma tradição, não tinha conhecimento, vim saber hoje.” G.S.S.

A maneira a qual os alunos tiveram seu primeiro contato com o Cordel também se confunde numa esfera de conceito. As respostas desse questionamento parecem estar inseridas com as do questionamento anterior. O que aconteceu justamente com a resposta do aluno abaixo:

“O primeiro contato que eu tive, eu tinha uns 12, 14 anos. Era na época que eu morava num sítio, lá em Sairé. Aí assim de brincadeira, meu padrasto morava com a minha mãe e tal, me mostrou um livrinho. Comecei a ler aquilo, e pronto! Mostrava a história de um homem em busca de uma bela amada...” A.D.S.

Dentre os alunos entrevistados, só mais um deles é que apresentou informação semelhante à acima citada; a de que o Cordel foi apresentado através de alguém da família.

“Meu primeiro contato com o cordel foi em Recife. Foi minha tia que trouxe uns cordéis. Depois, eu fui *prum* evento, a Bienal do Livro. E também comprei. Aí comecei a ler.” F.L.S.

Alguns alunos relataram que a vivência realizada em sala, foi o seu primeiro contato, como leitor com o Cordel, apesar de alguns já terem conhecimento por que ‘ouviam falar’ na família do Cordel, mas jamais terem lido algum folheto anteriormente à vivência:

“Minha vó gosta de cordel. Ela disse que quando era menina, lia cordel. Tinha muito isso... se o senhor não tivesse trazido pra gente hoje, eu nunca ia ler. Nunca... Eu vi agora na escola (na vivência), porque o senhor trouxe. Aqui em Vitória nem tem muita livraria...” T.C.S.

“Hoje foi o primeiro contato com o cordel (na vivência). Achei divertido. Li o João Grilo e o Futebol no Inferno.” G.S.S.

“Hoje foi meu primeiro contato com o cordel (na vivência). Achei ele meio estranho.” D.C.

“Nunca tinha ouvido falar em xilogravura. Nuca tinha lido nenhum folheto.” T.E.S.S.

“Eu nunca tinha lido cordel, vi foi na aula (na vivência).” R.Q.

“Tudo que vi de Cordel foi aqui na escola (na vivência).” J.R.

Os demais alunos também expuseram como foi seu primeiro contato com o Cordel:

“Na escola, eu era 5ª série. Passou um homem que escreve, na escola. Ele disse: qualquer valor que você me der, eu aceito. Li um folheto e achei bem interessante. O nome eu não lembro, não.” S.A.

“Li na escola quando era sétima série, eu acho.” A.C.A.

É interessante destacar a participação de parentes mais velhos, no caso uma tia e o padrasto, que conheciam o Cordel e o transmitiram aos jovens. E a memória de uma avó que lia Cordel quando menina. Nos demais, a presença da escola foi fundamental, como espaço de vivência cultural, recebendo artistas ou promovendo eventos sobre o Cordel, para que o aluno tivesse algum conhecimento sobre esse gênero textual.

“Li uns dez, de vários tamanhos, do normal e do grande. Também li na escola; uns professores trouxeram... na escola lá em Recife.” F.D.

“Eu não vejo muito, não...Na escola levaram um monte de Cordel, e distribuiu pro povo (em Jaboatão dos Guararapes).” A.C.A.

As respostas expostas acima demonstram que os alunos que estudaram no Recife e no Jaboatão, tiveram uma vivência diferente do grande grupo, pois tiveram contato com o Cordel através da escola. Numa visão mais ampla, a Região Metropolitana do Recife aparenta tratar com mais afinco o discurso de cultura local. O que não é visto com abrangência nos alunos do interior, que viram o Cordel por um acaso ou nunca viram.

Uma das causas principais, apontada pelos alunos, para que o Cordel não esteja em sua bagagem de conhecimento ou *background*, corresponde ao que fora exposto na análise dos questionários: o Cordel é pouco valorizado ou vivenciado nas suas cidades. A falta de contato com esse tipo de literatura dificulta tanto o acesso do jovem – a maioria nunca leu um folheto – ampliando o desconhecimento sobre o Cordel.

Tal opinião confirmou-se em algumas entrevistas:

“Cordel em Vitória a gente não vê quase nada, porque nem tem... Eu vi cordel quando criança numa livraria, mas ela não vende mais cordel.” T.C.S.

“Na minha cidade (Barra de Guabiraba) é difícil de ver. Eu vejo violeiro em Bonito.” A.D.S.

“Na minha cidade (Barra de Guabiraba) não tem cordel, mas já vi repente.” D.C.

“Já vi cantar repente, num bar em frente de casa. Toda semana eles vão... Nunca vi (Cordel) por aqui (Vitória de Santo Antão), não.” T.E.S.S.

“Tem uma feirinha da prefeitura (Ribeirão). Feira de artesanato, mas o Cordel é só pra exposição, não era pra vender.” S.A.

“É raro aparecer, mas já vi na cidade (Cumarú).” R.Q.

Dos entrevistados, seis deles viram o Cordel pela primeira vez através da vivência realizada anteriormente a esta entrevista. O que confirma o que vimos anteriormente, a Literatura de Cordel é mais vista pelos alunos oriundos dos grandes centros do que pelos alunos vindos do interior do estado.

A literatura oral é que parece ter mais espaço nas cidades interioranas, não necessariamente na modalidade o Cordel. Alguns dos entrevistados também mencionaram a respeito:

“O repente me chamava a atenção pelo imprevisto. Poxa, como é que o cara faz um negócio desse?”

“Eu conheço Heleno Rosa e Canarinho, de Bonito, que são cantadores de repente. Meu tio contratou eles pra tocar no sítio” A.D.S.

“Já vi um de repente. A pessoa do nada faz aquilo ali, no pandeiro. Foi tipo embolada” R. Q.

Para alguns alunos do interior, o Cordel é encontrado apenas nos consagrados polos culturais:

“Só vejo quando vou pra Caruaru. O forte do cordel é em Caruaru. Quando eu vou à feira da sulanca, tem um monte de cordel pregado no pregador.” T.C.S.

“Eu nunca tinha visto cordel. Tinha ouvido falar. Tem um senhor perto da minha casa que é feito J. Borges. Ele faz aquele desenho na madeira, ao contrário... Mas não sei o nome dele.” G.S.S.

“Nunca vi cordel pra vender em outro lugar, só em Caruaru...” A.D.S.

“Já tinha visto Cordel em Caruaru... Eu conheço J. Borges” J.R.

Nas respostas acima, há referências à tradicional Feira de Caruaru e ao Memorial J. Borges, na cidade de Bezerros, dois dos maiores centros de vendas de Cordel do estado de Pernambuco.

Após a leitura dos textos de Cordel em sala de aula, os entrevistados comentaram sobre a nova experiência ou sobre como vêem o Cordel:

“Eu gostei mais do “Futebol no Inferno”. O que me chamou a atenção foi um pouco da rima e Lampião desafiando satanás... A rima deixa o cordel um pouco mais interessante. Dá mais interesse de ler.” F.L.D.S.

“As rimas me chamaram a atenção. Gostei muito do João Grilo. Ele sempre respondia às perguntas. Poderia fazer qualquer pergunta que ele responderia. Gostei porque ele é esperto.” G.S.S.

“O que mais me interessa no cordel é a história. É mais interessante do que livro... o cordel é bastante interessante.” A.D.S.

“Gostei porque é bem divertido, com muitos casos...” D.C.

“Eu gostei das piadas que tem, por causa da linguagem era mais fácil entender...” T.E.S.S.

“Comecei a me interessar semana passada (depois da vivência). É muita realidade que eles falam, do povo do sertão. O que me chamou a atenção foi a rima.” A.S.

“Era um texto-notícia. Achei interessante porque o personagem, homem casou com a porca. E também, um que se casou com uma porca!” A.C.A.

“Achei bom porque nordestino tem alguma coisa.” R.Q.

Cabe destacar o comentário de um aluno, que faz uma crítica à forma como as escolas ‘apresentam’ o Cordel aos alunos; apenas falam dele, mas não incentivam sua leitura:

“Na outra escola falava, mas não incentivava a gente a ler. Os professores sempre falam, mas não levam. Se não ficarem incentivando a gente não lê, não. O senhor levou hoje, eu adorei... até ganhei um...” T.C.S.

Após esta explanação, é importante frisarmos os pontos nela expressos. Os alunos se interessaram pelo Cordel por conta das suas histórias, sejam elas divertidas, sejam elas expondo a realidade do sertão. Assim, destacamos o personagem João Grilo, criado pelo Cordel, reconstruído no teatro de Suassuna, principalmente na frase: “a esperteza é a arma do pobre”. Típico sujeito que para sobreviver utiliza-se de suas artimanhas para enfrentar o mundo, exibindo uma conexão entre o homem e o espaço em que vive.

Algo que também chamou a atenção dos entrevistados foi a linguagem, que se aproxima da fala. Entendamos aqui que não há obrigatoriedade de o Cordel ser escrito em linguagem ‘matuta’, pois os textos tratados na vivência em sala, eram corretos quanto ao uso da gramática. O seu diferencial é a maneira como a informação é transmitida, com construções sintáticas e palavras simples. Com este recurso, o Cordel se aproxima mais do aluno. Um deles nos expõe: “É mais interessante que livro.” cremos que deva ser justamente pelos argumentos acima citados, que constroem essa linguagem.

Além da rima, como recurso sonoro e obrigatório do Cordel, que agradou boa parte dos alunos, outro ponto nos chama a atenção, na última fala expressa: “Achei bom porque nordestino tem alguma coisa.” Se entendemos que a diferença é que faz a identidade, através dos símbolos que esta diferença nos apresenta, podemos dizer que a caracterização do Cordel, desde sua estética de publicação até a sua forma de linguagem, através do que foi exposto pelo entrevistado, é ratificada como elemento da identidade cultural do nordestino.

Entretanto, um problema observado, foi o de um entrevistado ter conhecido o Cordel na escola, mas não tivera a oportunidade de lê-lo. Ele também chamou a atenção para que a escola e seus professores, estimulassem o aluno a ler Cordel. O que ratifica um pensamento já discutido em nossa pesquisa, o de que o Cordel é pouco divulgado.

Os entrevistados ainda expressam um pouco mais da sua aproximação com o Cordel:

“Tive contato no IF com o cordel hoje. Era bom pra mostrar pros outros alunos. Como eu já conhecia, foi bom pra conhecer mais ainda. Vi outros textos...” F.L.D.S.

“Eu perguntei à profa. Rosana e ela me indicou dois cordéis. Ela trouxe pra mim e eu li. Foi aqui na escola.” A.D.S.

“Tudo que eu vi de Cordel foi aqui na escola.” JR

“Quero ler mais e mais! (depois da vivência) D.C.

“Nunca fui *prum* recital de cordel, mas depois de hoje, queria ir.” T.C.S.

De acordo com as falas expressas acima, conseguimos perceber o papel da escola na divulgação dessa literatura: alunos interessados, estimulados a adquirir leitura e informação. Dessa forma, algo nos perturba e lançamos uma pertinente pergunta na complementação deste capítulo: Através do que foi aqui abordado e discutido acerca da presença do Cordel em nossa sociedade, observamos como é de suma importância o papel da escola na transmissão desse gênero textual brasileiro, uma vez que os alunos o assimilaram de forma agradável na sala de aula.

Partindo da experiência realizada e das falas dos alunos, julgamos ser interessante efetuar uma proposta: a de que na instituição a Literatura de Cordel possa ser introduzida nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, apresentada aos alunos nas aulas, como autêntica manifestação da literatura popular e ainda uma ferramenta para o ensino da língua materna. Nossa instituição de ensino agrícola, que recebe todos os anos inúmeros alunos de cidades interioranas como também da região metropolitana, que funciona há mais de cinquenta anos, localizada na região, considerada um dos principais celeiros de cordelistas do estado de Pernambuco, poderia implantar em sua grade curricular, na disciplina de Língua Portuguesa, a Literatura de Cordel como ferramenta no ensino dessa mesma língua. Assim, como acreditamos e defendemos, à luz dos referenciais teóricos estudados, o Cordel deve ser vivenciado a partir de sua estruturação literária, o que seria possível ocorrer em sala de aula, junto com a disciplina de Língua Portuguesa e suas literaturas. O Cordel na escola não pode ser simplesmente, apresentado por uma exposição exótica, na semana do folclore ou em outras datas especiais, mas fazer parte do cotidiano escolar, uma vez que é símbolo da identidade cultural do povo nordestino.

Da mesma forma, seria interessante que houvesse uma maior preocupação das secretarias de educação, municipais e estaduais, em especial do Nordeste e mais especificamente de Pernambuco, os agentes responsáveis pela educação, na região, acerca do uso da Literatura de Cordel na sala de aula, uma vez que sua vivência com o aluno diverte, informa, transmite cultura, e, além do mais, estimula a leitura, um dos maiores problemas da educação de nosso país.

Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1999) mencionam a importância de se utilizar como ferramenta e recursos de aprendizagens as várias formas de manifestações culturais populares escritas, sendo que em Pernambuco especialmente, não há nenhuma manifestação mais apropriada do que a Literatura de Cordel.

Os dados obtidos com a aplicação dos questionários e as entrevistas entre os alunos investigados mostraram-nos uma realidade diversa da que julgávamos encontrar: salvo um percentual reduzido, impera o desconhecimento dos jovens quanto à Literatura de Cordel, e mais ainda a dificuldade de acesso a essa literatura os priva do contato e da vivência com uma das mais ricas manifestações populares do Nordeste brasileiro e do estado de Pernambuco, onde vivem. Essa realidade nos alerta para a necessidade premente da escola proporcionar aos seus alunos o acesso e o estudo da Literatura de Cordel, ampliando a bagagem cultural destes e contribuindo para a construção da sua identidade, valorizando a cultura loco-regional, as tradições culturais no povo, do estado e da região.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Tem pessoa neste mundo
Que já nasce afortunada
Embora que passe tempo
Sem poder arranjar nada
Mas depois vem a fortuna
Lhe pegar de emboscada*

Francisco Sales Arede –
O homem da vaca e o poder da fortuna

Esta investigação sobre a possível influência da Literatura de Cordel no processo de construção da identidade cultural do aluno do Curso de Agropecuária integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Vitória de Santo Antão, chega ao fim com alguns ‘achados e perdidos’, que devemos considerar.

Como visto no último capítulo a investigação foi realizada através de uma pesquisa qualitativa, que utilizou para a coleta de dados, a aplicação de um questionário e a realização de uma entrevista com alunos do curso. Após a análise dos dados coletados, pode-se perceber que a Literatura de Cordel está distante de nosso alunado, tanto daquele proveniente das regiões interioranas como da região metropolitana, na suas cidades, na sua cultura e também na escola.

Esse foi o primeiro ‘perdido’, ainda que não constituísse de todo uma surpresa, a constatação de que o Cordel está quase esquecido entre nosso alunado do meio interiorano. Quem, como eu, vem de família interiorana, em cujo seio se preservou a cultura de apreciar o Cordel, não chega a ficar tão espantado com os resultados aqui encontrados, ainda que estes sejam objeto de grande preocupação. Afinal a Literatura de cordel é um marco constitutivo da identidade cultural do povo nordestino, e a constatação de que entre os jovens, principalmente os oriundos das camadas populares, do interior do Estado de Pernambuco, da zona rural, demonstra as dificuldades da literatura popular tradicional se perpetuar nos meios onde ela foi originária. Isso nos remete à importância da resistência cultural, da preservação da tradição, de sua tradução por releituras que atinjam o público jovem, e resgata o papel da escola nesse sentido.

Vimos ao longo deste trabalho, como a Literatura de Cordel, vem superando paulatinamente os preconceitos de ser considerada uma “literatura menor”, adaptando-se às novas tecnologias de informação e comunicação. O uso das novas tecnologias, principalmente do computador e da internet, são uma forma de divulgação, e mesmo tradução cultural, que tem surtido bons resultados. Entretanto, o Cordel ainda pena com a falta de uma divulgação adequada, principalmente entre as novas gerações. Isso pode ser comprovado, pelos dados analisados, tanto em nossa escola quanto nas cidades de onde nossos alunos são oriundos.

Após o processo de coleta, investigação e análise dos dados que estruturam essa pesquisa, foi possível chegar a alguns questionamentos e conclusões sobre o Cordel em nossa sociedade. Hoje, é possível observar, que o Cordel tem conquistado espaço não só nos centros acadêmicos, mas também nos grandes eventos editoriais realizados na região, e assim vem ganhando mais apreciadores e cultivadores a cada dia. Como morador da Região Metropolitana do Recife, envolvido pessoalmente com

pesquisadores, professores e artistas ligados à Literatura de Cordel, mesmo por que, possuo o mesmo perfil, pois também estudo e produzo cordel, além de ser um professor que o utiliza em suas aulas, vivencio cotidianamente essa ampliação do espaço. Entretanto, se esse espaço se amplia junto as camadas mais escolarizadas e urbanas da população, o mesmo parece não estar ocorrendo entre os jovens com menor grau de escolaridade e oriundos do interior, como foi possível constatar com a análise dos dados.

As dificuldades encontradas para a preservação, divulgação e popularização das manifestações culturais tradicionais nos centros urbanos é cada vez mais evidente. Esse fenômeno foi intensificado após o processo de massificação da cultura com a onipresença dos meios de comunicação de massa, os efeitos da globalização e a imposição de um padrão televisivo nacional produzido no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, que tende a homogeneizar as manifestações culturais regionais, transformadas em produto de consumo voltado para o turismo.

Nesse contexto, a escola pode vir a assumir um papel de resistência cultural importante, apresentando às crianças e jovens, as manifestações artísticas e culturais regionais, fortalecendo a cultura local e a identidade cultural das novas gerações. Esse seria o primeiro e fundamental 'achado' desta investigação: a constatação do papel que a escola pode e deve desempenhar no processo de resgate e disseminação da literatura popular, mais especificamente do Cordel – a temática desse trabalho investigativo.

Ao longo desta dissertação, pesquisamos a Literatura de Cordel nas suas origens portuguesa e brasileira e tentamos expor diferenças e semelhanças entre ambas. Além disso, analisamos o Cordel como identidade cultural do povo nordestino e a ligação que estabelece hoje com a educação, na sala de aula.

Acerca da pesquisa sobre a Literatura de Cordel, que corresponde ao nosso primeiro capítulo *Por entre a Literatura de Cordel: Origens e Veredas*, recorreremos a autores e pesquisadores para expor, de uma forma mais minuciosa, as origens e a estrutura do Cordel. Os textos desses autores muito contribuíram com esta investigação, compartilhando alguns conceitos e ideias, chegando as mesmas conclusões, construídas em leituras, estudos, pesquisas e vivências com e sobre o Cordel. A literatura de cordel, profundamente inserida no mundo da vida do homem nordestino, se constitui em uma tradição cultural tão forte e arraigada que marca a sua identidade, de forma indelével. Nesse sentido, hoje não creditamos sua origem à península ibérica, como se aqui houvesse se desenvolvido um processo de recepção passiva e imitação, mas sim em uma origem híbrida, multicultural, original e autêntica do povo brasileiro e nordestino. O cordel, fiel a uma herança multicultural, evidencia suas raízes européias, africanas e ameríndias, que construíram uma literatura popular com características peculiares, originais, plenamente identificadas e identificadoras de seu povo.

Assim concluo, posicionando-me quanto à origem do cordel brasileiro como fruto da junção das multiculturas herdadas pelo homem nordestino, cordelista, repentista e cantador, sujeito a fluxos e choques culturais diversos, que marcam sua produção, com características de renovação e de conservação. Assim, se não é possível negar os efeitos culturais da colonização portuguesa, podemos afirmar que a resposta cultural que engendrou o cordel como hoje é conhecido e praticado no Nordeste do Brasil tem fortes traços de emancipatórios, identitários e de resistência cultural aos modelos hegemônicos.

No segundo capítulo *Ex aratore orator factus est*, buscamos associar a composição social dos grandes autores do Cordel, aclamando a inventividade e a arte dos cordelistas, pessoas humildes, do povo, sem elevada escolaridade, mas capazes de edificar esse símbolo cultural e literário, que é o Cordel. Hoje o cordel está presente nos

ambientes acadêmicos, rompendo preconceitos, ‘ganhando mundo’, via internet: a “literatura de cego”, dos cantadores populares, hoje é veiculada, estudada e apreciada nas Universidades, objeto de teses e dissertações. Contraditoriamente, na educação básica, o cordel é pouco estudado, não é encontrado nas bibliotecas escolares e nem trabalhado nas aulas de Língua portuguesa e suas literaturas. Quando adentra os muros da escola, a literatura de cordel é vista como folclore, algo exótico, e não uma tradição viva, presente no cotidiano do Nordeste e marco da identidade cultural de sua gente.

Mas lembremos que o Cordel brasileiro é único, porque tem sua estrutura específica, seguindo o rigor da melodia dos repentistas e dos cantadores. Versos melódicos que chamam a atenção das pessoas pelo imprevisto, pela criatividade poética, a agilidade na criação. Uma musicalidade que permeia entre o Cordel, o Repente-Cantoria e a poesia popular. Reforçamos o conceito de que um poema popular não é necessariamente um Cordel. Para ser Cordel é preciso estar no formato impresso de livreto, narrar um fato, fazer um gracejo, criar personagens, ter no mínimo oito páginas de um folheto. Um poema popular pode seguir outras métricas e estrofes. O Cordel como cultura retrata o homem do cotidiano, com uma linguagem simples, com fatos engraçados ou tristes pelas amarguras da seca, do desemprego, do sertão, da capital e seus medos, do anacronismo dos acontecimentos. E assim, por ter sua própria estrutura específica e que o diferencia dos demais, o Cordel representa uma identidade, porque é um símbolo do povo, de uma cultura viva e mutante.

O terceiro capítulo *O Cordel e a Escola: o verso no meio do povo* nos apresentou aos alunos, muitos deles vindos da Zona da Mata, da própria cidade de nossa escola, Vitória de Santo Antão, do Agreste e da Região Metropolitana do Recife, sujeitos da pesquisa e analisou os dados obtidos na investigação. A partir das respostas dos alunos ao questionário apresentado e de suas falas foi possível construir um conceito sobre o cordel, segundo a percepção dos mesmos, e constatar o grau de conhecimento desses jovens sobre essa forma de cultura popular. Vimos que muitas das opiniões dos alunos eram formuladas de forma incipiente, aligeirada, parcial, ainda que de vários fossem criativas e muitas demonstravam serem eles também conhecedores do Cordel. Enfim, respostas diversas para pessoas e cidades diversas, embora tenhamos visto muitas respostas negativas, que denunciavam o distanciamento dos jovens da literatura popular tão característica da identidade do povo nordestino e pernambucano.

Essa investigação nos mostrou que uma forma de minimizar ou evitar que se amplie a tendência das novas gerações desconhecerem seu patrimônio cultural, é fundamental envolver escola, num processo sistematizado de resistência cultural. O desconhecimento da cultura popular tradicional nordestina, de que o cordel é uma das manifestações mais fortes, no nosso entendimento, constitui um grave problema a ser enfrentado pela educação, desde o ensino fundamental, sob pena de perda dos valores culturais com impactos negativos para a identidade cultural do povo brasileiro.

Como já dissemos, nossa instituição, o IFPE campus Vitória de Santo Antão, está localizada na região central da Zona da Mata, berço de poetas populares como João José da Silva, Severino Milanês, Jotabarro, Zé de Boô, Seu Pirrito e de muitos mestres de Maracatu Rural, que também se utilizam da poesia popular para entoar suas loas e cantos. Assim, julgamos ser importante que ela se envolva de forma efetiva nesse trabalho de apresentar às novas gerações a Literatura de Cordel.

Vemos a escola como esse centro educativo e ilustrador do pensamento, aberta a inovações de ensino e a estratégias de aprendizado, e, portanto, capaz de trazer o Cordel para a sala de aula, superando o tratamento deste apenas como exotismo ou folclore, superando o preconceito e o distanciamento dos jovens das manifestações literárias populares. Cordel não é literatura de gente que não sabe ler ou escrever direito, mas de

gente que retrata seu mundo e se identifica nos versos lidos. E o alunado, como visto, embora tenha gostado e se interessado pelo Cordel, expôs de forma contundente as dificuldades de acesso a essa forma de literatura, tanto na escola quanto nas comunidades em que vivem. Não é possível gostar e apreciar algo que não se conhece, ao qual o acesso é limitado ou inexistente.

Por fim, acreditamos ser necessária uma nova postura a ser tomada pelas instituições escolares, por professores e por gestores, particularmente em nossa instituição, a partir dos dados desta investigação: a introdução da Literatura de Cordel na sala de aula, não de forma aleatória, sazonal ou espontânea, mas sistematizada e oficializada nos currículos. Se um dos grandes problemas da educação brasileira é a falta e o estímulo à leitura, temos o Cordel como um abre-alas para esse prazer de viajar entre duas capas, trazendo-o ao nosso convívio, edificando a cultura de nossa gente e região, o Nordeste Brasileiro.

Assim, a guisa de conclusão, necessariamente provisória e incompleta, vemos que os jovens investigados, principalmente os oriundos dos meios rurais, apresentam um grave desconhecimento do que seja Literatura de Cordel, demonstrando que esta manifestação cultural está cada vez mais inacessível às camadas populares, que habitam os sertões nordestinos. Os jovens relatam que não encontram mais, como era comum às gerações que os antecederam, Cordéis à venda nas feiras, e ainda denunciam, que nas escolas que frequentaram, também não foi possível o contato mais próximo com esta literatura popular. Essa dificuldade de acesso é associada à desvalorização que este gênero literário sofre, atualmente. Como contraponto, vemos que nos meios urbanos, nos grandes centros, a Literatura de Cordel tem ampliado seu público, entre as camadas médias e com a alta escolarizada, devido à crescente valorização do gênero pela academia, pelo uso da internet, pelo incentivo dos crescentes eventos do campo editorial, entre outros fatores.

No momento atual, em que concluímos este estudo, a Rede Globo de Televisão, está apresentando uma novela 'Cordel Encantado' inspirada no universo do cordel, no que tange à sua temática, com princesas, reinos, cangaceiros, tramas e personagens misteriosos. A apresentação do folhetim televisivo utiliza imagens inspiradas em xilogravuras, e a produção se esmera nos figurinos e cenários típicos de uma cidade do interior do nordeste, retratando os costumes, a linguagem, as credences típicas da região. Esta novela é mais um exemplo da valorização da literatura de cordel, embora a trama desande na exibição de cantadores ou folhetos à venda. O sucesso obtido por essa produção é imenso, com altos índices de audiência, numa demonstração que a temática do cordel encontra apreciadores em larga escala, sendo, no entanto, necessária a sua divulgação. .

São imensas as dificuldades a serem superadas para a preservação do patrimônio cultural, principalmente de cunho regional e local, matriz da identidade do homem brasileiro, nas diversas regiões, em nosso caso específico, do homem nordestino. Nesse sentido, a escola pode desempenhar um papel fundamental nesse processo de resistência cultural, fortalecendo a cultura local e favorecendo a construção da identidade cultural das novas gerações. A Literatura de Cordel é um patrimônio do povo pernambucano, nordestino e brasileiro que não pode ser perdido: este é o libelo deste esforço investigativo.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

_____. “Então se forma a história bonita”- relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: ano 10, n.º22, jul./dez/2004,p.199-218.

ACCIOLY, Marcus. **Guriatã: um cordel para menino**. Recife: Bagaço: 2005, 183p.

ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de Cordel – por que e para que trabalhar em sala de aula. In: **Revista Fórum de Identidades**. Aracaju: Ano 2, Volume 4 – jul-dez de 2008 p. 103-109.

AMORIM, Maria Alice. Os primórdios no Brasil. In: **Revista Continente Documento**, janeiro de 2003, nº6..

_____. **No Visgo do Improviso ou A peleja virtual entre cibercultura e tradição**. São Paulo, PUC, 2007.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **Cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. Petrópolis: Editora Vozes. 4ª edição, 1982.

AYALA, Maria Ignez Novais. **No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina**. São Paulo: Ática, 1988.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico o que é, como se faz**. São Paulo, Brasil, Loyola 1999.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261 – 306.

BARROS, Leandro Gomes de. **Juvenal e o Dragão**. Folheto de cordel.

BATISTA, Otacílio & RAMALHO, Zé. Mulher nova bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor. In: **Décimas de um cantador**. Manaus: Sony Music. 2003

BELINAZO, Denadeti Parcianello & JACOMELLI, Jussara. Diversidade e hibridismo culturais: bases de desenvolvimento regional. **Revista FAE**. Curitiba: v. 9, nº 2, p 1-12. Jul/dez 2006.

BORGES, José Francisco. **A vitória de Arraes e a alegria do povo**. Folheto de cordel.

BRAIT, B. **A Personagem**. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 3ª Edição, 1987.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1999.

CÂNDIDO, A. Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias) In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 8, São Paulo, USP, 1970, pp. 67-89.

CARVALHO, Ernando Alves de. **História do Reino Encantado da Pedra Bonita**. Recife: Editora Coqueiro, 2004.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada. Coleção reconquista do Brasil, volume 81, Edição n/d, 1984.

_____. **Os cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953.

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CURRAN, Mark J. (Introdução e seleção). **Cuíca de Santo Amaro: controvérsia no cordel**. São Paulo: Hedra, 2000.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. A Literatura de Cordel do Nordeste. In: **Literatura Popular em Verso**. Rio de Janeiro: Mec/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

DINIZ, Madson Góis. **Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular**. Recife: UFPE-Hipertextus, volume 1, 2007.

DUTRA, Verônica & FIGUEIROA, Bianca. Uma viagem pela literatura de Cordel. **Revista Passagem**. Vitória de Santo Antão: FAINTVISA, 2002.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel na sala de aula. In: BRANDÃO, Helena (coord.). **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez Editora. 3ª Edição, 2002.

FARIAS, Marco Haurélio. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

FERREIRA, João Melchíades. **Roldão no Leão de Ouro**. Folheto de cordel.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Globalização e identidade cultural na América Latina**. 2ª edição. São Paulo: CELACC, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FONSÊCA, Alexandre Vítor de Lima; FONSÊCA, Karen Sheron Bezerra. **Contribuições da literatura de cordel para o ensino da cartografia**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2357/2038>. Acesso em: 16/09/2009

FONSECA, G.C.; ALVES, M.H.N.P.; CAVALCANTE, A.P.P. **Áudio/voz: uma ferramenta online como recurso para a oralidade do cibercordel**. Campina Grande-

PB. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0239-1.pdf>. Acessado em: 10 de janeiro de 2011.

GIDDENS, E. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São. Paulo: Atlas, 1999

GOMES, Américo & HONÓRIO, José. **Peleja Virtual entre Américo Gomes (PB) José Honório (PE)**. Folheto de cordel. Disponível em: <http://www.josehonorio.com.br/marco.html> Acessado em: 23 de novembro de 2009.

GONZÁLEZ, Mario M. **O romance picaresco**. São Paulo: Editora Ática. Série Princípios, 1ª Edição, 1988.

GUINZBURG, C. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento Pós Metafísico**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª edição, 2006.

_____. **A questão da identidade cultural**. Campinas: 1995. p. 7-102 (Textos didáticos, n. 18).

HONÓRIO, José. **O marco cibernético**. Disponível em: <http://www.josehonorio.com.br/marco.html>. Acessado em: 23 de novembro de 2009.

LEITÃO, Cláudio. Cultura de massa e cultura popular. In: SAMUEL, Roger (org.) **Manual de teoria literária**. São Paulo: Vozes 1984, p.172.

LEITE, José Costa. **A Voz de Frei Damião**. Folheto de cordel.

LIMA, Claudilaine & GUEDES, Sandra. **O reino mágico da xilo(gravura)** Disponível em: http://unicap.br/armorial/35anos/trabalhos/o-reino_xilogravura.pdf. Acessado em: 10 de janeiro de 2011.

LIMA, Antônio Klévisson Viana de. **O universo do Cordel**. Folheto de cordel.

LIMA, Arievaldo Viana de. **Acorda Cordel**. Folheto de Cordel.

_____. (org.). **Acorda cordel na sala de aula – a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação**. Fortaleza – Mossoró: Tupynanquim editora / Queima-bucha, 2006.

LIMA, João Ferreira de. **As proezas de João Grilo**. Folheto de cordel.

LOPES, José Ribamar (org.). **Literatura de Cordel Antologia**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

LÜDKE M. & ANDRÉ, M.E.D.A.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986 p.11.

MARTINS, Cristiane Roberta; SPIRLANDELLI, Ricardo Rejani; MAGALHÃES, Samuel Pires. **Literatura de Cordel em sala de aula: um estudo do gênero**. Franca, SP: Uni-FACEF, 2008.

MARTINS, Velda M. A. **Evasão e repetência no ensino técnico agrícola: um estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Campus Agrícola de Vitória de Santo Antão – PE**. Dissertação de Mestrado em Educação Agrícola. Seropédica, PPGA/UFRRJ, 2010.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?** Rio de Janeiro: Crodecri, 1980.

MEDEIROS, Antônio Américo de. **Os mestres da literatura de cordel**. Folheto de cordel.

_____. **Lampião**. Folheto de Cordel.

MELO, Elomar Figueira de. Cantiga de Amigo. **...Das barrancas do rio Gavião**. Estrada Itapicuru-RJ: Polygran/Fontana, série reprise, 1982. Faixa 6.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 4ª edição, 2000.

MEURER, José Luiz. **Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais**. In: MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). **Gêneros textuais**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NEVES, José Luís. Pesquisa Qualitativa: Características, Usos e Possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. V. 1, No 3, 2o sem/1996

OBEID, César. A Importância da tradição na cultura popular. In: **Revista Viver e Educação**. Março/abril de 2008, p. 44-45.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. Efeito e Recepção: leituras e leitores de cordel no espaço urbano. In: **Revista de Letras** n.º 21. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.

OLIVEIRA, Paula Marciana Pinheiro; REBOUÇAS, Cristiana Brasil de Almeida; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. **Literatura de cordel como meio de promoção para o aleitamento materno** http://www.eean.ufrrj.br/revista_enf/20082/05_ARTIGO_01.pdf. Acessado em 11 de março de 2011.

OLIVEIRA, Rafael Augusto Costa de. **O Auto da Glória do Goitá**. Recife: Editora Livro Rápido, 1ª edição, 2007.

OLIVEIRA, Waldemar & OLIVEIRA, Luiz. A Roseira (onde a moça mijou). In: **Mestre Ambrósio**. Recife: Videolar Multimídia, 1995, faixa: 13.

PINHEIRO, Hélder e LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Literatura & Ensino: Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel do Brasil e o cordel de Portugal: possíveis diálogos. In: **SOLETRAS**, Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Ano IX, Nº 18. São Gonçalo: UERJ, 2009. pp.117-132.

_____. O Cordel como Campo de Intercâmbio e Tensão de Valores Culturais. In: **Revista Litteris**. Ano II. Nº.2. Rio de Janeiro, maio de 2009. pp.1-7. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/cordel/pdf/pdf>. Acessado em: 30 de maio de 2011

PIRRITO, Rodrigo. **O código Macunaíma ou o Encontro de Makunaima com o trio Roraimeira**. Folheto de cordel, 2008. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/cordel/1285659>. Acessado em: 10 de janeiro de 2011.

POWELL, E. **Freedom and Reality**. Farnham: Elliot Right Way Books, 1969.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do Cordel**. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 2da. Edição, 1977.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1ª edição, 1964.

RAMALHO, Zé. Beira-Mar. In: **A peleja do Diabo com o Dono do Céu**. Manaus: Sony Music. 2003, faixa 4.

RESENDE, José Camelo de Melo. **Coco Verde e melancia**. Folheto de cordel.

REZENDE, Emerson de Azevedo. **O dia em que Jesus não quis subir ao céu**. Folheto de cordel.

RICARTE, Alyne B. F. Virino. **O Folheto e a História no Folheto - Práticas e Discursos Culturais do Cordel de Circunstância em Fortaleza (1987- 2007)**. Fortaleza: UECE, 2009

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha**. Edición de IV centenario. Madrid: Real Academia Española. 2004.

SALLES, Allan. **Só a rola que endurece sem perder sua ternura**. Recife: Editora Coqueiro, 2011. Folheto de cordel.

_____. **Aprendi sem a gramática que amor não tem tradução**. Recife: Editora Coqueiro, 2011. Folheto de cordel.

SANTANA, Doralice Pereira de & AGUIAR, Marília Ana de Moura. **Peleja virtual; um novo gênero do discurso?** Disponível em: http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.21.2/Doralice_Santana&Marilia_Aguiar.pdf. Acessado em: 10 de janeiro de 2011.

SANTOS, Francisca Pereira. **Memória de produção das vozes femininas na poética do cordel.** Disponível em: <http://www.apropucsp.org.br/apropuc/index.php/revista-cultura-critica/31-edicao-no06/248-memoria-e-producao-das-vozes-femininas-na-poetica-do-cordel>. Acessado em: 12/01/2009

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê.** Folheto de cordel.

SARAIVA, Antônio José & LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa.** Porto: Porto Editora, 1955.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel.** Disponível em: www.ablc.com.br. Acessado em 23 de novembro de 2009.

SILVA, Isabelle C.M. (2011). **A política de "educação inclusiva" no ensino técnico-profissional: resultados de um estudo sobre a realidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - campus Vitória de Santo Antão.** Dissertação de Mestrado em Educação Agrícola. Seropédica, PPGEA/UFRRJ, 2011.

SILVA, S.P.; LUCENA, K.G.M.; LUCENA, C.R.S.; SOUZA, C. O.; ARAÚJO, W. E.; TENÓRIO, A.C.; ARCANJO, J.G. **Literatura de Cordel e Ensino: uma linguagem alternativa que promove a interdisciplinaridade.** Recife: Revista Encontros de Vista, 5ª edição, 2010.

SPINA, Segismundo. Introdução. In: VICENTE, G. **O Velho da Horta. Auto da Barca do Inferno. A Farsa de Inês Pereira.** São Paulo: Ateliê editorial, 1998. P. 20-21

SUASSUNA, Ariano. **Romance da Pedra do Reino e O Príncipe do Sangue do vai-e-volta.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 5ª edição, 2007.

_____. **Seleta em Prosa & Verso.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2ª edição, 2007.

TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira.** Série Bom Livro. São Paulo: Editora Ática, 4ª edição, 1981, p.13.

VICENTE, G. Auto da Barca do Inferno. In: **O Velho da Horta. Auto da Barca do Inferno. A Farsa de Inês Pereira.** São Paulo: Ateliê editorial, 1998.

VELOSO, Siba. **Meu time.** In: **Siba e Fuloresta – Toda vez que eu dou um passo/ O mundo sai do lugar.** São Paulo: brazil música, 2007, faixa 8.

WOODWARD, Kathryn. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Editora Vozes, 9ª edição, 2000.

6 ANEXOS

Anexo 1 – Questionário Estruturado Aplicado aos Alunos



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola
Mestrado em Educação Agrícola



Questionário-pesquisa para dissertação de Mestrado do Prof. Rafael de Oliveira acerca da Literatura de Cordel em sala de aula

1 – O que você entende por Literatura de Cordel ?

2 – Como você vê a Literatura de Cordel hoje na sua região ?

3 – Você costuma ler Literatura de Cordel ? Em caso positivo, quais temas na Literatura de Cordel você prefere ler ?

4 – Você já leu algum folheto de Cordel? Qual (quais)? Dê a sua opinião ?

5 – Você conhece alguém que recita ou escreve literatura de cordel ? Quem ?

6 – Você tem contato com a Literatura de Cordel aqui no IFPE Campus Vitória?
Como?

Anexo 2 – Material Didático Aplicado na Vivência de Cordel em Sala de Aula

VIVÊNCIA DE CORDEL EM SALA DE AULA

Professor: Rafael de Oliveira

A LITERATURA DE CORDEL

UM “MÓI” DE HISTÓRIA

No final do século XIX, o poeta Leandro Gomes de Barros publicou pequenos romances versados em tipografias da cidade do Recife, que narram histórias voltadas aos princípios da sabedoria popular, sobretudo o costume da região nordeste do Brasil, adaptados e inspirados nas canções de gesta da Idade Média européia. Dessa forma, surgia no contexto histórico de tal época, a maior manifestação literária produzida no país, a Literatura de Cordel.

O cunho Literatura de Cordel tem sua origem na Península Ibérica. Porém, como afirma Ivan Cavalcanti Proença (1977, p. 23) *quanto à época de surgimento da Literatura de cordel ou literatura popular em verso, não se encontrou até hoje uma definição precisa. Sabe-se apenas que foi assimilada em Portugal antes do século XVII, como originária dos romances tradicionais (...), como, por exemplo, a história do imperador Carlos Magno.*

O QUE É CORDEL

É uma literatura
Cujos temas hoje são
Aproveitados na música
Cinema e televisão
O seu valor literário
É de uma grande expansão

Vai da história real
Até as lidas e mitos
E com essa acepção
Escritores eruditos
Com essa literatura
Enriquecem seus escritos

O cordel no mundo inteiro
Está chamando atenção
Em teses de doutorado
E de pós-graduação
É nos Estados Unidos,
Na Rússia, França e Japão.

Do humilde chão da feira
E do simplório barbante
O cordel evoluiu
Segue rota triunfante
Estudar esse fenômeno
É um caso interessante.

DE ONDE VEIO O CORDEL

Não se sabe exatamente
O cordel de onde veio
Alguns afirmam que os mouros
Lhe serviam de correio
Até a Península Ibérica
E de lá pro nosso meio.

Pois lá na Península Ibérica
Cordão se chama cordel
Onde eram penduradas

As folhinhas de papel
Nascendo daí o nome
Desta cultura fiel.

COMO CHEGOU AO BRASIL

O cordel viajou sempre
Nessa marcha cultural
Conduzindo a influência
Da cultura oriental
Embora o seu nome seja
De origem provençal

Menestréis da Idade Média
Narravam grandes contendas
Batalhas de Carlos Magno
E traços de velhas tendas
Trazidas lá das Arábias
Em origens parlendas

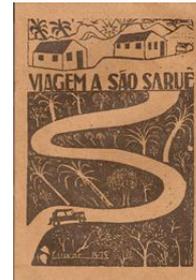
O cordel sempre cresceu
Numa dimensão tamanha
Espalhou-se pela França
Em Portugal e Espanha
A existência dos fatos
Lhe servindo de campanha

A viagem que Américo
Vespúcio fez ao Brasil
Foi decantada em cordel
Trazendo alegrias mil
Narrando todos os fatos
Sem faltar vírgula nem til

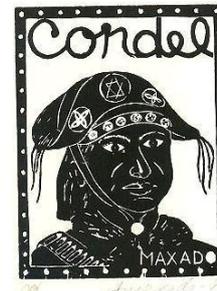
E o novo continente
Com essa celebração
Ganhou o nome de América
Pela designação
Que vem do nome de Américo
Eis aí a relação.

(Arievaldo Viana e Zé Maria de Fortaleza)

CORDÉIS FAMOSOS



XILOGRAVURAS



Anexo 3 - Termo De Consentimento

A presente entrevista tem como objetivo identificar e analisar a percepção de pessoas com necessidades educacionais especiais em relação a sua condição e interação na sociedade. A mesma faz parte de uma atividade acadêmica do Curso de Mestrado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) com o intuito de obter dados para pesquisa na área da Educação Inclusiva.

_____, aos ter lido, entendido as informações e esclarecido todas as minhas duvidas referentes a este estudo **CONCORDO VOLUNTARIAMENTE** em participar desta entrevista.

_____ Data : ____/____/____

Assinatura do entrevistado

Anexo 4 - Termo de Consentimento Institucional

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Instituto de Agronomia
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA

Mestranda: Rafael Augusto Costa de Oliveira
Orientadora: Dr^a. Lucília Augusta Lino de Paula

TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezada diretora

A Educação Inclusiva tem se tornado tema para diversos debates e está sendo uma realidade, por isso os estudos nessa área são diversos. Neste sentido propomos um estudo com objetivo de problematizar a Inclusão e Permanência de alunos com deficiência física no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco *Campus* Vitória de Santo Antão.

Será realizada uma pesquisa em sua escola, observando o espaço físico da escola e realizando entrevistas com alguns professores e alunos com necessidades especiais.

O requerimento referente à realização desta pesquisa foi protocolado na Prefeitura

Assim, gostaríamos solicitar autorização para realizar este estudo, através da observação e registro fotográfico do seu espaço físico. O trabalho poderá ser apresentado em eventos científicos ou em publicações em revistas científicas.

Ao assinar este documento, permanece a possibilidade da retirada do seu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Eu, _____, após a leitura deste documento, estou de acordo com a realização do estudo, autorizando a participação da Escola _____, por mim dirigida.

Assinatura: _____

Nº do RG: _____